



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara

SÍLVIA MARIA BRANDÃO

**ALTERNÂNCIA VERBAL EM CONSTRUÇÕES
CONDICIONAIS – UM FENÔMENO VARIÁVEL?**



Araraquara/ SP
2018

SÍLVIA MARIA BRANDÃO

**ALTERNÂNCIA VERBAL EM CONSTRUÇÕES
CONDICIONAIS – UM FENÔMENO VARIÁVEL?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, Campus de Araraquara - SP, como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CAPES

Araraquara/SP
2018

Brandão, Sílvia Maria
Alternância verbal em construções condicionais - um
fenômeno variável? / Sílvia Maria Brandão - 2018
145 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. alternância verbal. 2. combinações modo-temporais.
3. condicionais potenciais. 4. variação
morfossintática. 5. variação e mudança linguísticas. I.
Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SÍLVIA MARIA BRANDÃO

ALTERNÂNCIA VERBAL EM CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS – UM FENÔMENO VARIÁVEL?

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, Campus de Araraquara - SP, como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 26/01/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
Universidade Estadual Paulista – UNESP / FCLAR

Membra Titular: Profa. Dra. Livia Oushiro
Universidade de Campinas – UNICAMP/ IEL

Membra Titular: Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Às duas grandes mulheres,
condições *sine quibus non*,
Creusa e Rosane

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Luz maior que rege as inexplicáveis coisas mais belas deste mundo e que cuida de mim desde sempre. É nessa Luz onipresente que me ancorei nos momentos de medo e insegurança ao longo do mestrado, e é também nessa Luz plácida que prossigo pela carreira acadêmica.

Agradeço à personificação do amor e da ternura em minha vida, que cuida de mim com uma força sem igual desde que vim ao mundo, a quem tudo devo: Creusa, minha mãezinha linda. Acalentam meu coração e vivem meus e seus sonhos comigo também, ao lado de mamis, meu vô Tonho, minha vó Cida, meu irmão Gui, minha tia Neusa e minha prima Belinha. Agradeço infinitamente por serem meus exemplos de simplicidade, amor, união e generosidade - meus alicerces.

Agradeço à Rosane, minha orientadora e amiga. Gratidão imensurável tenho por me acolher e por me guiar pela vida acadêmica com tanta competência e delicadeza ao longo dos últimos 6 anos, sempre presente e compreensiva, dividindo comigo seu vasto conhecimento, sua tamanha bondade, sua forma singular de enxergar a linguagem e o mundo. É, com certeza, uma das pessoas que mais admiro intelectualmente e como ser humano, de modo que as reuniões de orientação (que nunca cessaram) bem como qualquer conversa cotidiana sempre me foram e sempre me serão momentos sublimes.

Sempre fui uma pessoa de muita sorte: dias tristes surgiram durante o mestrado, mas três pessoas, de corações mineiros, me acolheram (literalmente) e trouxeram alegria para todos os meus dias. Deixo, então, meus mais sinceros agradecimentos à Bruna, ao Caio e sobretudo ao Marcus, um irmão que ganhei no mestrado, que me colocou na garupa de sua moto e me levou para um lar seguro, amoroso e feliz. Saber que eu tinha uma família para lá de animada e amiga jamais deixou que eu sucumbisse. Agradeço também à Juliana, a mais nova integrante da Alcateia, e aos agregados – Eliabe e Fabrício -, que vieram de Roraima para alegrar ainda mais nossos dias. Agradecimento especial deixo para o Eliabe, pelas discussões sobre as condicionais que fizemos ao longo 2017, regadas a bons jantares e a bons drinks (incluindo os cafés).

Agradecimento especial aos meus bons e velhos amigos de Minas, em especial ao Boi, Borda, Caio, Lucas, LP, Amanda, Kenha, Mat e May, que se fazem presentes há dez anos em todas as esferas da minha vida e ao Cleber, de espírito mineiro, por ser um amigo para qualquer hora. Agradeço também ao Fabians, ao Lucas, ao Luiz, que tornam minha vida em Araraquara mais suave; à Marina, por me lembrar dos vários papéis que às vezes

era preciso assinar e protocolar, pelas discussões e pela amizade construída na faculdade e fora dela. Registro meu agradecimento também à Karina, à Amanda e à Sabrina, que me apoiam há 6 anos em tudo.

Agradeço ao meu papis araraquarense – Marcos -, que sempre me incentiva e acredita em mim. Desde que adentrei a Livraria Murad, fomos construindo, no convívio diário, uma amizade singular, sem a qual não quero viver jamais. Ao lado dele, vive a Pá, a quem deixo meu muito obrigada por existir e iluminar a vida das pessoas com sua tamanha bondade.

Agradeço aos colegas do SoLAr, por me acolherem desde o início, aguentarem os meus exemplos quase nunca inéditos, pois sempre envolvem *José e Ilha*, e por me ensinarem tanto ao longo desses dois anos. Nossas discussões sempre me foram muito proveitosas e leves.

Gratidão colossal tenho pelos professores membros da banca, que gentilmente aceitaram ler esta dissertação. Agradeço, então, às professoras Juliana Bertucci Barbosa e Lívia Oushiro, que fizeram parte da qualificação e contribuíram muito para o aprimoramento do texto e das análises. Especial agradecimento deixo à Lívia, por me aceitar em sua disciplina na UNICAMP e me inserir no universo do R, ensinando tudo o que sei sobre essa plataforma; também por me ajudar com as análises estatísticas sanando sempre as minhas dúvidas (que não foram poucas), passar horas a fio discutindo meus resultados comigo, fazer críticas sempre muito pertinentes, aceitar compor a banca de defesa e, principalmente, por se mostrar sempre tão generosa com seu gigantesco e profundo conhecimento.

Além delas, registro minha gratidão pela professora e amiga Caroline Biazolli e pela professora Raquel Freitag, que aceitaram fazer parte da banca de defesa em pleno Janeiro e, especialmente, à Raquel, por muito contribuir ao fazer suas críticas e sugestões, sempre coerentes e valiosas. Também agradeço às professoras Flávia Hirata-Vale e Taísa Oliveira por discutirem meu trabalho em alguns momentos e compartilharem comigo textos valiosíssimos e ao professor Scott Schwenter por também discutir meu trabalho e compartilhar seus *scripts*.

Agradeço a todos os funcionários da Unesp, especialmente à Selma, Pia e ao James, sempre muito atenciosos. E à CAPES, pelo apoio financeiro.

*Ao redor da vida do homem
há certas caixas de vidro,
dentro das quais, como em jaula,
se ouve palpitar um bicho.*

*Se são jaulas não é certo;
mais perto estão das gaiolas
ao menos, pelo tamanho
e quadradiço de forma.*

*Umaz vezes, tais gaiolas
vão penduradas nos muros;
outras vezes, mais privadas,
vão num bolso, num dos pulsos.*

*Mas onde esteja: a gaiola
será de pássaro ou pássara:
é alada a palpação,
a saltação que ela guarda;*

*e de pássaro cantor,
não pássaro de plumagem:
pois delas se emite um canto
de uma tal continuidade.*

(João Cabral de Melo Neto, O relógio)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972], 1994, 2001, 2010), um estudo descritivo-interpretativo acerca das diferentes formas verbais que se realizam em construções condicionais encabeçadas pela conjunção *se*, em dados de fala produzidos por falantes do interior paulista e presentes no projeto ALIP - “Amostra Linguística do Interior Paulista” (GONÇALVES, s.d.). Parte-se do pressuposto de que, dentro de um conjunto de condicionais em que formas verbais se alternam, há formas em variação que podem ser delimitadas por meio de paráfrases, a fim de se testar se o pressuposto se mantém o mesmo (STALNAKER, 1978; 2002). Este trabalho propicia a identificação de formas verbais que estão em um mesmo domínio funcional, o que constitui variação. Trabalhando com o conceito de empregabilidade (HYMES, 1972), a análise variacionista é feita com três combinações modo-temporais, quais sejam as mais empregadas nas orações potenciais (GIVÓN, 1982): (i) futuro do subjuntivo + presente do indicativo (*Se José tiver dinheiro, compra uma ilha*); (ii) futuro do subjuntivo + futuro do indicativo perifrástico (*Se José tiver dinheiro, vai comprar uma ilha*) e (iii) presente do indicativo + presente do indicativo (*Se José tem dinheiro, compra uma ilha*). Para as análises estatísticas, utilizou-se a plataforma R (CORE TEAM, 2017). A literatura apresenta, geralmente, formas de subjuntivo associadas ao valor de dúvida, menor asserção e menos realidade do enunciado, enquanto as de indicativo estariam mais próximas da realidade e imprimiriam maior asserção por parte do falante, mais realidade, mais certeza. Os resultados a que se chegou, entretanto, mostram uma explicação distinta dessa. Analisando modalidade da condicional, temporalidade, definitude do sujeito, tipo textual, sexo/gênero do informante, idade e escolaridade, viu-se, principalmente, uma forte correlação, por um lado, entre presente do indicativo e atemporalidade e sujeito genérico, bem como, por outro, temporalidade e sujeito definido associados a combinações com futuro, sobretudo o futuro do subjuntivo. A idade dos falantes também se mostrou fator atuante sobre as combinações, na medida em que aponta para uma possível mudança em curso.

Palavras-chave: alternância verbal. Combinações modo-temporais. condicionais potenciais. variação e mudança linguísticas.

ABSTRACT

This research presents, based on the theoretical-methodological assumptions of the variationist sociolinguistics (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], LABOV, 2008 [1972], 1994, 2001, 2010), a descriptive-interpretative study on the different verbal forms which are carried out in conditional constructions headed by the conjunction, in speech data produced by speakers from the interior of São Paulo and present in the ALIP project - "Linguistic Sample of the Paulista Interior" (GONÇALVES, sd). It is assumed that within a set of conditionals in which verbal forms alternate, there are varying forms that can be delimited by paraphrases in order to test whether the assumption remains the same (STALNAKER, 1978; 2002). The analysis shows which verbal forms are in the same functional domain, constituting variation. Working with the concept of being used (HYMES, 1972), the variationist analysis is done with three mode-time combinations, which are the most used in potential sentences (GIVON, 1982): (i) present + present (*if José has money, he buys an island*); (ii) present + future (*If Jose has money, he will buy an island*) and (iii) present + present (*If José has money, he buys an island*). For the statistical analysis, we used the R platform (CORE TEAM, 2017). Literature usually presents forms of subjunctive associated with the value of doubt, less assertion and less reality of the utterance, while the ones of indicative would be closer to reality and would impart more assertion on the part of the speaker, more reality, more certainty. The results, however, show a distinct explanation for this. Analyzing conditional modality, temporality, definiteness of subject, textual type, sex / gender of the informant, age and education, we observed a strong correlation, on the one hand, between the present tense and timelessness and generic subject and, on the other, temporality and definiteness subject associated with combinations with future, especially the future of the subjunctive. The age of the speakers was also an active factor on the combinations, in that it points to a possible change in course.

Keywords: verbal alternation. modal-temporal combinations. conditions. variation and change.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Definição do verbo.....	40
Quadro 2 - Alguns valores e aspectos do verbo	46
Quadro 3 - Exemplo de manutenção de irrealidade	60
Quadro 4 - Estruturas que não entram na análise por não serem a estrutura que procuramos	69
Quadro 5 - Combinações modo-verbais encontradas nas 914 orações	70
Quadro 6 - Combinações modo-temporais nas condicionais reais.....	79
Quadro 7 - Combinações modo-temporais nas condicionais irrealis	80
Quadro 8 - Combinações modo-temporais nas condicionais potenciais	82
Quadro 9 - Condicionais temporais.....	89
Quadro 10 – Condicionais generalizadas	89
Quadro 11 - Condicionais deônticas.	90
Quadro 12 - Condicionais epistêmicas lógicas.....	91
Quadro 13 - Condicionais epistêmicas objetivas	91
Quadro 14 - Condicionais epistêmicas subjetivas.....	92
Quadro 15 - Classificação do sujeito segundo sua forma e referência.....	93
Quadro 16 - Proposta de classificação da definitude do sujeito.....	94
Quadro 17 – Combinações modo-temporais analisadas.....	96
Quadro 18 - Valores obtidos por meio de testes de qui-quadrado	105

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Proporção de distribuição das três combinações nas condicionais potenciais	97
Gráfico 2 - Distribuição das três combinações variáveis	104
Gráfico 3 - Distribuição das combinações modo-temporais de acordo com a temporalidade ..	106
Gráfico 4 - Distribuição das combinações modo-temporais de acordo com a definitude do sujeito	107
Gráfico 5 – Diagrama arbóreo de inferência condicional - temporalidade e definitude do sujeito	109
Gráfico 6 - Distribuição das combinações modo-temporais de acordo com a modalidade	111
Gráfico 7 - Diagrama arbóreo de inferência condicional - modalidade	113
Gráfico 8 - Distribuição das combinações modo-temporais de acordo com o tipo textual	114
Gráfico 9 - Distribuição das combinações com base na idade dos informantes	116
Gráfico 10 - Distribuição das combinações de acordo com a escolaridade dos informantes....	119
Gráfico 11 - Distribuição das combinações de acordo com o sexo dos informantes	120
Gráfico 12 – Diagrama arbóreo de inferência condicional – temporalidade, definitude do sujeito e faixa etária.....	126

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - definição do envelope de variação a partir do conceito de competência comunicativa	34
Figura 2 - Feixe mundos, com base em Martins e Nef (1981).	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência/Proporção de verbos que mais apareceram na PRÓTASE das condicionais	98
Tabela 2 - Verbos que mais apareceram na APÓDOSE das condicionais.....	99
Tabela 3 - Distribuição das combinações de acordo com a idade dos informantes	116
Tabela 4 - Distribuição das combinações de acordo com a Escolaridade dos informantes	119
Tabela 5 – Resultados de análises de regressão logística em modelos de efeitos mistos para a realização das combinações PI+PI vs FS+FI (estimativas em logodds para PI+PI)	124
Tabela 6 – Resultados de análises de regressão logística em modelos de efeitos mistos para a realização das combinações PI+PI vs FS+PI (estimativas em logodds para PI+PI)	126
Tabela 7 – Resultados de análises de regressão logística em modelos de efeitos mistos para a realização das combinações FS+FI vs FS+PI (estimativas em logodds para FS+FI)	127
Tabela 8 - Distribuição de combinações modo-temporais de acordo com a temporalidade	144
Tabela 9 - Distribuição de combinações modo-temporais de acordo com a modalidade	144
Tabela 10 - Distribuição das combinações de acordo com a definitude do sujeito.....	144
Tabela 11 - Distribuição das combinações de acordo com o tipo textual	144
Tabela 12 - Distribuição das combinações de acordo com sexo/gênero dos informantes	144
Tabela 13 – Modelos de regressão logística criados para as combinações PI+PI vs FS+FI	144
Tabela 14 - Modelos de regressão logística criados para as combinações PI+PI vs FS+PI.....	145
Tabela 15- Modelos de regressão logística criados para as combinações FS+FI vs FS+FP	146

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 SUBSÍDIOS TEÓRICOS	22
2.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICAS	22
2.2 PERCALÇOS DA TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA EM NÍVEIS MAIS ALTOS DE ANÁLISE	23
2.2.1 A equivalência semântica, o significado social e a restrição contextual	26
2.2.1.1 <i>O problema da equivalência semântica entre as variantes</i>	26
2.2.1.2 <i>O significado social das variantes</i>	36
2.2.1.3 <i>A restrição contextual</i>	37
2.3 O UNIVERSO DE ESTUDO – AS ORAÇÕES CONDICIONAIS INSERIDAS POR <i>SE</i> ..	38
2.4 O OBJETO DE ESTUDO – O VERBO, “A PALAVRA POR “EXCELÊNCIA”.....	40
2.4.1 Os subsistemas gramaticais dos verbos – TAM (tempo, aspecto e modo).....	41
2.4.1.1 <i>Tempo linguístico e tempo cronológico</i>	41
2.4.1.2 <i>Modo e modalidade</i>	42
2.4.1.3 <i>Aspecto</i>	46
3 ESTADO DA ARTE	48
3.1 VISÃO DE COMPÊNDIOS GRAMATICAIS.....	48
3.1.1 O que dizem as gramáticas normativas	48
3.1.2 O que dizem as gramáticas pedagógicas	50
3.1.3 O que dizem as gramáticas históricas.....	52
3.1.4 O que dizem as gramáticas descritivas.....	53
3.2 VISÃO DE TRABALHOS LINGUÍSTICOS	59
4 METODOLOGIA	65
4.1 O <i>CORPUS</i>	65
4.2 COLETA E MANIPULAÇÃO DOS DADOS	67
4.3 DECISÕES METODOLÓGICAS	67
4.3.1 Mapeamento – critérios de exclusão de dados	68
4.3.2 Mapeamento - Envelope de variação em estado bruto.....	69
4.3.3 Critérios para identificação das condicionais reais, potenciais e irreais.....	73
4.3.3.1 <i>Alternância verbal nas condicionais reais</i>	79
4.3.3.2 <i>Alternância verbal nas condicionais irreais</i>	80
4.3.3.3 <i>Alternância verbal nas condicionais potenciais</i>	82
4.5 A VARIÁVEL DEPENDENTE E SUAS VARIANTES PARA ANÁLISE.....	83
4.6 VARIÁVEIS INDEPENDENTES	83
4.6.1 Critérios adotados para a análise de variáveis sociais/extralinguísticas.....	84
4.6.1.1 <i>Idade dos informantes</i>	84
4.6.1.2 <i>Sexo dos informantes</i>	85
4.6.1.3 <i>Escolaridade dos informantes</i>	86
4.6.2 Critérios adotados para a análise do tipo textual	87
4.6.3 Critérios adotados para análise de variáveis internas/linguísticas.....	87
4.6.3.1 <i>Temporalidade da condicional</i>	87

4.6.3.2 Modalidade nas condicionais.....	89
4.6.3.3 Definitude do sujeito	92
4.7 IDENTIDADE LEXICAL DOS VERBOS.....	94
5 ANÁLISE	96
5.1 VISÃO GERAL DOS RESULTADOS	96
5.1.2 Identidade Lexical.....	98
5.1.3 Visão geral da análise variável.....	103
5.2 FATORES DE NATUREZA LINGUÍSTICA.....	105
5.3 ANÁLISE DE FATORES DE NATUREZA SOCIAL	116
5.4 ANÁLISES MULTIVARIADAS	121
(i) PI+PI vs FS+FI.....	123
(ii) PI + PI vs FS+PI.....	126
(iii) FS+FI vs FS+PI.....	127
5.5 SÍNTESE DOS RESULTADOS	128
6 CONCLUSÃO	130
Alternância verbal em construções condicionais: um fenômeno variável.	130
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICE	144

1 INTRODUÇÃO

Se eu me imagino, ou se cada um de vocês se imagina em uma casa escura, desaparece o mundo visível, desaparece seu corpo. (...) Mas poderíamos imaginar outra série, com alfa, beta, gama... poderíamos imaginar outras séries de tempos. (...) Por que imaginar uma única série de tempo?

(Jorge Luis Borges. *O tempo*)

As articulações tempo-modo verbais nos permitem ancorar nossas representações da experiência e perceber a fala em uma dimensão tipicamente interpessoal. No interior das construções condicionais, no entanto, a ancoragem nem sempre é tão nítida, pois nos deslocamos para outros mundos criados linguisticamente, em que a realização de determinado conteúdo depende sempre da concretização de um outro, nem sempre acessível em um curto intervalo de tempo e nem sempre ancorado precisamente em um único ponto da escala temporal (presente ou passado ou futuro).

Podemos também analisar nosso discurso a partir das teorias dos atos de fala. Ilari e Basso (2008) distinguem cuidadosamente os conteúdos proposicionais e os usos que deles podemos fazer. Um dos usos dos atos de fala é a *asserção*, pela qual damos fé de que determinado conteúdo se realiza no mundo; o outro é a construção de situações imaginárias que não precisam corresponder exatamente àquilo que acontece no mundo. Segundo os autores, “qualquer período hipotético realiza uma operação particular sobre mundos: reduz a margem prévia de incerteza, descartando todos os mundos em que o antecedente é verdadeiro e o conseqüente é falso” (ILARI; BASSO, 2008, p.330).

Isso posto, sabemos que o interesse no estudo das condicionais não é recente, nem exclusivo de uma área específica da Linguística. A compreensão da expressão da condição coloca desafios que têm sido investigados no âmbito da Sintaxe (funcionalista e formalista), da Sociolinguística, da Psicolinguística, do Discurso/Texto. Além disso, uma questão importante e recorrente nos estudos sobre as condicionais, principalmente nos de viés funcionalista (NEVES, 1999, 2000; HIRATA-VALE, 1999, 2001; OLIVEIRA, 2008), diz respeito à identificação das possíveis nuances semântico-discursivas expressas por arranjos diversos, incluindo aí diferentes conjunções introdutoras da prótase (OLIVEIRA, 2008) e a articulação dos diferentes tempos e modos verbais.

A partir de uma abordagem variacionista, tomando como instrumento de análise a metodologia da Sociolinguística laboviana (LABOV, 2008 [1972]; MILROY; GORDON, 2003; TAGLIAMONTE; 2006), realizamos um estudo descritivo-interpretativo acerca das diferentes formas verbais que se alternam¹ em construções condicionais encabeçadas pela conjunção condicional prototípica *se*. O *corpus* é composto por dados de fala sincrônicos produzidos por falantes do interior paulista e presentes no projeto ALIP - “Amostra Linguística do Interior Paulista” (GONÇALVES, s.d.).

Assim, nosso **objeto de estudo** refere-se às **combinações modo-temporais**. Já o **universo de estudo** refere-se às **orações condicionais**, as quais, a partir da literatura, se subdividem em três contextos distintos (reais, potenciais e irrealis), como se vê em 1.1, 1.2 e 1.3. Tais exemplos contêm apenas uma combinação modo-temporal, de maneira que outras combinações que encontramos (as possivelmente variáveis com essas) serão apresentadas ao longo desta dissertação.

[REAIS]

[PRESENTE DO INDICATIVO + PRESENTE DO INDICATIVO]

(1.1) Inf.: e eu pra te falá(r) a verdade... *se [já que]*² *you tá aqui you num tá à toa... tá... se eu hoje tô falan(d)o de Jesus pra você... é porque você tá ten(d)o a oportunidade... de conheCÊ(r) o nome do Senhor porque eu já ouvi falá(r) pra mim...* (AC-106; L.213)

[POTENCIAIS]

[FUTURO DO SUBJUNTIVO + FUTURO PERIFRÁSTICO DO INDICATIVO]

(1.2) Inf.: *Se [por acaso] num fizê(r) um negócio muito bem feito... vai ficá(r) pior ainda.* (AC-119; L. 416)

[IRREAIS]

[IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO + FUTURO DO PRETÉRITO DO INDICATIVO]

(1.3) Inf.: e eu comentei quando a equipe que chegô(u) com as meninas lá dentro do quarto... *que se eu tivesse:... infra-estrutu::ra né? que já trabalhasse tal eu levaria a J. embora...* [Doc.: nossa] eu traria pra Rio Preto né? (AC-120; L.362-363)

¹ O termo alternância não será usado como sinônimo de variação, porque, embora toda variação pressuponha duas ou mais formas alternantes, nem sempre uma alternância constitui um caso de variação (pois uma forma pode significar X e a outra Y), de modo que, quando usarmos o termo variação ao longo do texto, estaremos assumindo o fenômeno como variável (LABOV, 1972; LAVANDERA, 1984).

² Vale lembrar que, assim como Gryner (2008), usamos outras conjunções e modificadores para parafrasear as condicionais, de modo que o que está entre os colchetes é uma inserção nossa. É preciso fazer, então, uma ressalva: se pode haver parafrase de *se* por *já que*, poderia-se questionar se as duas conjunções "são formas de se dizer a mesma coisa" e, portanto, variantes de uma mesma variável. Contudo, esse não é o caso em questão. Estamos falando em possibilidades de haver outros sentidos por trás das condicionais inseridas pela conjunção prototípica, algo que pode ser observado por esses testes, como veremos detalhadamente na subseção *o que dizem os estudos linguísticos*. Com o uso de *já que* no interior das inseridas por *se*, por exemplo, a relação semântica que se soma à condicional é a de causalidade.

Como se trata de um estudo variacionista, ainda que estejamos partindo da noção de alternância verbal, reconhecemos a existência de um grande envelope de variação, cujas variantes são as diferentes combinações modo-temporais que ocorrem no universo das condicionais. Contudo, à medida que a análise avança, vamos lapidando esse envelope, pois, não raro, há nuances semânticas em muitas das combinações quando comparadas umas às outras. Os três contextos distintos (reais, irreais e potenciais) mostram-se, assim, o primeiro passo para operacionalizarmos a análise.

Baseando-nos em Hymes (1972), nos apoiamos no fato de que não basta que uma forma seja gramatical. É preciso que ela seja também viável, apropriada e, de fato, realizada, ou seja, empregada pelo falante (HYMES, 1972). Além disso, vale lembrarmos também que, sendo este um estudo variacionista, testes estatísticos são feitos a fim de que se compreenda a variação, quando reconhecida. Isso posto, há uma quantidade mínima de dados para a análise quantitativa – 30 dados – (GUY, 1980) o que justificará o foco da nossa análise sobre **três combinações das condicionais potenciais**³, as consideradas mais empregadas pelos informantes, quais sejam:

FUTURO DO SUBJUNTIVO + FUTURO DO INDICATIVO

(1.4) *Se José **tiver** dinheiro, **vai comprar** uma ilha.*

FUTURO DO SUBJUNTIVO + PRESENTE DO INDICATIVO

(1.5) *Se José **tiver** dinheiro, **compra** uma ilha.*

PRESENTE DO INDICATIVO + PRESENTE DO INDICATIVO

(1.4) *Se José **tem** dinheiro, **compra** uma ilha.*

Reconhecemos que estudar o verbo, em construções condicionais, e pela perspectiva variacionista, mostra-se um desafio, tanto pela complexidade resultante das diversas combinações modo-temporais que podemos encontrar, quanto pela natureza complexa da delimitação de contextos variáveis. Ao contrário do que se observa no nível fonético-fonológico, a análise da variação em níveis mais altos tem necessariamente que enfrentar o embate com as possíveis nuances semânticas veiculadas pelas construções (LABOV, 1973; LAVANDERA, 1984; MILROY; GORDON, 2003).

³ Um estudo sobre as irreais já foi realizado em momento anterior (BRANDÃO, 2015); quanto às reais, há um pequeno número de ocorrências no *corpus* analisado.

Tendo em vista a possibilidade de haver essas nuances, nosso objetivo geral é responder a seguinte questão: determinadas formas verbais na articulação prótase-apódose configurariam (i) um caso de variação no sentido laboviano, em que a escolha de uma ou outra forma verbal veicula o mesmo sentido, ou é funcionalmente comparável⁴ (cf. LAVANDERA, 1984) ou estaria (ii) cada uso associado a um valor específico, cumprindo funções comunicativas diferentes? Quando e se constatada a variação, observamos quais fatores linguísticos e sociais exerceram influência sobre o fenômeno.

Nossa hipótese é de que a alternância em questão constitui, sim, um fenômeno em variação no Português Brasileiro (doravante PB), pelo menos em certos contextos, como se verá ao longo desta pesquisa. O axioma que subjaz a essa hipótese é de que a variação é um fenômeno inerente à língua, portanto pode ser vista, descrita e observada em todos os seus níveis – fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático e discursivo.

Assim sendo, o primeiro passo em uma análise em nível além da fonologia é, segundo Freitag (2009), definir o seu tipo, o nível a que pertence. Embora os verbos carreguem consigo noções complexas ligadas ao tempo, aspecto e modalidade (essa última de natureza subjetiva e, portanto, discursiva), assumimos que nosso fenômeno é de natureza morfossintática. Contudo, encontra-se em meio a um arranjo, a um contexto maior – o das orações condicionais –, por isso, envolve aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos, os quais serão avaliados como correlacionados ao fenômeno da alternância verbal. Desse modo, nosso trabalho pode trazer uma contribuição para o avanço dos estudos linguísticos variacionistas, ao buscar soluções metodológicas para a intrincada questão do significado.

Uma das soluções encontradas é o reconhecimento do pressuposto (STALNAKER, 2002) que está por trás de cada arranjo condicional, inserido por *se* e parafraseado por outras conjunções (*já que, se por acaso*), como se verá ao longo desta dissertação. A partir das paráfrases e dos pressupostos oriundos delas, nossa hipótese é de que haverá (i) contextos categóricos/restritivos para determinados usos das formas verbais (A ou B), mas também haverá (ii) contextos ambíguos de significados (A e B) e (iii) contextos em que essas nuances semânticas se neutralizam (A = B).

⁴ Assumimos aqui a noção de variação revisitada a partir da discussão sobre a aplicação do modelo teórico-metodológico para fenômenos gramaticais (morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos), que propõe “debilitar la condición de que el significado deba ser el mismo para todas las formas alternantes, y reemplazarla por una condición de comparabilidad funcional” (LAVANDERA, 1984, p. 45).

A contribuição deste trabalho é tanto mais necessária quando consideramos que a alternância verbal nas condicionais do PB, de um modo geral, e da variedade paulista, em particular, não foi ainda suficientemente estudada. Destacamos o fato de que os estudos variacionistas se detiveram, em sua maioria, apenas na prótase ou na apódose das construções, como veremos na seção 3 (*Estado da Arte*). Ora, se a própria delimitação da variação depende da acurada análise dos significados atrelados à construção, torna-se imprescindível olhar para a relação prótase-apódose como um todo, pois é nessa articulação, e levando-se em conta as correlações modo-temporais a ela subjacentes que poderemos captar o sentido veiculado.

Isso posto, esta dissertação está dividida do seguinte modo: primeiramente, apresentaremos os subsídios teóricos que estão por trás desta pesquisa, de modo que falaremos brevemente da Sociolinguística Variacionista, para, em seguida, discutirmos os percalços que se encontram em análises de níveis linguísticos acima da fonologia. Além disso, mobilizaremos a literatura para discutirmos questões ligadas ao nosso universo e objeto de estudo. Pelo fato de nosso fenômeno referir-se a combinações modo-temporais, categorias ligadas ao aspecto, tempo e modo serão abordadas no interior dessa seção também. Na seção seguinte, apresentaremos uma espécie de Estado da Arte com o que as gramáticas, de naturezas distintas (prescritiva, descritiva, histórica e pedagógica), falam sobre as orações condicionais e sobre a alternância verbal dentro do complexo condicional e também com o que já se observou em alguns estudos linguísticos sobre o mesmo universo e objeto de investigação. Posteriormente, há a apresentação do *corpus* de pesquisa utilizado e da metodologia empregada, a qual inclui decisões metodológicas, percursos e critérios de análises. Em seguida, partiremos para a descrição e interpretação dos resultados das três combinações modo-temporais mais frequentes no interior das condicionais potenciais. Seguiremos, por fim, para as nossas considerações finais, as quais culminam na resposta à pergunta que deu origem ao nosso projeto de pesquisa: estaríamos, de fato, diante de um fenômeno em variação?

2 SUBSÍDIOS TEÓRICOS

2.1 A Teoria da Variação e Mudança Linguísticas

A Sociolinguística, tal qual proposta pela Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972], 1994, 2001, 2010), nasce em meados do século XX como uma reação aos modelos anteriores que deixavam de lado o componente social da língua. Evidentemente, antes de a Sociolinguística se consolidar como área da Linguística, já havia uma preocupação em estabelecer uma relação entre língua, cultura e sociedade. Cezario e Votre (2008) destacam o papel fundamental que Antoine Meillet (1866-1936) desempenhou como precursor da Sociolinguística ao utilizar a estrutura social para explicar mudanças linguísticas ocorridas na França no início do século XX. Todavia, a historiografia linguística revela que uma teoria que se baseasse no conceito de língua como um “fato social” só passaria a consolidar-se a partir de 1960 com o advento dos trabalhos de William Labov (1927 -).

Considerado o pai da sociolinguística variacionista, Labov foi quem veementemente propôs que a língua deixasse de ser considerada como um objeto homogêneo para, ao contrário, ser encarada como uma realidade heterogênea em que estruturas linguísticas e sociais estão imbricadas e covariam sistematicamente, característica inerente de todas as línguas e sociedades. Logo, em todas as comunidades há formas linguísticas em variação que, por sua vez, recebem o nome de variantes. Para Labov (2008, p.60), “as variantes são idênticas em seu valor de referência ou de verdade, mas se opõem em seu significado social e/ou estilístico”.

O estudo da língua e da sociedade como elementos indissociáveis implicou em não mais considerar apenas os fatores de ordem linguística, mas também os de ordem social (entre eles, origem e região do falante, idade, escolaridade, sexo, profissão, renda, estilo de fala, registros etc.). Além disso, para a teoria, do ponto de vista linguístico, ou seja, do ponto de vista da estrutura interna da língua, toda produção possuiria equivalente complexidade, de maneira que não há uma variedade superior ou inferior à outra⁵. Entretanto, do ponto de vista social, uma variedade poderia acabar recebendo mais prestígio do que outra.

⁵ Essa ideia já está presente desde o Estruturalismo (BLOOMFIELD, 1933).

Além disso, a Sociolinguística interpreta que, assim como as sociedades não apenas se diferenciam entre si como também se modificam com o passar dos anos ou mesmo com pressões advindas do contexto histórico, espacial, político-econômico no qual se inserem, conseqüentemente, além de variar, a língua também pode (e deve) mudar. Contudo, as mudanças ocorrem sempre de forma lenta e gradual, nunca de forma abrupta. Logo, a mudança linguística pressupõe um momento anterior de variação em que duas ou mais formas coexistem e concorrem para a expressão de um mesmo sentido; diz-se que uma variação nem sempre acarreta mudança, mas “toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação” (TARALLO, 2007, p. 62).

Por fim, estudos sociolinguísticos interpretam a língua como produto e expressão da cultura de que faz parte. E, ao contrário do que se possa pensar, a variação linguística não é caótica e tampouco se dá de forma aleatória; ela é motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos e, portanto, pode-se descrever sua sistematicidade.

É por essas razões que um estudo da língua e, mais especificamente, um estudo dos fenômenos em variação em determinado nível da língua, nos possibilita entender de modo mais completo o seu funcionamento. A Sociolinguística, por lidar intimamente com a relação língua-sociedade, sendo essencialmente interdisciplinar ao dialogar com tantas outras áreas do saber (a Antropologia, a Sociologia, a Geografia linguística, a Psicologia, a Educação etc.), permite-nos estudar a variação linguística com um rigor científico que se afasta totalmente das concepções tradicionalmente maniqueístas que postulam que há uma forma boa e tantas outras ruins de se dizer algo, visão que resulta em preconceito linguístico e pouco ou nada tem de base empírica.

2.2 Percalços da Teoria da Variação e Mudança em níveis mais altos de análise

Elementos variáveis estão presentes em todos os níveis da estrutura linguística (WEINER & LABOV, tradução nossa)⁶

Como é visível nos primeiros trabalhos labovianos, os estudos variacionistas se concentravam em analisar fenômenos de nível fonético-fonológico: a dissertação de mestrado de William Labov, *The Social History of a Sound Change on the Island of*

⁶ Do original “*Variable elements are found at all levels of linguistic structure.*” (WEINER; LABOV, 1983, p.31)

Martha's Vineyard, Massachusetts, datada de 1963, em linhas gerais, tratava da variação e mudança em progresso dos ditongos [ay] e [aw] no inglês falado na ilha de Marthas's Vineyard (Massachusetts/Estados Unidos) e em *The Social Stratification of English in New York City*, sua tese de doutorado, datada de 1966, também se investigavam fenômenos de ordem fonética no inglês falado de Nova Iorque – ambos os trabalhos sob a orientação de Uriel Weinreich (1925-1967).

A partir da década de 1970, com os avanços das pesquisas e a consolidação da Sociolinguística como ciência, as teorias e práticas variacionistas passaram a ser aplicadas a fenômenos linguísticos de níveis que iam além do fonológico, como o sintático, o pragmático, o discursivo etc., mas não sem controvérsias. A noção de que a variação pressupõe duas formas distintas empregadas em um mesmo contexto para significar uma mesma coisa, ou seja, mantendo o mesmo significado básico, tem sido repensada.

Os trabalhos que se detiveram e que se detêm em pesquisas nos níveis acima do fonológico precisaram e precisam, necessariamente, lidar com os significados subjacentes a cada variante. Lavandera (1978), discípula de Labov, foi quem mais diretamente questionou o estatuto das variantes (proposto por Labov) quando essas se estendiam para níveis sintáticos. De acordo com Lavandera (1984), é preciso “enfraquecer a noção de que o significado deve ser o mesmo para todas as formas alternantes e substituí-lo pela noção de comparabilidade funcional⁷” (p.45, tradução nossa)⁸.

Segundo Camacho (2010), o aspecto crucial da polêmica entre Labov e Lavandera resume-se à noção de que a equivalência semântica tal qual proposta pela Sociolinguística laboviana implica uma redução muito drástica na noção de significado referencial e, por isso, em vez de operar com o princípio de equivalência semântica é preferível substituí-lo pelo princípio da comparabilidade funcional.

Para Hasty (2014), em trabalho sobre a modalização dupla no inglês, determinar a equivalência semântica entre duas variantes sintáticas é a tarefa mais difícil, se não impossível em alguns casos. Ademais, os problemas não se restringem “apenas” às dificuldades de se trabalhar com as noções de significado. Questões metodológicas ligadas às restrições contextuais também são um obstáculo a ser enfrentado, já que determinados fenômenos aparecem com pouca frequência, o que dificulta as previsões

⁷ Comparabilidade funcional diz respeito à mesma função comunicativa que duas formas alternativas podem ter em determinado contexto, não necessariamente com o mesmo significado referencial.

⁸ Do original “*debilitar la condición de que el significado deba ser el mismo para todas las formas alternantes, y reemplazarla por una condición de comparabilidade funcional*” (LAVANDERA, 1984, p.45)

sobre o uso das variantes, afetando a confiabilidade das generalizações de pesquisa e sua replicabilidade.

Além disso, há outro elemento central nos estudos variacionistas que parece se marginalizar quando a pesquisa se estende para os níveis além do fonológico: o valor social das variantes. As pesquisas sociolinguísticas em níveis acima do fonológico têm focalizado os aspectos internos desse tipo de variação trazendo, muitas vezes, os condicionamentos sociais como algo periférico. O próprio Labov recebeu duras críticas a esse respeito em seu estudo sobre as vozes passiva e ativa (LAVANDERA, 1978), como veremos adiante. Contudo, reconhecemos que a correlação de um fenômeno linguístico com variáveis sociais é, antes, empírica (OUSHIRO, 2010, 2011), algo que será melhor elucidado na seção 2.2.1.2 (*o significado social da variantes*).

Isso posto, o que se vê, ainda, é um caminho muito movediço no que tange, principalmente, aos significados das variantes e às próprias pesquisas nesses níveis de análise. A afirmação de Romaine (1984) feita no século passado sobre a falta, de um modo geral, de uma consistente teoria do significado associada ao modelo da Teoria da Variação e Mudança parece ser, até os dias de hoje, um dos maiores percalços das pesquisas sociolinguísticas que lidam com fenômenos de níveis além do fonológico.

Entretanto, ainda que haja muita discussão em torno da noção de variação e da aplicação do modelo teórico-metodológico para fenômenos gramaticais (fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos), nossas considerações vão ao encontro do que Weiner e Labov (1983) postulam, como se vê na epígrafe que abre esta seção, e que constitui o cerne da teoria variacionista: há elementos variáveis em todos os níveis da estrutura linguística, o que justifica a importância de estudá-los e sistematizá-los.

Nas subseções seguintes, apresentaremos uma breve discussão acerca dos principais problemas que subjazem à investigação linguística em níveis acima da fonologia. Ao lado da exposição dos problemas, apresentaremos estudos que têm tentado driblar tais percalços e possíveis soluções que poderão, por nós, ser adotadas.

2.2.1 A equivalência semântica, o significado social e a restrição contextual

2.2.1.1 O problema da equivalência semântica entre as variantes

A noção de que a variação pressupõe duas formas distintas empregadas em um mesmo contexto para significar uma “mesma coisa” (ou seja, mantendo o mesmo valor de verdade) sempre foi facilmente aceita no nível fonológico, mas questionada em níveis acima dele, como já mencionamos. Gadet (1992) coloca a seguinte questão em xeque:

O que garante que diferentes variantes são realmente variantes de uma mesma variável, de uma mesma unidade? Há aqui um problema sobre o qual retornaremos mais tarde: as variantes constituem diferentes formas de se dizer a mesma coisa. Isso é claro para a fonologia (os alofones), mas como será quando se está além da fonologia? (GADET, 1992, p.7, tradução nossa)⁹

Na análise fonológica tem-se que palavras como “bata” [‘bata] e “pata” [‘pata] assim como “arroz” [a'xos] e “arroiz” [a'xois] são dois pares de palavras pelos quais podemos detectar ou não fonemas na língua, via um teste de comutação. O que difere um par do outro é a relação que se estabelece entre os sons que se alternam: a mudança de um único som, no primeiro caso /b/ por /p/, acarreta mudança no significado da palavra, mostrando uma relação de oposição entre os sons /p/ e /b/ no Português, constituindo-os, portanto, como fonemas da língua (CAGLIARI, 2009). No segundo par, o que temos é um caso de variação, pois ao dizermos [a'xos] ou [a'xois], a ditongação não muda o significado da palavra. Claramente, a noção de significado que é mobilizada nesses casos diz respeito ao significado referencial, à possibilidade de referência do signo ao seu objeto.

Weiner e Labov (1983), ao tomarem a alternância das vozes passiva e ativa como um fenômeno variável no inglês, consideraram que a equivalência semântica se manteve em construções como ‘*Maria comprou um CD*’ e ‘*Um CD foi comprado por Maria*’. Todavia, Lavandera (1978) questionou tal estatuto: Dizer que Maria comprou um CD seria “o mesmo” que dizer que um CD foi comprado por Maria? Para Lavandera (1978),

⁹ Do original: “*Mais qu’ est-ce qui garantit que les diferentes variantes sont bien variantes d’une même unité? Il y a ici un problème sur lequel nous reviendrons plus loin: les variantes constituent ‘different ways of saying the same thing’. C’est clair pour la phonologie (les allophones), mais comment en ira-t-il hors de la phonologie?* (GADET, 1992, p.7)

há diferenças fundamentais que precisam ser abordadas nos níveis funcionais, intencionais etc.

É fato que as categorias analíticas precisam ser ampliadas em análises de níveis acima do fonológico, pois há a necessidade de se controlar outros níveis de significação, tais como as perspectivas funcionais das orações, as atitudes dos falantes frente ao enunciado, a intenção comunicativa (LAVANDERA, 1984; ROMAINE, 1984) etc. Entretanto, estamos de acordo com Silva-Corvalán (2001), quando essa afirma que “uma definição funcional de variável sintática converte o objeto de estudo em algo ilimitado” (p.133, tradução nossa), como se verá nos enunciados que se seguem, acompanhados de um “etc.”.

Vamos a hacer ejercicio ahora?

- a) Mmm, estoy cansado
- b) Mmm, tengo sueño.
- c) Mmm, esta novela está muy interesante.
- d) Mmm, viene Pepe esta tarde.

Etc. (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 133)

Assim, segundo Silva-Corvalán (2001), se levada em conta a intenção comunicativa, embora tenham características sintáticas diferentes, os enunciados acima, além de outros pressupostos pelo “etc.” deverão “dizer a mesma coisa” nessa perspectiva: “No, no vayamos a hacer ejercicio ahora”. Tal discussão se situa no âmbito da pragmática, como podemos perceber.

Para Lavandera (1984), apoiando-se nas ideias de Bolinger, o que está por trás das diferentes noções de significado refere-se à confusão que se faz entre competência e desempenho. Afinal, o significado estaria atrelado à competência ou ao desempenho? A discussão que se segue procura apresentar a relação do significado tanto com o desempenho quanto com a competência, a partir de trabalhos que versam sobre essa temática, direta ou indiretamente.

Weiner e Labov (1983), no estudo das passivas e ativas, reconhecem as distinções que há entre o uso de uma ou outra construção, de maneira que a diferença fundamental tem a ver com a mudança de foco ou ênfase da construção, o que, segundo os autores, são efeitos característicos da reordenação dos elementos sentenciais, embora tanto uma passiva quanto uma ativa possam manter o mesmo significado referencial. Assim, é preferível, segundo os autores, diferente do que Lavandera propõe, delimitar o termo “significado” (*meaning*) da forma mais restrita possível para que se possa designar o acoplamento de uma frase com um dado estado de coisas (*a given state of affairs*).

Abrimos um parêntese em nosso texto para dizer que o termo “estado de coisas”, de origem alemã (*Stand der Dinge*), é empregado largamente nos estudos linguísticos, embora sem muito consenso do que seja, tal como se dá com a noção de significado. Consultando o dicionário de filosofia de Abbagnano (1970), temos que “estado de coisas” é o significado do termo na expressão. Introduzida por Husserl no início do século XX, essa expressão é definida como um correlato objetivo do juízo, ou seja, como um arcabouço de condições fundamentais de um modo de ser da situação.

Wittgenstein ceita a noção proposta por Husserl e toma “estado de coisas” como essa combinação de entidades dentro de uma situação. Para além disso, um dos elementos fundamentais da filosofia que pode ser empregado neste trabalho para se pensar significado, dentro das noções de competência e desempenho, tem a ver com a afirmação de Wittgenstein e com a reformulação dessa por Nicola Abbagnano. O austríaco Wittgenstein diz que “o significado de uma palavra é seu uso na linguagem” (ABBAGNANO, 1970, p. 860), enquanto para Abbagnano, o uso não é o significado, mas o determina.

Na primeira afirmação, temos que o significado está diretamente ligado à noção de desempenho. Já na reformulação de Abbagnano, o significado parece caminhar entre a competência e o desempenho, de modo que o desempenho deve determinar o significado, que passa a fazer parte da nossa competência. Acerca disso, pensar o significado dentro desses domínios é importante para definirmos os caminhos a se seguir quando falamos em nuances semânticas de fenômenos de níveis mais altos de análise, pois não podemos deixar de reconhecer que essas duas categorias existem no interior de muitas teorias. É o que Chambers (2003) salienta:

[...] qualquer teoria não-categorial consistente, tal como a teoria da variação linguística, deve incorporar – ou ao menos ser coerente com e não contradizer – as propriedades gerais da **competência linguística** que emergiram com admirável clareza no paradigma chomskiano. Com “propriedades gerais”, eu me refiro à linguagem como uma faculdade mental, inata e especificada para a espécie, que, quando **estimulada pela experiência social, cria uma gramática** por meio da marcação de parâmetros em princípios universais. (CHAMBERS, 2003, p. 29, tradução nossa, grifo nosso)

Por conseguinte, a afirmação de Abbagnano parece ir ao encontro do que postula Chambers (2003). Além disso, acreditamos que fatores pragmáticos e discursivos podem e devem ser observados quanto às significações de uma ou outra forma em seu uso,

estando, assim, correlacionados ao fenômeno, na medida em que o analista pode observar como se comporta o fluxo de informações no enunciado bem como as intenções do falante ao optar por uma ou outra forma linguística.

O que acontece é que questões funcionais das orações também foram observadas por Weiner e Labov em *Constraints on the agentless passive* após as críticas de Lavandera. Segundo os autores, há restrições do uso da passiva ou ativa dependendo do tipo de sujeito [+/- específico] [+/- definido] e da sua posição (pós ou pré-verbal). Além disso, reconhecem que a ordem não-marcada traz os elementos novos primeiro, enquanto na ordem marcada o elemento novo vem depois do verbo.

Assim, após pensarmos sobre a noção de significado de forma mais ampla (Lavandera) e de forma mais restrita (Labov), é possível encararmos essas posturas teóricas não como uma sobreposição, mas como direções opostas de um percurso. No caso dos estudos lavanderianos, o que vemos é um percurso que vai da função para a forma: avaliam-se as formas que expressam certa função, como nos estudos onomasiológicos que compreendem todos os possíveis significantes de um significado, entendido nessa perspectiva como função comunicativa. Já nos estudos labovianos, o que temos se aproxima muito do que fazem os estudos semasiológicos, cujo enfoque são as formas, de modo que é possível controlar suas nuances de significado, mas parte-se sempre das formas que uma construção ou qualquer outra estrutura linguística tem. Tais nuances são encaradas como correlacionadas ao fenômeno, nesse caso. Isto é, de um lado, considera-se o conjunto de significados associados a uma forma e, de outro, busca-se identificar outras formas que podem expressar o mesmo significado e estar em concorrência com a primeira.

No que se refere ao desempenho e à competência nas duas perspectivas mencionadas - laboviana e lavanderiana -, a interpretação que se faz é a seguinte: a primeira focaliza as realizações de desempenho do informante, de modo que isso está atrelado a sua gramática e, conseqüentemente, pressupõe também a competência desse informante, mas com base em seu desempenho, pois parte-se da forma materializada na linguagem. Na lavanderiana, a previsão é de que há diferentes formas para uma função. Há, nessa segunda perspectiva, a chance de nem todas as variantes de uma mesma variável serem encontradas. Ou seja, há formas disponíveis no interior da competência, mas que nem sempre aparecerão no desempenho do falante, de forma concreta. O “etc.” mencionado anteriormente por Silva-Corvalán, por exemplo, abre caminho para que nem todas as variantes sejam encontradas no interior de uma função, pela perspectiva

lavanderiana; algo que parece trazer um nível de abstração que não deve interessar à Sociolinguística, na medida em que se analisam dados empíricos.

Sabemos que a dicotomia competência-desempenho, proposta por Chomsky, é ultrapassada pela Sociolinguística, mas acreditamos que pensar nesses dois aspectos pode ser importante para entendermos os percursos de análise, tanto lavanderiano quanto laboviano.

Parece-nos, portanto, importante trazer à discussão a noção de competência comunicativa de Hymes (1972). Sendo o componente gramatical um dos aspectos da competência, é preciso, de acordo com Hymes (1972), transcender o limite estrutural-forma, integrando a teoria linguística a uma teoria de comunicação e cultura. Isso posto, uma forma, além de formalmente possível (gramatical), deve ser também viável, apropriada e, de fato, realizada.

Todos os quatro aspectos são dependentes entre si, de modo que uma forma poderia ser gramatical, viável, apropriada, mas não necessariamente utilizada por um falante. Tal fato faria dessa construção um exemplo abstrato de uma produção que concretamente não existiria, algo que não interessa aos estudos acerca da competência comunicativa, ainda que seja de interesse de outras correntes, como o Gerativismo, por exemplo.

Um modo de conciliar todas essas posturas teóricas e promover meios mais eficazes de avaliar a variação sociolinguística lidando com o significado pode ser visto no trabalho de Silva-Corvalán (2001) sobre o uso do indicativo e subjuntivo na língua espanhola. A ideia de contexto obrigatório (categórico) e contexto opcional (variável) é fundamental para entendermos a relação entre forma e função de um fenômeno e sua distribuição. Segundo a autora, os estudos acerca do modo em espanhol atribuem ao indicativo o significado de asserção e ao subjuntivo o de não-asserção, de maneira que há contextos tipicamente assertivos que permitem apenas o indicativo (doravante I), contextos tipicamente não-assertivos que permitem apenas o subjuntivo (doravante S) e contextos que permitem o uso variável das duas formas (I ou S).

Os contextos de uso obrigatório de indicativo, segundo Silva-Corvalán (2001, p.141-142) se referem àqueles que se formam a partir de construções nominais com matrizes tipicamente assertivas (assegurar, crer, ver) em sentenças afirmativas (2.1) ou/e em apódoses de sentenças que possuem indicativo na prótase (2.2).

(2.1) Veo que hay (I) muchas.

(2.2) Si trae al niño, lo hacemos (I) dormir em mi cuarto.

Contextos de uso obrigatório de subjuntivo dizem respeito às cláusulas nominais de matriz volitiva, causativa ou de impossibilidade (como em 2.3) e finais (introduzidas por *para que* ou com *tal de que*, como em 2.4).

(2.3) Es imposible que vengan (S).

(2.4) Lo traje para que yo lo viera (S).

Há, no entanto, contextos em que o uso do indicativo ou subjuntivo é opcional, embora a noção de mais ou menos assertividade ainda se mantenha. Isso implica dizer que a avaliação subjetiva da situação por parte do falante é que fica em evidência na escolha de uma ou outra forma (Cf. exemplos 2.5 e 2.6).

(2.5) No creo que estoy (I) / esté (S) de acuerdo.

(2.6) Quiza fue (I) / fuera (S) mi culpa.¹⁰

Sankoff (1982), por sua vez, propõe a noção de distribuição complementar fraca, em que duas ou mais formas, embora não sejam utilizadas sempre com a mesma função, podem manter entre si funções estreitamente relacionadas, senão idênticas em determinados contextos, o que possibilita a neutralização, o enfraquecimento de qualquer distinção semântica entre elas em tais cenários.

No PB, Pimpão (1999) avaliou a variação entre as formas verbais do presente do subjuntivo e do presente do indicativo, por uma abordagem discursivo-pragmática. Assim, segundo a autora, para que haja variação, é preciso haver neutralização do significado subjetivo do falante. De acordo com Pimpão (1999), o *continuum* tempo-modalidade surge como principal condicionante de determinado modo verbal. Traços de futuridade e incerteza, por exemplo, os quais se localizam no nível sintático-semântico, fazem com que se preserve o uso do subjuntivo. Todavia, traços de atemporalidade e incerteza, localizados no nível semântico-pragmático, assim como os traços de pressuposição no nível discursivo-pragmático, inibem o emprego do subjuntivo. Portanto, a autora vê o subjuntivo como uma categoria gramatical híbrida que se bifurca em uma categoria morfofonológica e em uma categoria discursivo pragmática. Além disso, Pimpão (1999) conclui que, diferente do que preconiza a gramática normativa, o

¹⁰ Exemplos extraídos de Silva-Corvalán (2001, p.141-142)

subjuntivo mostra-se atuante sob o traço de futuridade, enquanto a ausência desse traço mostra-se um contexto preferencial para o emprego do indicativo. Isso implica dizer que mais relevante para o emprego de um ou outro modo são esses aspectos e não aqueles traços de certeza e incerteza que ao indicativo e ao subjuntivo se associam no interior da tradição gramatical.

Há, portanto, a possibilidade de haver variação entre as formas classificadas pela tradição gramatical como de incerteza (as de subjuntivo) e as do indicativo, tradicionalmente associadas à noção de certeza. É o que se vê no exemplo 2.7, retirado de Pimpão (1999, p.15):

(2.7) E porque a gente já falou, né? se for mulher eu escolho, se for homem ele escolhe. **Espero** que ele **escolhe** um nome bonito, né? pra depois o filho não reclamar quando crescer. (FLP 06, L1635)

É visível que a tradição gramatical define contextos em que verbos como “esperar” e “querer” são considerados os regentes prototípicos do subjuntivo. O uso desse modo representaria, então, um certo efeito de concordância semântica entre os verbos da principal e da encaixada; concordância essa que parece se “abalar”, dada a variação linguística constatada.

Mollica (1996), analisando as preposições que acompanham as formas de *ir* em seu sentido pleno, as quais indicam movimento, mostrou que há valores semânticos por trás de cada uso, na medida que esses valores podem ser tomados como associados ao fenômeno. *Ir a algum lugar* pressupõe uma ideia de menos permanência; *Ir para algum lugar* indicaria uma ideia de maior permanência e *ir em algum lugar* estaria associado à ideia de um espaço “mais fechado”. Além disso, o grau de definitude do locativo também se mostrou importante, pois o estudo revelou que quando o referente era conhecido e acompanhado de um determinante, a escolha preferencial era pela preposição *em*. É importante ressaltar, entretanto, que esses resultados mostram tendências, de modo que nenhuma dessas correlações se mostrou absoluta.

Oushiro (2010), em análise de quatro formas Interrogativas-Q¹¹, discute a possibilidade de essas serem tomadas como variantes de uma mesma variável, de maneira que se avaliou um condicionamento discursivo-pragmático – Fundo Comum – e um condicionamento extralinguístico – a idade. Segundo a autora, há contextos sintáticos em

¹¹ a. *Interrogativas-qu*: Onde você mora?/ b. *Interrogativas qu-que*: Onde que você mora?/ c. *Interrogativas é-que*: Onde é que você mora?/ d. *Interrogativas Q-in-situ*: Você mora onde? (OUSHIRO, 2010, p.629)

que uma construção pode ser empregada pela outra, em que as diferenças entre elas se neutralizam, mas há também arranjos que restringem o uso de determinadas estruturas, como em sentenças com dois (ou mais) constituintes interrogativos que são utilizados como argumentos do verbo, em exemplos como os que se seguem:

- (2.8) a. *Quem vai trocar com quem?* (F1S)
b. ??? Com quem quem vai trocar?
c. ??? Quem com quem vai trocar? (OUSHIRO, 2010, p. 632)

Assim, no Português Brasileiro, sentenças como (2.8b) e (2.8c) parecem improváveis, portanto agramaticais. Já em sentenças que são introduzidas por um complementizador “que” (ou “se”), há a possibilidade de variação, como se vê nos exemplos 2.9a e 2.9b.

- (2.9) a. *E por que a senhora acha que o público é tão diferente?* (F1S)
b. E a senhora acha que o público é tão diferente por quê?
(OUSHIRO, 2010, p. 632)

No que se refere à noção de “valor de verdade” ou de “mesmo estado de coisas” postulado por Labov (1972), a pesquisadora afirma que, para as Interrogativas-Q, não é possível atribuir um valor de verdade. Diferentemente, ela propõe um critério baseado na pressuposição:

as formas interrogativas de constituinte podem ser consideradas semanticamente equivalentes se aquilo que é pressuposto pode ser definido igualmente em ambos os casos. Em uma sentença como “Por que (é que/que) você quer aprender inglês?” (uma estrutura com constituinte interrogativo movido), o falante pressupõe que o seu interlocutor “quer aprender inglês”. É razoável assumir que, em uma sentença como “Você quer aprender inglês por quê?” (uma *interrogativa Q-in-situ*), a pressuposição é a mesma. (OUSHIRO, 2010, p. 633)

Nota-se que há questões sintáticas e semânticas que envolvem esse fenômeno e que precisam ser levadas em conta:

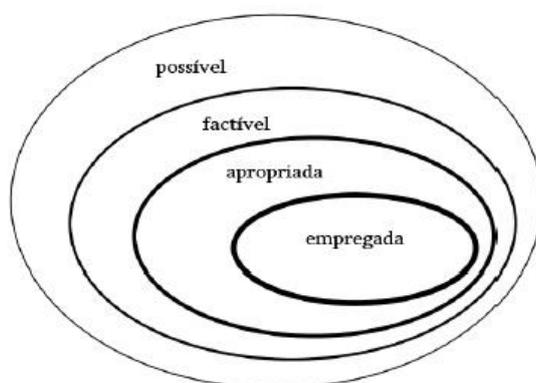
O estudo da variação pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de diversas maneiras (LABOV, 1972): se não há opcionalidade, há que se ter o uso categórico de determinada forma; e se duas formas não querem dizer “a mesma coisa”, pode-se questionar tal opcionalidade. Em outras palavras, deve-se estabelecer, por um lado, a possibilidade de realizações alternativas e, por outro, uma equivalência semântica entre as variantes em potencial. (OUSHIRO, 2010, p. 632)

Por fim, podemos concluir que a polêmica Lavandera-Labov não exclui em nenhum momento a possibilidade de se estudar as variáveis sintáticas. Ao contrário, a preocupação é fornecer subsídios para uma análise consistente de fenômenos nesses níveis. A problemática posta em evidência por Lavandera diz respeito à forma como se deve fazer isso, aos critérios utilizados para definirmos os contextos em que duas ou mais formas podem ser consideradas como alternativas.

Contudo, parece ser preciso articular a teoria sociolinguística com outras que consigam lidar com noções de significado, sejam essas referenciais, funcionais etc. para que cheguemos, assim, ao nosso envelope de variação.

As noções de desempenho e competência podem ser mobilizadas com o objetivo de fortalecer a teoria e de cercar a significação, entendida como processo, visto que a língua está sempre em processo contínuo e gradual de transformação. Porém, vale ressaltar que a diferenciação entre competência e desempenho é feita, aqui, com fins didáticos. Para a Teoria da Variação e Mudança, a base é de que não se deve separar as duas coisas ou incluir apenas as regras gramaticais no interior da competência. Portanto, trabalhar com a noção de competência comunicativa, de Hymes (1972), mostra-se o mais satisfatório. Foi o que Oushiro (2011) fez com as Interrogativas-Q. Para a autora, uma estrutura era considerada variante quando era, ao mesmo tempo, (i) possível (ou seja, gramatical), (ii) factível (viável, em termos de possibilidade de um falante utilizá-la no arranjo linguístico), (iii) apropriada (em termos de adequação no interior da situação) e (iv) empregada (ou seja, realmente utilizada). A figura a seguir ilustra os quatro atributos que uma variante precisa ter para que seja incluída no envelope de variação:

Figura 1 - definição do envelope de variação a partir do conceito de competência comunicativa



Fonte: OUSHIRO, 2011, p. 57.

Como se vê, para que uma forma seja empregada, ela precisa, necessariamente, ser apropriada, factível e possível. Ou seja, os atributos são cumulativos: uma forma somente é factível se for possível, apropriada se for factível e empregada se for apropriada. Por conseguinte, nosso universo de estudo, assim como o de Oushiro (2011, p.56) se define pelo subconjunto de formas empregadas”, que está contido em todos os demais.

Além disso, como no interior das condicionais, nas Interrogativas-Q não seria possível trabalhar com a noção de valor de verdade. Diferentemente, é preferível pensarmos em pressuposição, semelhante ao que fez Oushiro (2011) com base em Stalnaker (1978, 2002). O pressuposto, segundo Stalnaker (2002), refere-se a um fundo comum, ou seja, às ferramentas utilizadas pelos locutores para resgatar os referentes comuns entre os interlocutores.

Para Grice (1982), as noções pelas quais as pessoas falam uma com as outras são, naturalmente, variadas e complexas. Contudo, é possível assumir que há algumas atividades comuns na prática conversacional, em que pessoas dizem “coisas” para que outras pessoas saibam “coisas” que não sabiam antes e adquiram certas informações específicas. Em níveis práticos, uma construção como “Se José tem dinheiro, por que ele não compra uma ilha?” tem um pressuposto distinto de “Se José tem dinheiro, ele compra uma ilha”. Embora sejam construções descontextualizadas, o que inferimos, a *priori*, é que, na primeira, o pressuposto é de que José tem dinheiro. Tal construção poderia ser parafraseada por “[*já que*] José tem dinheiro, por que ele não compra uma ilha?”. Já na segunda o pressuposto é diferente: embora, para essa construção, a descontextualização prejudique ainda mais a interpretação, há a possibilidade de haver dois pressupostos, ainda que possamos descartar um deles pela crença comum compartilhada socialmente. O primeiro é de que José não tem dinheiro no momento em que essa construção foi hipoteticamente produzida; tal arranjo poderia ser parafraseado por “[*se por acaso*] José tem dinheiro, ele compra uma ilha”. O segundo pressuposto é de que sempre que José tem dinheiro, ele compra uma ilha, dada a noção genérica e iterativa que ao presente do indicativo se associa, nesse caso. Contudo, esse segundo pressuposto não parece ser facilmente aceitável fora do contexto, sem sabermos quem é José, o que faz, onde vive, pois, socialmente, e pensando-se na realidade brasileira, não se imagina que pessoas comprem ilhas a todo momento. Trocar o complemento *ilha* por *balas na venda* parece, então, fazer com que esse segundo pressuposto seja facilmente aceito: “Se José tem dinheiro, ele compra balas na venda” / “[*sempre que*] José tem dinheiro, ele compra balas

na venda”. Assim, mesmo para variáveis que se encontram "além do nível fonológico", em que mormente não se verifica correlação com variáveis sociais/externas, vemos que não é possível concebermos a língua por si só e como algo à parte da vida em sociedade.

O que se vê, portanto, é que a noção de pressuposto é extremamente importante para captarmos as nuances semânticas de cada arranjo condicional. Tais construções, embora descontextualizadas, corroboram o fato de que não apenas a combinação modo-temporal seja responsável por valores tradicionalmente associados a elas (incerteza ao subjuntivo e certeza ao indicativo, por exemplo, como veremos na seção Estado da Arte), mas todo o conjunto do arranjo produzido pelo falante.

2.2.1.2 O significado social das variantes

Além dos significados referenciais, não podemos nos esquecer que há valores sociais e estilísticos associados diferentemente às variantes dependendo do tipo de variável (CAMPBELL-KIBLER, 2006). Lavandera compara o estudo de Sankoff (1982) sobre os verbos auxiliares *être* e *avoir* aos estudos das passivas e ativas de Weiner e Labov (1983) para dizer que nos trabalhos de Sankoff, os significados sociais e estilísticos ficam mais evidentes, já no de Weiner e Labov (1983) não.

Todavia, não podemos nos esquecer que, mesmo dentro do nível fonológico, há fenômenos menos ou mais salientes. Valores estilísticos e sociais de uma variável envolvendo a ditongação no Português (arroz e arroiz) não são os mesmos que estão por trás de um fenômeno como o rotacismo (Flor e Fror), o que significa dizer que alguns fenômenos variáveis possuem maior estigma que outros. No caso em questão, ao rotacismo parece se atribuir mais estigma que à ditongação (CALLOU; MORAES; LEITE, 2002; CALLOU; LEITE, 2000). Por outro lado, há outros fatores sociais envolvidos no contexto de uso da língua. Há motivações extralinguísticas de natureza pragmática, que envolvem o emissor, o receptor da mensagem e o contexto de uso, de modo que a atitude do falante e o conhecimento compartilhado, por exemplo, são elementos fundamentais para se estudar quando esses se sobrepõem aos valores de estigma ou não-estigma de determinada variável.

Sendo assim, consideramos que a Sociolinguística não deve deixar de lado os componentes sociais e estilísticos de um fenômeno que é aparentemente menos saliente na língua, como no caso de *arroz* e *arroiz*, por exemplo, ou no caso das passivas e ativas

estudadas por Labov, de modo que mesmo que sejam menos salientes socialmente falando (em se tratando de grau de formalidade, estigma etc.), esses fenômenos refletem o perfil de seus falantes e fazem parte da sociedade como um todo. A alternância verbal em condicionais, por sua vez, trará questões semelhantes a essas para serem debatidas. Lembramos que, na maior parte das vezes, como veremos na seção 3 (*Estado da Arte*), embora não tenhamos uma forma verbal propriamente estigmatizada, há formas consideradas mais prestigiadas, geralmente associadas a discursos mais elaborados, como o emprego do subjuntivo pelo indicativo, por exemplo, ou o futuro sintético pelo analítico, em que aos primeiros se atribui maior *status* (LEAO, 1961; GRYNER, 2008).

2.2.1.3 A restrição contextual

Diferentemente do que se observa no nível fonético-fonológico, a análise da variação em níveis mais altos tem necessariamente que enfrentar, mais constantemente, problemas ligados à restrição contextual, pois algumas variáveis sintáticas, pragmáticas e discursivas não são tão facilmente encontradas como as fonológicas. Além disso, há o fato de que, mesmo quando encontradas, essas podem ter funções distintas dependendo do contexto (não constituindo variação). Tal fato acaba por exigir que se restrinja ainda mais o número de dados, já que o interesse dos estudos variacionistas recai sobre os contextos variáveis.

A Sociolinguística Laboviana, também denominada Sociolinguística Quantitativa (GUY e ZILLES, 2007), lida estatisticamente com os dados, como sabemos, de modo que é preciso que se tenha um número considerável de dados para que consigamos interpretar os testes, fazer cruzamentos de variáveis independentes e para que os resultados das variáveis independentes sejam confiáveis.

Milroy e Gordon (2003) propõem como alternativa para os poucos dados encontrados o uso de mais de uma fonte de dados como *corpus*, para que um maior número de dados possa vir a confirmar ou não as hipóteses que se tem acerca de determinado fenômeno, o que traz maior confiabilidade aos resultados e, conseqüentemente, a possibilidade da replicação dos métodos de pesquisa.

Entretanto, não podemos esquecer que uma das maiores críticas de Lavandera aos estudos que aplicam os mesmos métodos de análises de níveis fonológicos aos demais diz respeito à falta de um consistente estudo qualitativo, muito mais que quantitativo. Portanto, parece-nos importante, primeiramente, nos aprofundarmos qualitativamente em

um número menor de dados para, delimitando os significados subjacentes a cada forma empregada, posteriormente, expandirmos o estudo a outros *corpora*.

2.3 O universo de estudo – as orações condicionais inseridas por *se*

Nas construções condicionais, segundo Mateus *Et al.* (2003), temos em geral duas orações que mantêm entre si uma relação de dependência semântica:

Chama-se oração condicional, condicionante, antecedente ou prótase a oração de cujo conteúdo proposicional depende semanticamente o conteúdo proposicional da outra oração: a condicionada, a consequente ou a apódose, também designada na tradição gramatical por ‘principal’ (MATEUS *Et al.*, 2003, p. 705).

Nas condicionais, a realização do conteúdo proposicional da oração consequente (apódose) depende da antecedente, da garantia de verdade do conteúdo dessa. Em um exemplo como “Se José tiver dinheiro, comprará uma ilha”, a possibilidade de José comprar uma ilha fica condicionada ao fato de ter dinheiro.

Outra questão importante e recorrente nos estudos sobre as condicionais, principalmente nos de viés funcionalista (NEVES, 1999, 2000; HIRATA, 1999, 2001; OLIVEIRA, 2008), diz respeito à identificação das possíveis nuances semântico-discursivas expressas por arranjos diversos, incluindo aí diferentes conjunções introdutoras da prótase (OLIVEIRA, 2008) como, por exemplo, *caso, a não ser que, exceto se, salvo se, só/somente se, sem que, a menos que, contanto que, desde que*¹² e a articulação dos diferentes tempos e modos verbais, fato esse que abordaremos mais tarde.

Dentro do mapeamento das nuances semânticas que subjazem a uma condicional, há a noção de grau de hipoteticidade. De acordo com Hirata-Vale (2001), quanto maior for a hipoteticidade, menor será a probabilidade de a proposição ocorrer. Uma construção como “Se você deitasse mais cedo e não gostasse tanto do ar fresco da noite, sobriaria mais dinheiro.” (HIRATA-VALE, 2001, p. 130) é considerada, pela autora, menos factual e, portanto, mais hipotética. Já em uma construção como “Se o personagem não é você, pode estar por perto, um parente, um amigo.” (HIRATA-VALE, 2001, p. 139), haveria

¹² Salientamos, contudo, que a conjunção mais empregada, prototípica de condição, no PB, é *se*.

um maior comprometimento com a verdade, de modo que a oração seria mais factual e menos hipotética, algo interpretado, principalmente, pela forma verbal.

Neves (1999), sobre o grau de hipoteticidade manifestado por cada construção, diz que esse se refere à “possibilidade de realização do conteúdo da apódose, dada a realização ou verdade da condição expressa na prótase” (NEVES, 1999, p.497). A autora destaca três situações possíveis que podem definir o grau de hipoteticidade:

- a) Dada a realização/a verdade de p, segue-se, necessariamente, a realização/a verdade de q (real);
- b) Dada a não-realização/ a falsidade de p, segue-se, necessariamente, a não-realização/ a falsidade de q (irreal);
- c) Dada a potencialidade de p, segue-se a eventualidade de q (eventual) (NEVES, 1999, p.498)

Integrando o que diz Neves (1999) e Hirata-Vale (1999), uma oração contrafactual (ou irreal) (Se José tivesse dinheiro, compraria uma ilha), por exemplo, seria mais hipotética e, portanto, teria menos chance de se realizar que uma eventual (ou potencial) (Se José tiver dinheiro, comprará uma ilha).

Consideramos que as correlações modo-temporais podem e devem nos dizer muito acerca do grau de hipoteticidade, mas não definem por si só o tipo de condicional (real, irreal ou potencial). Tapazdi e Salvi (1998, n.p.) afirmam que os períodos hipotéticos, em especial os irrealis, não são controlados rigidamente e somente por concordâncias de modos e tempos verbais, mas sim por um “efeito semântico complexo que deriva da interação da morfossintaxe com o conteúdo proposicional da prótase e da apódose e com o contexto linguístico e extralinguístico”. Por conseguinte, trabalhamos com a hipótese de que indicações pragmáticas existentes nas construções condicionais não podem ser desprezadas tratando-se de seu funcionamento discursivo. Tal raciocínio vai mais tarde nos auxiliar para as explanações sobre a análise do grau de hipoteticidade das condicionais presentes em nosso *corpus*.

Vale lembrar que, para delimitarmos o universo de análise, trabalharemos, nesta dissertação, apenas com as condicionais inseridas pela conjunção condicional prototípica *se*. Tal fato se justifica pela sua maior ocorrência na língua, sendo a conjunção prototípica para expressar condição (NEVES, 2000; OLIVEIRA, 2008). Assim, trabalhamos com a conjunção mais empregada, ou seja, factualmente em uso (HYMES, 1972).

Além disso, em nossas discussões, embora abarquemos os três “tipos” de condicionais (as reais, potenciais e irrealis), vamos nos deter na análise qualitativa e

estatística das condicionais potenciais, visto que são as mais frequentes na língua e possibilitam generalizações acerca do fenômeno. As irreais já foram avaliadas, em trabalho anterior (Cf. BRANDÃO, 2015) e as reais apresentam um número muito pequeno de dados, como se verá, o que não invalida uma análise qualitativa, mas faz da quantificação e da aplicação de análises estatísticas algo inviável para esses casos.

2.4 O objeto de estudo – o verbo, “a palavra por “excelência”.

In principio erat Verbum...

Do latim *verbum*, que significa ‘palavra’, o verbo é considerado a “palavra por excelência” (ILARI; BASSO, 2001), dada sua importância no universo da linguagem. Capazes de expressar todo um estado de coisas sozinhos, os verbos são tomados como núcleo de qualquer enunciado. Na tradição gramatical, por exemplo, é notória a presença de orações sem sujeito, mas é impossível uma oração sem verbo. Pelo contrário, uma sentença sem verbo, não é, pela mesma tradição, considerada uma oração, de modo que a presença do verbo é característica inerente dessa; e mais, constitui seu núcleo.

Portanto, mais adequado do que a corriqueira definição de que verbo é aquela palavra que indica ação, estado ou processo, parece ser levar em conta seus aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Marcos Bagno, em sua *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, propõe a seguinte definição para os verbos:

Quadro 1 - Definição do verbo

Morfossintática	Palavra que dispõe de um radical e de sufixos próprios: radical (raiz + vogal temática) + sufixo modo-temporal + sufixo número-pessoal: falássemos = fal- + -a- + -sse- + -mos
Semântica	O verbo expressa os estados de coisas, ou seja, as ações, os estados e os eventos de que precisamos dar conta quando falamos ou escrevemos.
Discursiva	“palavra (i) que introduz participantes no texto, via processo de apresentação, por exemplo; (ii) que os qualifica devidamente, via processo de predicação; (iii) que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos” (CASTILHO, 2010, 369)

Fonte: Bagno (2012, p.509)

A seguir, aspectos discursivos e semânticos dos verbos serão abordados, como tempo, modo e aspecto, para que possamos compreendê-los e, mais tarde, estabelecermos os critérios de análises acerca da modalidade e temporalidade.

2.4.1 Os subsistemas gramaticais dos verbos – TAM (tempo, aspecto e modo)

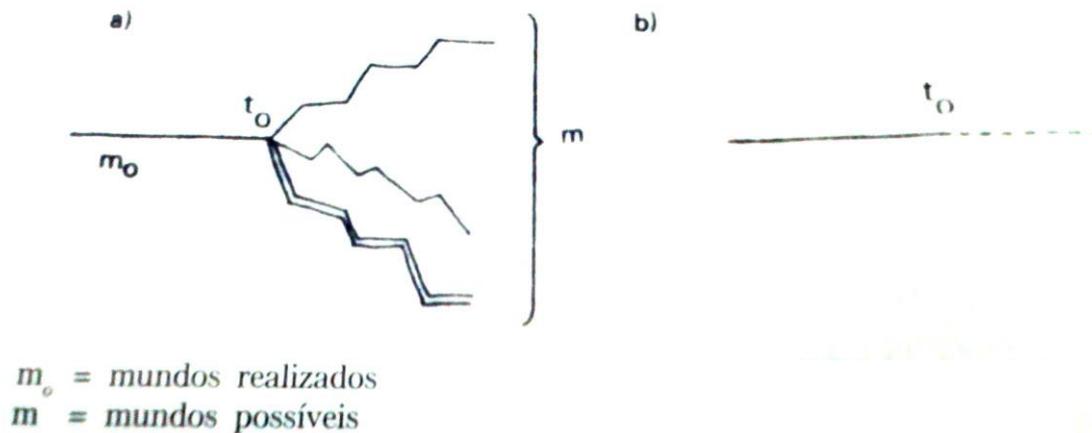
2.4.1.1 Tempo linguístico e tempo cronológico

Estudar as formas verbais exige de nós um olhar sobre noções semânticas temporais, modais e aspectuais que um verbo pode expressar. Segundo Fiorin (2008, p.11), o tempo linguístico dos verbos deve ser definido como “a categoria gramatical que permite situar os acontecimentos como presentes, pretéritos ou futuros em relação a um marco referencial presente, pretérito e futuro, estabelecido a partir do momento da enunciação”. Nesse sentido, o tempo linguístico não diz respeito a uma forma, mas a uma localização em relação ao momento da enunciação.

Quanto aos tempos do verbo, tomamos como referência a tríplice noção temporal proposta por Reichenbach, retomada por Corôa (2005, p.11) em seu estudo sobre o tempo nos verbos do Português: o momento da fala (MF), que se refere ao instante em que se realiza a fala, ao momento da enunciação; o momento do evento (ME), que se refere ao tempo em que se dá o evento descrito; e o ponto ou sistema de referência (MR), que diz respeito às perspectivas concomitantes ou não concomitantes ao momento de fala, as quais servirão de parâmetro para a organização dos eventos no tempo, instaurando três pontos de referência: um concomitante à enunciação (presente), um anterior ao momento da enunciação (passado) ou um posterior ao momento da enunciação (futuro). Esses “momentos temporais” nos permitem pensar no valor de cada forma verbal inserida em seu contexto de uso, mostrando as diferentes complexidades que se criam a partir de um arranjo diferente entre os momentos.

Corôa (2005), baseando-se nos estudos de Martin e Nef (1981), destaca o feixe de “mundo possíveis” que o futuro cria em relação à linearidade do passado e do presente, como se observa nos esquemas reproduzidos a seguir, de autoria de Martin e Nef (1981).

Figura 2 - Feixe mundos, com base em Martin e Nef (1981).



Fonte: Corôa, 2005, p.56

Segundo Corôa (2005, p.55), “em T_0 (momento da enunciação) se abrem infinitos prolongamentos possíveis, mas quando o futuro se tornar passado (e o T_0 tiver se deslocado para a direita) só um desses prolongamentos representa o que se realizou”.

No que concerne ao tempo gramatical, pensamos, pois, nos elementos mórficos que uma forma verbal assume, vindo a constituir um possível caso de variação, como o aqui estudado. Quando falamos em elementos mórficos, estamos nos referindo à flexão modo-temporal dos verbos, o que posteriormente nos permite dizer que há variantes mórficas de um mesmo tempo linguístico, incluindo as perífrases formadas a partir de um verbo auxiliar e um infinitivo (*vou comprar*, por exemplo). Assim, formas alternantes podem possuir morfemas modo-temporais distintos umas das outras, mas que, em certos contextos, podem manter a mesma ordenação temporal a qual é, conseqüentemente, menos dependente da forma verbal em si, e mais dependente do contexto.

2.4.1.2 Modo e modalidade

Nossa compreensão linguística acerca da modalidade tem suas raízes na lógica modal, um ramo da Filosofia da Linguagem (COSCARRELLI, 2012). As modalidades que se destacam dentro dos estudos linguísticos, que geralmente se pautam na lógica, são a deôntica e a epistêmica. Para a Filosofia da Linguagem, a primeira envolve noções ligadas à obrigação e à permissão, enquanto a segunda diz respeito à necessidade, crença e indica comprometimento (ou não) do falante com a verdade da proposição.

Modalidade é, pois, segundo Bybee e Fleischman (1995), um domínio semântico que abrange uma ampla gama de significados – intenção do falante, grau de hipoteticidade, dúvida etc. –, e que se materializa em contextos de interação social. De acordo com as autoras, um dos mais básicos problemas que permeiam a literatura linguística refere-se à relação entre modo e modalidade. Analogicamente, caímos na mesma problemática do estudo entre as formas e funções¹³, visto que o modo é tomado como uma categoria formal da gramática (imperativo, indicativo, subjuntivo etc.), enquanto modalidade é o domínio semântico do modo.

Bybee (1985) propõe uma mudança na classificação dos significados modais, ultrapassando a lógica, principalmente no que tange à modalidade deôntica. A autora postula (i) *agent-oriented modality* (modalidade orientada a agentes), que engloba os significados modais que determinam a condição de completude por parte do agente de uma ação referida pela predicação, como as declarações que descrevem obrigações e permissões; (ii) *Speaker oriented modality* (modalidade orientada a falantes), que representa uma espécie de ato de fala, através do qual o falante tenta se mover em direção à ação, utilizando-se de marcadores imperativos, optativos e permissivos e (iii) *Epistemic modality* (modalidade epistêmica), que mantém, na avaliação dos autores, sua definição tradicional: “são escopos clausais indicadores de comprometimento do falante com a verdade da proposição” (BYBEE; FLEISCHMAN, 1995, p. 6, tradução nossa).

Ligadas à noção epistêmica, que muito se relaciona com os valores de verdade que subjazem a um enunciado, estão outras categorias bastante amplas: a realidade (*realis*) e a irrealidade (*irrealis*), que recobrem, respectivamente, a assertividade e a não assertividade de um enunciado, segundo as autoras. A não-assertividade, como vimos, é uma das características dada pelas gramáticas ao modo subjuntivo. Bybee e Fleischman (1995) reconhecem a similaridade que há entre as categorias de *irrealis* e do subjuntivo, mas defendem que o subjuntivo não se restringe à não-assertividade do *irrealis*, assim como o contrário também é válido: o *irrealis* não se materializa apenas pelo subjuntivo; diferentemente, as autoras afirmam que é difícil determinar se, em algumas instâncias, o marcador de *irrealis* não se dá por outros elementos (como lexicais, por exemplo), trazendo marcações redundantes de irrealidade.

Além da dificuldade em saber ao certo o que marca a irrealidade, há outro problema levantado pelas autoras: os graus com que cada língua varia na compreensão

¹³ Lê-se função ligada a significados, portanto funções semânticas, pragmáticas e discursivas.

das categorias gramaticais de *irrealis*: “cada língua que opera com a categoria parece fazer sua própria determinação em relação a quais categorias gramaticais que implicam no *irrealis* podem ser consideradas de *irrealis*” (BYBEE E FLEISCHMAN, 1995, p. 10, tradução nossa).

As autoras ressaltam que há questões cognitivas envolvidas nas categorias e apontam para um *continuum*, no qual, em determinados momentos, as categorias se sobrepõem, tanto em um nível mais amplo, como na modalidade, por exemplo, em que temos construções cujos significados prototipicamente deônticos podem envolver significados epistêmicos (Ex.: Você pode entrar), quanto no *realis* e *irrealis* da submodalidade epistêmica, que também possuem uma escala de significados que sinalizam crença ou a falta dela por parte do falante, compromisso ou a falta dele com o que se fala.

Givón (1995, p.112) também define *modalidade* como aquilo que “assinala a atitude do falante em relação à proposição”, e lembra que *atitude* corresponde a “dois tipos principais de julgamento, perspectiva ou atitudes em relação à informação ‘embalada’ pela oração: atitudes epistêmicas e atitudes avaliativas”. Esses dois tipos de “atitudes” ainda se especificam a partir de uma distinção fundamental - as noções de *realis* e *irrealis*, cuja distinção pode ser recolocada como um contraste entre ‘verdade factual’ e ‘verdade possível’, do ponto de vista da tradição lógica. Mas, na perspectiva comunicativa, que marca uma abordagem atual da questão, a diferença se estabelece em termos da força e do tipo de asserção veiculada pela proposição. Na asserção *realis*, “a proposição é fortemente afirmada como verdadeira”; na asserção *irrealis*, ela é “fracamente afirmada, seja como possível, provável ou incerta (sub-modos epistêmicos), ou necessária, desejada ou indesejada (sub-modos avaliativos-deônticos)” (GIVÓN, 1995, p.114, tradução nossa).

Nessa perspectiva, as condicionais se caracterizam, em sua maioria, por ausência de “factualidade” (no sentido lógico do estado de coisas), aceitando apenas asserções segundo a avaliação que o falante faz da possibilidade/impossibilidade de ocorrência de um estado de coisas, o que nos mostra, conseqüentemente, que há sempre um valor modal ligado ao valor temporal (GORSKI *Et al.*, 2002).

Bronckart (2012[1997], p.330-333), partindo de uma perspectiva sociodiscursiva, reconhece as múltiplas classificações para modalidade desde a Antiguidade Grega e postula quatro funções para as modalizações: (i) a lógica; (ii) a deôntica; (iii) a apreciativa e (iv) a pragmática. A modalização lógica, segundo o autor, refere-se a enunciados cujos

elementos de conteúdo são apresentados como fatos atestados (ou certos), com base no mundo objetivo. A modalização deôntica apresenta os elementos do conteúdo como sendo do domínio do direito, da obrigação social, das normas, apoiando-se, por isso, em valores, opiniões e regras constitutivas do mundo social. A modalização apreciativa consiste em uma avaliação de aspectos do conteúdo temático, procedendo do mundo subjetivo, de um ponto de vista da avaliação. Já a modalização pragmática contribui para explicar alguns aspectos ligados a ações/ responsabilidade de um agente sobre determinado conteúdo temático.

Pelo breve panorama que trouxemos, já é possível percebermos que há diferentes classificações acerca da modalidade de um enunciado. Todavia, essas visões distintas não são excludentes entre si e mantêm um denominador comum: não há dúvidas de que quando olhamos para a modalidade expressa pelas condicionais, estamos querendo entender, essencialmente, como se materializa a “inter-relação direta entre perspectiva do falante e codificação/ expressão da modalidade” (BITTENCOURT, 2012, p. 75), isto é, como o falante expressa, codifica sua atitude, seu julgamento ou avaliação frente a uma proposição (GIVÓN, 1995).

Por conseguinte, ainda que modalidade seja uma categoria um tanto abstrata, nos apoiamos nas ideias de Palmer (1986), quando este diz que a modalidade é passível de descrição e sistematização, não se relacionando apenas com o verbo, mas com todo o enunciado em questão, tal como mostraremos posteriormente, neste trabalho.

Algo análogo parece poder ser pensado com questões que se ligam ao modo do verbo, mesmo em perspectivas mais estruturalistas. Entendendo modalidade como uma atitude psíquica do falante para com os fatos que anuncia (CÂMARA Jr., 1956), este (o modo) se expressa morfologicamente no Português, tradicionalmente por um conjunto de paradigmas verbais que se enquadram nos modos *indicativo*, *subjuntivo* e *imperativo*. Diferentemente da modalidade, que pode aparecer via marcadores outros que não as desinências do verbo (adjuntos, modalizadores etc.), o modo é identificado no interior do paradigma verbal.

Câmara Jr. (1956, p.18) nos ensina ainda que essa atitude psíquica é “uma consequência inelutável da natureza humana que não saberia manter-se impassível e neutra de exteriorização verbal” e, assim, os modos de ver do falante sempre são expressos; e não apenas pela estruturação mórfica da forma verbal, mas também, e por vezes, lexicalmente (*talvez*, *caso*, *se*, *um dia*, *neste caso*, *com certeza* etc.), bem como por outras formas de que as línguas lançarem mão.

Pensando sobre esse caráter modal de formas verbais, voltamos nossa atenção para a importância que o subjuntivo (modo que, geralmente, é tratado como prototípico para expressar incerteza, imprecisão) e o conectivo *se* presente na prótase condicionante exercem para que a hipoteticidade seja compartilhada para as formas verbais da apódose. Entretanto, a noção de incerteza e imprecisão parece não se dar apenas pelo modo do verbo, como temos mostrado, bem como esse não parece ser o único valor do subjuntivo, nem mesmo o mais saliente. Pimpão (1999), como já mencionamos, ressalta o traço de futuridade que ao subjuntivo se associa, enquanto ao indicativo, o traço de atemporalidade parece ser o mais “saliente”.

2.4.1.3 Aspecto

No que se refere ao aspecto verbal, podemos dizer que, enquanto tempo e modo/modalidade levam em conta o sujeito tomando e avaliando o ponto de referência do que se anuncia, caracterizando-se como elementos dêiticos, uma vez que trazem elementos do momento de enunciação ou indicam “o momento da situação relativamente à situação de enunciação” (TRAVAGLIA, 1985, p.52), o aspecto é, necessariamente, uma visão objetiva acerca da duração ou desenvolvimento entre um estado e um processo (CASTILHO, 1968).

É, pois, um constituinte temporal interno de um processo verbal de maneira que, assim, dizemos que “o tempo é um **tempo externo** à situação e o aspecto é um **tempo interno** da situação” (TRAVAGLIA, 1985, p.52, grifo nosso).

Travaglia (1985), ao tomar o aspecto como uma categoria que atualiza um processo, atividade ou estado, nos oferece um quadro em que temos diferentes valores para diferentes aspectos:

Quadro 2 - Alguns valores e aspectos do verbo

VALORES	ASPECTOS
DURAÇÃO	IMPERFECTIVO (inceptivo, cursivo, terminativo)
COMPLETAMENTO	PERFECTIVO (pontual, resultativo, cessativo)
REPETIÇÃO	ITERATIVO (iterativo imperfectivo e iterativo perfectivo)
NEGAÇÃO DA DURAÇÃO E DO COMPLETAMENTO	INDETERMINADO

Fonte: Travaglia, 1985, p.45.

A partir dessas discussões, nossa proposta é aliar a análise do tempo e do aspecto a uma única variável independente, denominada por nós de temporalidade, que será mais bem detalhada na seção dedicada à análise. A palavra projeção nos remete às noções de tempo externo; então em que medida há um vínculo com o aspecto?

A forma verbal mais frequente nas apódoses das condicionais analisadas é a de presente e sabemos que, entre os valores do presente, está o aspecto habitual que a ele se relaciona em muitos casos. Além disso, de acordo com Corôa (2005), “o tempo presente pode ser visto teoricamente como um ponto sem duração – limite entre passado e o futuro – cuja extensão varia com as circunstâncias da enunciação” (p.77). Aliar tanto a projeção como a duração pode nos ajudar a identificar se as combinações-modo temporais, no interior das condicionais, possuem um comportamento variável ou categórico a depender da temporalidade (ou da projeção). Para Travaglia (1985, p.147), o aspecto aflora com maior clareza nos tempos do indicativo, que exprimem ações objetivas, porque o aspecto é uma categoria objetiva, rareando, assim, o subjuntivo. Para o autor, as modalidades que mais restringem a atualização do aspecto são aquelas que pressupõem uma realização futura para a situação.

3 ESTADO DA ARTE

3.1 Visão dos compêndios gramaticais

3.1.1 O que dizem as gramáticas normativas

Como viemos mostrando desde o início desta dissertação, não podemos excluir a possibilidade de haver distintos valores semânticos atrelados a uma ou outra forma verbal, pelo menos em certos contextos. Todavia, além de essa ter sido a interpretação exclusiva dada à alternância verbal, quando reconhecida pela tradição gramatical (LIMA, 1998; CUNHA & CINTRA, 1985; BECHARA, 2009; ABREU, 2003), há o fato de não sabermos ao certo para quem a nuance semântica entre as formas verbais se evidencia. Pelos trabalhos consultados, parece-nos que a nuance existe sempre para o falante. Contudo, não há, ou pelo menos não tivemos notícias de nenhum teste de percepção feito sobre isso. Nos perguntamos, então, se essa nuance semântica seria mesmo de posse do informante, do ouvinte ou, como parece ser, do analista.

Dito isso, vemos que há um consenso entre os gramáticos de que a condicional apresenta a circunstância de que depende a realização do fato contido na principal. Rocha Lima (1998), por exemplo, reconhecendo *se* como a conjunção condicional prototípica, enfatiza que o período hipotético inserido por essa conjunção requer o verbo no subjuntivo (seja pretérito imperfeito, mais-que-perfeito ou futuro), mas que “é lícito trazê-lo no indicativo, quando denota fato real, ou admitido como real” (LIMA, 1998, p.263).

Para o gramático, as condicionais podem expressar:

- (a) Um fato de realização impossível (hipótese irrealizável): Se eu tivesse 20 anos, /casar-me-ia com você.)
- (b) Um fato cuja realização é possível, provável ou desejável: Se algum dia ficar rico, / não me esquecerei de meus amigos)
- (c) Desejo, esperança, pesar (...) Ah! Se eu soubesse... (LIMA, 1998, p.278)

A gramática data de 1998 e sua primeira edição é de 1972, de modo que é preciso salientarmos que tanto a mesóclise encontrada em (a), quanto o futuro encontrado em (b) (ambos na apódose), são, hoje, formas utilizadas raramente no PB, principalmente a primeira, embora o futuro simples também o seja na oralidade (GRYNER, 2008).

A grande questão que permeia as gramáticas consultadas e que queremos ressaltar diz respeito à possibilidade de alternância do presente do indicativo no lugar do futuro do

subjuntivo na prótase (*tem* no lugar de *tiver*, por exemplo), e do presente do indicativo pelo futuro do presente do indicativo na apódose (*compra* no lugar de *vai comprar/comprará*)¹⁴. Todavia, não parece haver alternância entre essas formas sem que se afete a factualidade dos enunciados, como vimos há pouco nas palavras de Rocha Lima. Cunha e Cintra (1985) também evidenciam o uso do presente, considerando-o como um meio expressivo de valioso efeito, por emprestar a certeza da atualidade a um fato por ocorrer, em condicionais como:

(2.10a) Se ele partir amanhã, sigo com ele.

(2.11b) Se ele parte amanhã, sigo com ele. (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 438)

Já o uso do futuro do subjuntivo marcaria a eventualidade do próprio futuro. A perífrase com *ir*, nesses mesmos contextos, indica, segundo os autores, uma ação futura imediata.

No que tange à alternância das formas verbais na apódose, não há uma discussão acerca das condicionais propriamente ditas, mas há conceitos e exemplos das peculiaridades de cada tempo verbal. Sobre o futuro¹⁵, Cunha e Cintra (1985) dizem que este é utilizado para (i) indicar fatos certos ou prováveis, quando posterior ao momento da fala (Ex.: *As aulas começarão amanhã, mudaremos de casa*) (p.446); (ii) para exprimir incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos atuais (Ex.: “*Meu anjo!*” – *dizem de mim .../ Serei, talvez, porque enfim/ Eu as vejo Deus em meus pais*) (p.447); (iii) como forma polida de presente (Ex.: *E que vou eu fazer para Angola, não me dirá*) (p.447) e (iv) e nas condicionais, quando se referem a fatos de realização possível, eventual (Ex.: *Se assim fizeres, dominarás como rainha*) (p.448).

Um dos pontos que gostaríamos de destacar diz respeito a (ii). Depois do ilustrado, há mais dois exemplos utilizados na gramática para corroborar o caráter incerto do uso do futuro, em que notamos marcas outras que trazem a incertude ao enunciado: (v) *Será que desta vez ele fica mesmo?* (vi) *Há uma várzea em meu sonho/ mas não sei onde será* (p.247). No exemplo em (ii), é inegável que, ao menos parte da modalização, se dê com a presença de *talvez*. Nos outros dois exemplos (v e vi), ambos com o verbo *ser*, flexionados na terceira pessoa do singular, a constatação é a mesma: em (v) o que temos é uma pergunta, com uma forma verbal bastante “marcada” no Português como “de

¹⁴ Exceto a gramática de Abreu (2003), que pouco ou nada fala sobre a funcionalidade das condicionais, apenas menciona a conjunção prototípica e exemplifica as chamadas condicionais reduzidas, desenvolvidas, justapostas e reduzidas de infinitivo, gerúndio e participio.

¹⁵ E vale lembrar que estes mencionam, exclusivamente, as formas de futuro simples.

dúvida” (*será que*) - e um reforço desse questionamento e incerteza ao final, com “mesmo”. Em (vi) também temos o verbo *ser* ao final, mas antes temos um verbo de cognição que é precedido pelo advérbio de negação (*não sei*).

Por conseguinte, em que medida as formas verbais de futuro são, realmente, os indicadores de dúvida, suposição ou probabilidade? O mesmo questionamento é válido para o comportamento das formas de presente: em que medida essas formas imprimem certeza?

Bechara (2009), em seção intitulada “emprego do verbo”, diz que o indicativo, em orações dependentes, encerra “um fato real ou tido como tal” (p.275) e o subjuntivo, nas subordinadas, é usado quando o fato é considerado incerto, duvidoso ou impossível de se realizar (p.280).

Sobre as formas de indicativo, explica que, como o presente se caracteriza pelo traço “negativo” ou “neutral” em relação ao pretérito ou ao futuro, considerados “positivos”, o presente pode ser utilizado “no lugar” de ambos, quando há essa neutralização, de modo que, não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: *agora estarei muito cansado* (p.276).

Segundo Bechara (2009), o uso do presente denota uma declaração que (i) se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala (Ex.: *ocorre-me uma reflexão imoral...*; (ii) que acontece habitualmente (*A terra gira em torno do sol*) e (iii) que representa uma verdade universal (*O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova*). Podemos empregá-lo no lugar do pretérito, em narrações (*Pela manhã, bate-lhe à porta, chamando-o*), pelo futuro do indicativo para indicar com ênfase uma decisão (*Amanhã eu vou à cidade*), pelo pretérito imperfeito do subjuntivo (*Se respondo mal, ele se zangaria*) e pelo futuro do subjuntivo (*Se queres paz, prepara-te para a guerra*).

Já o uso do futuro do presente e do pretérito denotam, segundo o autor, uma ação que ainda vai se realizar. Este diz que o futuro do presente pode exprimir, em lugar do presente, “incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta (*O mal não será a especiaria do bem?! Ele terá seus vinte anos*) (BECHARA, 2009, p.279).

3.1.2 O que dizem as gramáticas pedagógicas

Bagno (2012), em sua *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, afirma que o modo indicativo “incide diretamente sobre a realidade empírica do estado de coisas” (p.560), enquanto o subjuntivo nos permite expressar ação ou estado por meio de uma

perspectiva irreal do fato, ou simplesmente como possível ou desejado. Todavia, reconhece que o uso do indicativo depois da conjunção *SE* é comum no PB. Isso porque há evidências de um declínio de uso do subjuntivo nas línguas:

A inexistência de subjuntivo (melhor dizendo: de uma *morfologia* própria para os verbos de sentenças subordinadas a uma principal que expressa dúvida, desejo, concessão etc.) em tantas línguas do mundo deixa claro que a morfologia do subjuntivo é, por assim dizer, um “luxo”. E, como quase sempre ocorre, o que é de luxo também é supérfluo, vale dizer, excessivo, desnecessário. E é exatamente sobre o supérfluo ou dispensável que age a economia linguística (ou melhor, que agem os falantes, sempre avarentos no desperdício de suas potencialidades cognitivas, como a memória). (BAGNO, 2012, p. 563, grifos do autor)

Não acreditamos que possa haver algo supérfluo utilizado largamente em uma língua, uma vez que o subjuntivo no PB, por exemplo, é um modo que está presente dentro do sistema, da gramática da língua. Bagno (2012) compara a concordância de número com o caso dos usos do subjuntivo. Segundo o autor, assim como é excessivo dizer “as garças dão meia volta” quando se pode dizer “as garça dá meia volta”, poupando-se marcas morfológicas, como se vê em muitas línguas do mundo, também no caso do subjuntivo ocorre uma redundância, pois, muitas vezes, a expressão de dúvida está contida semanticamente no verbo da sentença:

Se verbos como querer, supor, desejar, esperar, permitir, duvidar, permitir, (não) crer, (não) acreditar, (não) pensar etc. já trazem, em seu próprio significado, aquelas noções (desejo, suposição, dúvida etc.), para que marcá-las também na morfologia do verbo da subordinada? (BAGNO, 2012, p. 565)

Desse modo, a modalização, entendida largamente nos estudos linguísticos como algo de natureza psicológica, já viria inscrita na própria semântica do verbo.

Acerca das formas verbais, Bagno (2012) salienta que o presente do indicativo é o verbo em sua forma não-marcada. Apoiando-se em Aristóteles, que dizia que o presente era o único tempo verbal digno desse nome e que os demais eram “declinações” ou “casos” do presente, Bagno diz que o presente, por isso mesmo, pode ser usado na expressão de todos os demais tempos.

3.1.3 O que dizem as gramáticas históricas

Said Ali (1966), admitindo o uso do presente pelo futuro, fala sobre as funções dos tempos verbais em sua gramática. Segundo o autor, o futuro refere-se a fatos e intenções que se passam na atualidade, mas que se realizam como se pertencessem ao domínio “vago” e “indefinido” do porvir; ainda, o futuro pode se referir a atos realmente vindouros. Esse divide o futuro em duas categorias: (i) futuro sugestivo: Ex.: “dar-me-á o dinheiro quando puderes” e o (ii) futuro categórico: “não furtarás” e sugere que costumamos nos servir do presente do indicativo no lugar do futuro sugestivo:

Frequentemente, sobretudo na linguagem familiar, é o emprego do presente do indicativo para denotar ações que ainda estão por ser postas em efeito. Este presente-futuro tem sobre o futuro propriamente dito a vantagem de ser forma mais simples; é além disso bom recurso de linguagem para produzir impressão mais viva, pois que, expondo os sucessos vindouros, como se já fossem realidade atual, sugerimos no ouvinte a certeza do cumprimento e lhe faremos esquecer as contingências do futuro. (SAID ALI, 1966, p.228)

Said Ali (1966) fala também acerca do “futuro problemático”, aquele que emprega a forma verbal denotadora de “ação ainda não consumida quando se tem dúvida ou incerteza sobre fatos ou sucessos próprios do tempo presente” (p.319). Este menciona que tanto as formas de futuro do presente quanto de futuro do pretérito fazem parte do futuro problemático, ou, como diz em alguns momentos, das “asserções problemáticas” ou asserções condicionadas”. Essa é, talvez, a noção de futuro que mais nos interessa no âmbito do trabalho de Said Ali (1966), pois, para o autor, o uso desses futuros depende do sentido que se quer transmitir com a proposição: se se refere a um fato cuja realização esperamos ou ao menos não achamos impossível, empregaremos o futuro do presente, em exemplos como “se puder, lá irei”. Já, se há alusão a um fato que não se realizou ou que não se realizará, nos serviremos das formas de futuro do pretérito (“se pudesses, lá iria”).

No que se refere às formas nas prótases das condicionais, Said Ali (1966) assevera que, com o uso de formas verbais no indicativo na prótase, enunciamos a certeza ou a realidade do fato, enquanto o uso do subjuntivo (ou conjuntivo em seus termos) será o modo da irrealidade ou incerteza. Segundo ele, as proposições condicionantes introduzidas por *se*, “quando se referem a atos que imaginamos existirem no momento presente ou terem-se efetuado em época anterior, dizem-se com o verbo no modo

indicativo [na prótase] e no tempo presente, ou pretérito [na apódose]” (SAID ALI, 1966, p. 382) e nos apresenta o seguinte exemplo:

(3.1) Pois se o reyno já então era chegado, como pedimos nós ainda agora que venha?... se queremos remissão dos pecados, tomemos a penitência como batismo... se tendes fé, como não fareis penitência? (Vieira, Serm. 5, 149). (SAID ALI, 1966, p.336)

Já em construções condicionais cuja oração condicionante se refere a um fato que não parece provável ou que é inexistente, usa-se, segundo o autor, o imperfeito do subjuntivo na prótase e o futuro do pretérito na oração principal (“*Se a guerra se declarasse, estaríamos perdidos*”). Porém, o autor menciona que “em português antigo e em linguagem da renascença preferiam-se geralmente formas como as do mais-que-perfeito” (p.385), quer na condicional, quer na oração principal.

3.1.4 O que dizem as gramáticas descritivas

De acordo com Perini (2010, p. 204-205), as construções subordinadas inseridas pela conjunção *se* merecem um estudo à parte das demais, pois há, segundo ele, quatro funções para essa conjunção: (i) o SE condicional, ou seja, aquele que expressa uma condição do evento na condicional (Ex.: *Se você pedir, ele certamente vai te ajudar*); (ii) o SE contrafactual, por ele considerado uma variante do SE condicional, em que o verbo subordinado encontra-se no imperfeito do subjuntivo e há a insinuação do improvável na subordinada, em construções como em *Se você fizesse esse tratamento, ficaria curado*; (iii) SE factivo, em que a oração introduzida por essa conjunção exprime um fato (Ex.: *Se a cidade é tão grande, não vai ser difícil encontrar um apartamento*) e o (iv) SE nominalizador, pelo qual se introduz uma interrogativa indireta (Ex.: *Ninguém sabe se essa cerveja presta*).

Especial atenção merece o tratamento dado pelo autor aos tipos (i) e (iii), pois, no primeiro, refere-se às construções tanto com formas verbais no indicativo (em qualquer tempo), quanto no futuro do subjuntivo, mas em (iii), necessariamente, a forma verbal que aparece é a de indicativo.

Acerca dos tempos verbais, Perini (2010) afirma que, por meio de um esquema aparentemente simples, a língua constrói um sistema rico, que inclui:

A expressão da relação temporal entre dois eventos igualmente do passado (um antes do outro); a representação de um certo evento no passado como tendo ocorrido apenas uma vez ou repetidamente, ou durante um período extenso de tempo; a visão de um evento presente como habitual ou momentâneo (simultâneo com o momento da fala), e assim por diante. (PERINI, 2010, p.219)

Há, em sua gramática, o reconhecimento de que algumas dessas ideias se relacionam ora com aspecto, ora com tempo, e, em alguns momentos, com as duas categorias, mas que, pelo fato de não termos representação formal independente ou específica para cada uma das duas categorias no Português, essas serão tratadas conjuntamente.

Em seção intitulada “variedades de expressão do presente”, Perini (2010) destaca que o significado básico das formas verbais de presente simples inclui uma certa extensão no passado e no futuro, e não apenas no presente, de modo que o presente não é utilizado para exprimir evento que se verifica no momento da fala, como apregoam as gramáticas de cunho mais tradicional. Tal fato parece permitir, ao lado de marcadores temporais, que o presente seja utilizado como forma para expressar um evento futuro (Ex.: *amanhã cedo eu te telefono*). Todavia, segundo o autor, esse uso não vale para eventos vistos como muito remotos no futuro. Pode-se dizer “*o sol vai se extinguir dentro de dois bilhões de anos*”, mas não “*o sol se extingue dentro de dois bilhões de anos*”.

Na seção em que trata das formas de futuro, esse reconhece que o futuro simples é raro no PB, sendo considerado uma forma própria do padrão escrito, de modo que o que utilizamos em seu lugar é a construção formada a partir do auxiliar IR+Infinitivo. Em vez de tal forma composta é possível utilizarmos o presente, porém o autor não menciona em que contextos isso é possível. O que há é apenas a restrição feita acima, no que tange à distância do evento (perto ou remoto).

Enquanto Perini (2010) afirma que a conjunção condicional *se* pode ter 4 funções, Castilho (2010, p.375-376) afirma, basendo-se nos trabalhos de Leão (1961), que a ideia de condição ou hipótese não se exprime apenas pela conjução, mas pelo tempo e modo-verbais, de maneira que as condicionais são classificadas, tradicionalmente, segundo ele, através de três tipos semânticos de relacionamento entre a primeira (prótase) e a segunda (apódose) construção: (i) factual (*se+indicativo/ indicativo*); (ii) eventual ou potencial (*Se+ subjuntivo/ indicativo*) e (iii) contrafactual ou irreal (*se + subjuntivo/ forma em ria*).

Como outros trabalhos já trazem (NEVES, 1999; GRYNER, 1990)¹⁶, no primeiro caso, o enunciado da prótase é tido como real, e conseqüentemente, o da apódose também o é, ou ao menos como necessário, em construções como “*Se essa aréola possui uma série de tubérculos, então o tubérculo é nomeado de (...)*”. Já no segundo, as condicionais representam um mundo epistemicamente possível (Ex.: *Eu acho que se sair antes das seis horas da manhã sai melhor*), enquanto no caso das contrafactuais, a prótase encerra uma afirmação falsa, contrária à realidade (Ex.: *se o Japão fosse uma Birmânia, as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra não teriam ajudado o Japão.*)¹⁷.

Merece destaque a exemplificação do tipo (ii), das potenciais ou eventuais. Sendo essas as consideradas as hipotéticas prototípicas, porque nelas é que está a dúvida (NEVES, 1999), perguntamo-nos se não seria a modalização expressa, especialmente, pelo verbo “achar” que confere dúvida ao enunciado e, mais precisamente, um julgamento epistêmico. Mantendo a mesma estrutura, mas alterando as formas verbais, o caráter eventual e, portanto, duvidoso não se manteria¹⁸?

A verdade é que, como o próprio Castilho (2010) menciona, “as condicionais têm suscitado um conjunto expressivo de interpretações” (p.376); as mais comuns têm a ver com o fato de estas se relacionarem com outras orações adverbiais, ou com o fato de serem consideradas tópicos das construções em que ocorrem (NEVES, 1999; 2000), ou, ainda, por criarem espaços mentais (FAUCONNIER, 1984/1985).

Para Mateus *Et al.* (2003), consoante a modalidade que está por trás das condicionais, as orações podem ser factuais, hipotéticas ou contrafactuais a depender da verificação da proposição no mundo real e do intervalo de tempo entre elas. Para ser factual, é preciso que se verifique a proposição no mundo real e que esta esteja em um intervalo de tempo “relevante” (Ex.: *se a água atinge a temperatura de 100°C, (então) entra/ entrará em ebulição.*). Pelo exemplo, notamos que há possibilidade de formas do presente e do futuro serem usadas nesse tipo de arranjo. Porém, as autoras asseguram que, nas factuais, na prótase, a forma preferida é a de indicativo.

Já nas hipotéticas, a proposição da prótase remete para um mundo possível, criado linguisticamente pelo enunciado, mas não acessível no intervalo de tempo da enunciação (Ex.: *Se a Maria estudar, tem/terá maiores notas*). Mais uma vez, a alternância na apódose é prevista. Embora o nexos semântico entre as factuais e as hipotéticas seja

¹⁶ E Castilho (2010) baseia-se neles.

¹⁷ Os exemplos em itálico deste parágrafo foram retirados de Neves (1999, p.498-525)

¹⁸ Eu acho que se saísse/fosse sair/saio antes das seis horas da manhã sairia/saía/ia sair/saio melhor.

semelhante, segundo as autoras, o intervalo de tempo entre ambas é diferente. Enquanto nas factuais a relação temporal é quase simultânea, nas hipotéticas, o estado de coisas descrito na apódose só pode ser consequência da prótase se estiver num intervalo de tempo posterior ao intervalo de tempo desta. Assim, a localização temporal das hipotéticas é, geralmente, o futuro, por exprimir uma modalidade não-factual. Nesse tipo, a prótase vem, geralmente, com formas verbais no futuro do subjuntivo e a apódose com formas de presente ou de futuro do indicativo (Ex.: *se não tiveres estudado, não fazes/farás a cadeira em Julho*), de modo que a apódose exprime um futuro relativo ao intervalo de tempo da enunciação ou um futuro relativo ao próprio tempo da apódose (marcado pelo adverbial *em Julho*). Já orações com o imperfeito do subjuntivo na prótase (Ex.: *se faltasse água mais uma vez, queixava-me/ queixar-me ia à EPAL*), o que se tem, segundo elas, é a menor probabilidade do conteúdo proposicional descrito na prótase ocorrer. Já as condicionais contrafactuais (*Se o Sol girasse à volta da Terra, não havia/haveria sistema solar*¹⁹) são as que são verificadas no mundo alternativo ao mundo real pois, no intervalo de tempo relevante, a negação do antecedente se verifica (O Sol não gira em torno da Terra.).

Neves (1999) destaca a relação lógico-semântica da construção condicional e lembra que há uma discussão pragmático-discursiva sobre as condicionais, como a de Haiman (1978), que prevê para essas a função de tópico, ou seja, as condicionais seriam tópicos das orações em que ocorrem (*dependendo do tipo de pimenta se for pimenta malagueta por exemplo eu não gosto*²⁰). Assim, a prótase “se for pimenta malagueta” seria o tópico da oração seguinte. Trazendo Sweetser (1990) à argumentação, Neves (1999) diz que esse não aceita a ligação condicionalidade e topicidade, pois há maior complexidade dentro das condicionais. Entretanto, afirma que a noção de topicidade pode ser aceita dentro das condicionais se não assumirmos um tópico como algo dado, como um conhecimento compartilhado, pois o que é compartilhado se altera ao longo do discurso: “mais confortável é a restrição da noção de tópico ao sentido do que o inglês chama aboutness (“aquilo sobre que se fala”), como quer Akatsuka (1986)” (NEVES, 1999, p.503).

Neves (1999), partindo de dados de fala do NURC, baseia sua análise em tipos de estados de coisas (segundo Dik, 1989), levando em conta os três grandes tipos de

¹⁹ Os exemplos em itálico deste parágrafo e do anterior foram retirados de Mateus *Et al.* (2006, p. 701-708)

²⁰ Exemplo extraído de Neves (1999, p.502).

condicionais (factuais, contrafactuais e eventuais) que somam 68 dados encontrados na amostra. Sobre as factuais ou reais, Neves (1999) diz que essas repousam sobre a realidade, já que o enunciado da prótase é concebido como real e o da apódose como consequência necessária, portanto também real. Todavia, ela salienta que ser real ou factual não seria a mesma coisa, uma vez que “real e factual constituem designações que verificam diferentes camadas do enunciado, já que realidade é atributo da predicação (que exprime um estado de coisas) enquanto factualidade é atributo da proposição (que exprime um fato possível)” (NEVES, 1999, p.508)²¹. No que se refere às combinações modo-temporais encontradas, a autora destaca que a combinação mais recorrente nos 20 dados de orações factuais é a de presente do indicativo na prótase e na apódose (60%), mas também encontrou presente do *indicativo + pretérito perfeito do indicativo; pretérito perfeito do indicativo + pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo; futuro do presente do indicativo + presente do indicativo; futuro do presente composto + pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo*.

Já nas contrafactuais, o que se observa, segundo a autora, é a uma “inversão de polaridade” que comunica uma falsidade segura. Segundo a autora, nos 4 dados encontrados, apenas o imperfeito do subjuntivo apareceu na prótase enquanto na apódose as formas verbais se realizaram ou no futuro do pretérito simples ou no composto.

Nas construções eventuais, segundo Neves (1999), a prótase repousa sobre a eventualidade, de modo que o enunciado da apódose é tido como certo desde que eventualmente satisfeita a condição enunciada. As combinações mais correntes foram com futuro do subjuntivo na prótase e presente do indicativo na apódose (34,1% do total de 44 períodos hipotéticos eventuais), presente do indicativo + presente do indicativo (15,9%), presente do subjuntivo + presente do indicativo (4,54%), presente do indicativo + verbo elíptico na apódose (2,28%), futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo (15,9%), presente do indicativo + futuro do presente do indicativo (6,83%).

Neves (1999), apoiando-se em Renzi (1991), assume valores para as formas: o uso do indicativo na prótase assinala a *possível verdade* dos conteúdos, enquanto o uso do subjuntivo assinala a *possível falsidade*. Assim, deve-se postular que “a *possível verdade* é bem menos escolhida no condicionamento de uma eventualidade” (p.535), já que houve 10 ocorrências com indicativo na prótase (22,72% do total de 44 dados). Em construções

²¹ Porém, Neves (1999) usa os pares de termos factual e real, eventual e potencial, irreal e contrafactual como sinônimos ao longo do trabalho.

como *Porque se você não tiver outra opção não tiver Chacrinha, não tiver Flávio Cavalcanti (), não tiver Sílvio Santos o povo () o povo vai ligar pra TV universitária.*²², Neves (1999) afirma que facilmente se pode concordar que há uma noção de “menos provável”, dado o uso do subjuntivo, enquanto uma substituição das formas de subjuntivo por indicativo trariam ao enunciado a noção de “mais provável” (*Porque se você não tem outra opção não tem Chacrinha, não tem Flávio Cavalcanti (), não tem Sílvio Santos o povo () o povo vai ligar pra TV universitária.*²³).

Ilari e Basso (2001), ao falarem das funções dos verbos, trazem um exemplo acerca das informações de caráter modal que um verbo pode ter, informações essas que se referem ao “tipo de compromisso que o falante assume quanto à veracidade das informações que transmite, no mundo em que interpretamos habitualmente os enunciados linguísticos” (p.167). Esses dizem que certos usos do subjuntivo indicam “claramente” que o estado de coisas descrito pertence a um mundo diferente do mundo real, ou seja, pertence ao mundo imaginário (*Ex.: Se eu fosse presidente da república, haveria um feriado por semana*). Já o uso do indicativo, segundo os autores, permitiria descrever as mesmas situações, mas referindo-se ao mundo em que vivemos, imprimindo uma afirmação “categórica”, como no exemplo dado pelos autores – “*Sou presidente da república, há um feriado por semana.*” (ILARI, BASSO, 2001, p.167). Assim, no que tange ao modo, estes salientam que o indicativo nos permite, na maioria das vezes, falar sobre situação reais, “opondo-se” ao subjuntivo que, “num certo número de casos”, indica fatos que consideramos como *não-reais*.

Entretanto, vale chamarmos atenção para o fato de Ilari e Basso (2001) utilizarem arranjos distintos para corroborar sua argumentação, de maneira que a troca do subjuntivo por indicativo na condicional utilizada pelos autores parece manter a leitura de irreabilidade. Basta trocarmos *se eu fosse presidente da república, haveria um feriado por semana* por *se eu era presidente da república, haveria um feriado por semana*.

Em seção sobre o tempo, os autores separam tempo verbal de referência temporal, mostrando que a localização dos eventos no tempo não é dada apenas pelos chamados “tempos do verbo”, mas pela combinação das formas verbais com vários tipos de modificadores e operadores (adjuntos adverbiais, auxiliares, datas etc.). A diferença entre tempo verbal e referência temporal reside, principalmente, no seguinte: tempo “refere-se a uma forma gramatical de determinado verbo e referência temporal refere-se a tudo

²² Extraído de Neves, 1999, p.535.

²³ Exemplos extraídos de Neves (1999, p. 511-513)

aquilo que podemos descobrir respondendo à pergunta ‘quando?’” (ILARI; BASSO, 2001, p.244).

Assim, construções como “a água ferve a 100 graus no nível do mar” possuem tempo presente, mas uma referência temporal indefinida, localizando-se naquilo que os autores chamam de “presente atemporal”, por ser uma forma que não responde à pergunta “quando?”

Vemos, portanto, que a alternância de formas verbais é possível e verificável e reconhecida pelas gramáticas, tanto no que diz respeito às apódoses quanto as protases das condicionais. No caso das factuais, é preferível o uso do presente do indicativo; nas hipotéticas, o de presente do subjuntivo e, nas contrafactuais, as formas de imperfeito do subjuntivo.

3.2 Visão de trabalhos linguísticos

A partir do exposto em 3.1.4, vemos que há o reconhecimento de três grandes subgrupos de condicionais: reais, potenciais e irrealis. Para além disso, salientamos que há a possibilidade de haver ramificação dentro de cada um dos três tipos de condicionais mencionados (GIVÓN, 1995). Em trabalho sobre as condicionais potenciais e reais, Gryner (2008), a partir de uma abordagem variacionista, propõe uma bipartição na escala epistêmica das chamadas orações potenciais, dividindo-as entre potenciais prováveis e potenciais possíveis. As primeiras pressupõem habitualidade ou genericidade, podendo ser parafraseadas por *sempre que*, como no seguinte exemplo: *Se [= sempre que] tem uma pessoa doente, eu vou lá, ministro o johrei, porque a doença é um estado de espírito* (Jos 2000). Já as segundas – as potenciais possíveis - podem ser parafraseadas por *se por acaso*, em construções como *Ele fala se [= se por acaso] a gente não passar de ano eles não dão um vídeo game pra gente* (Rom 2000). As orações por Gryner (2008) consideradas reais, factuais ou certas pressupõem a afirmação do conteúdo situacional veiculado, e podem ser parafraseadas por *já que*, em construções como a que se segue: *Então, eu acho que é o seguinte: se [já que] você é um ser humano, então você tem o direito de falar o que você quiser, tá?* (Vas 1980)²⁴.

Gryner (2008) toma a escala epistêmica como uma variável independente (nos moldes da sociolinguística), de modo que sua variável dependente foi, desde o início, a

²⁴ Exemplos extraídos de Gryner, 2008, p.18.

alternância verbal tanto na apódose quanto na prótase das orações condicionais inseridas por *se*. Segundo a autora, partir das chamadas tradicionalmente de potenciais e reais foi uma forma de diferenciar essas condicionais das consideradas contrafactuais ou irreais, as quais se inseriam, segundo ela, apenas com o imperfeito do subjuntivo na prótase, de maneira que não seria possível uma variação propriamente dita, já que o uso do subjuntivo é categórico nesses casos, cedendo a essas condicionais um espaço reservado das demais.

Entretanto, em trabalho realizado anteriormente (BRANDÃO, 2015), com dados do início do século XXI, acerca da variação entre formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em apódoses de sentenças condicionais encabeçadas pela conjunção *se* e que repousam sob a noção de *irrealis* (GIVÓN, 1995), encontramos condicionais com o imperfeito do indicativo na prótase, como no exemplo que se segue:

(3.2) Inf.: então é uma área muito sacrificada... é uma área que/ aliás nem ne/ nem todos gostam dessa área... a gente trabalha nisso porque a gente precisa me(s)mo... porque *se a gente num precisava a gente num trabalhava não*. (AC-68; RO: L.206-208)

Vemos que a noção de irrealidade (GIVÓN, 1995) se mantém na condicional, embora tenhamos uma forma de imperfeito do indicativo na prótase. Sendo assim, uma substituição por *se a gente num precisasse, a gente num trabalhava não* não parece alterar tal irrealidade. Notamos que a noção que está por trás da sentença produzida pelo informante e da sentença parafraseda é a da irrealidade, independente da alternância da forma verbal, constituindo, portanto, um caso de variação linguística:

Quadro 3 - Exemplo de manutenção de irrealidade

	Se a gente não precisava , a gente não trabalhava não.	Se a gente não precisasse , a gente não trabalhava não.
Irrealidade	<i>Prótase positiva</i> ²⁵ : Se a gente não precisava <i>Pressuposto negativo</i> : a gente precisa. <i>Apódose positiva</i> : a gente não trabalhava não. <i>Conteúdo asseverado negativo</i> : a gente trabalha	<i>Prótase positiva</i> : Se a gente não precisasse <i>Pressuposto negativo</i> : a gente precisa. <i>Apódose positiva</i> : a gente não trabalhava não. <i>Conteúdo asseverado negativo</i> : a gente trabalha.

Fonte: própria

²⁵ Os termos positivo e negativo não se referem às polaridades das sentenças, mas à afirmação ou negação (positivo) por trás delas e sua refutação (negativo).

Não mencionamos a possibilidade de alternância na apódose, mas é sabido que ela existe (*Se a gente não precisava, a gente não trabalhava/trabalharia/ia trabalhar não*). Aliás, o estudo em perspectiva sincrônica por nós realizado pautava-se, especialmente, na alternância verbal em apódoses das sentenças condicionais.

Bezerra e Meireles (2009) trazem um panorama de dois estudos sobre construções condicionais no PB, pautando-se, ambas, na perspectiva sociocognitivista. O trabalho de Bezerra (2001) aborda as “construções condicionais-temporais” e o de Meireles (2000) “as condicionais contrafactuais”. Nesta dissertação, nos deteremos apenas nas condicionais temporais, pelo fato de estarem mais diretamente relacionadas com a presente pesquisa.

Segundo as autoras, na construção do significado condicional, há a necessidade de correspondência entre domínios conceituais, de modo que um “domínio atue como espaço de validação temporário de outro espaço subsequente” (p.151). Assim, segundo as autoras, o mecanismo cognitivo da correspondência permite tratar o espaço “F” (prótase condicional) como causa possível para o evento exposto no espaço “E”. De acordo com Bezerra e Meireles (2009), tal fato afasta essa perspectiva dos postulados da semântica clássica, na medida em que há uma “extensão metafórica” que ancora a “concepção do passado como causa do futuro”.

Arelada a essa visão está a noção de “postura epistêmica”, que é tratada em termos de “plausabilidade” da relação causal entre os eventos da estrutura condicional (espaços F e E). Segundo as autoras, uma das formas de se marcar a postura epistêmica é por meio da escolha da forma verbal na prótase: “as formas verbais Passadas podem sinalizar postura epistêmica neutra (Se **choveu**, o jogo foi cancelado) ou negativa (Se **chovesse**, o jogo seria/ teria sido cancelado)” (BEZERRA; MEIRELES, 2009, p.152, grifos das autoras). Trata-se metaforicamente de um movimento de aproximação ou “afastamento temporal ao movimento de aproximação e distanciamento discursivo” (p.152), visto que a distância temporal é projetada no universo epistêmico do próprio discurso. Desse modo, formas passadas indicariam eventos vistos como “fatos”, enquanto as formas de futuro apresentariam o evento como “predições”.

Bezerra (2001) avaliou o uso de construções convencionalmente temporais como condicionais em um *corpus* formado a partir da conversação natural em situação de interação profissional entre professores participantes do projeto “O processo de leitura na formação de professores na escola fundamental” – Pró-Leitura – SEE/MG-NUPEL/UFJF. Para saber quais condicionais poderiam ser interpretadas como condicionais, a autora

postulou que isso se verificaria “quando a relação de temporalidade passa a expressar genericamente uma relação de causa possível do evento subsequente pelo antecedente” (BEZERRA; MEIRELES, 2009, p.154), em exemplos como “*eu acho que, às vezes você conta um segredo à outra pessoa, você tá confiando naquela pessoa, né?!*” (p.155).

A irradiação semântica das construções temporais como condicionais se dá em uma escala, segundo as autoras, que vai de uma temporalização singular (ou seja, são as construções temporais canônicas, passando pelas construções com temporalização genérica e chegando à reinterpretação das construções temporais como condicionais)²⁶.

Em se tratando da alternância verbal como um fenômeno variável do PB, lembramos que os estudos são vários. No que se refere às formas verbais alternantes para expressão de passado, podemos mencionar os trabalhos de Coan (1997) e o de Freitag (2007). Já para a expressão de presente, destacamos o de Abrahão (2007), que mapeia o presente e seus usos na língua. Além disso, há os estudos que se detiveram nas formas verbais alternantes para se expressar o futuro (BARBOSA, 2005; BORGES, 2008; GIBBON, 2000; SILVA, 2007, MALVAR, 2003; OLIVEIRA, 2006), os quais mais nos interessam neste trabalho, como se justificará posteriormente.

Gorski *Et al.* (2002) trabalham, a partir dos dados do projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), a variação dos seguintes tempos/modo verbais: (i) futuro do presente do indicativo; (ii) futuro do pretérito do indicativo; (iii) mais-que-perfeito do indicativo e (iv) presente do subjuntivo.

Os resultados obtidos pelas pesquisadoras mostram evidências de redução do paradigma modo-temporal no Português falado, com uma preferência dos falantes pelos seguintes usos:

- a) Ausência de –rei (Fut. Presente) e aumento do uso de formas perifrásticas para representar essas formas (Ex.: *vou comprar* no lugar de *comprarei*).
- b) Pretérito imperfeito do indicativo pelo futuro do pretérito, com baixa frequência de formas em –ria (Ex.: *comprava* no lugar de *compraria*)
- c) Pretérito perfeito para representar o mais-que-perfeito (Ex.: *comprei* no lugar de *comprara*)
- d) Forma de presente do indicativo em contextos normatizados como o modo subjuntivo (Ex.: *compro* no lugar de *compre/comprar*)

²⁶ Cf. BEZERRA; MEIRELES, 2009, p. 158 -164.

Embora os trabalhos imediatamente supracitados não lidem com as formas verbais necessariamente dentro das condicionais, parece-nos importante mencioná-los, posto que, muitos deles, por uma perspectiva diacrônica, comprovam uma mudança (em curso) nos paradigmas verbais, como no caso de Gorski *Et al.* (2002). Além desse estudo, Malvar (2003) também nos mostra mudanças nas formas de expressão do futuro: implementação do presente e do futuro perifrástico no PB e a diminuição do futuro sintético e sua ausência na fala a partir do final do século XX e começo do XXI como formas de expressão de futuro. Vemos que não é o contexto de orações condicionais o estudado por Malvar (2003), no entanto seu trabalho nos ajuda a fazer projeções do que pode estar acontecendo com os verbos também no complexo condicional.

Além disso, esses trabalhos, quando amparados pela teoria da Variação e Mudança Linguísticas, reconhecem a dificuldade de se trabalhar com a variação em níveis mais altos de análise; além de, muitas vezes, a alternância verbal não ser abordada nos manuais de gramática (ABREU, 2003), quando o é, é quase sempre para se salientar as nuances semânticas que subjazem ao uso de uma ou outra forma verbal, ou seja, não se costuma encarar a alternância em questão como um possível fenômeno variável. Oliveira (2006, p.22), por exemplo, em estudo sobre a expressão de futuro, faz a seguinte constatação: “Nas gramáticas tradicionais, a variação na expressão do futuro verbal não é formalmente apresentada. E, mesmo nos casos em que ela é reconhecida, admite-se uma diferença de significado entre as formas”.

No que se refere às formas verbais alternantes em orações condicionais, os estudos, em sua maioria, detiveram-se na prótase ou na apódose das condicionais. Quando incluíam na pesquisa a combinação de formas verbais tanto na prótase quanto na apódose, o fenômeno não foi tomado como variável. Hirata-Vale (1999), por exemplo, em um estudo sobre as construções condicionais no Português escrito contemporâneo, identificou 43 (quarenta e três) diferentes correlações modo-temporais em 346 dados de orações condicionais introduzidas pela conjunção *se*. Entretanto, as diferentes condicionais encontradas por Hirata-Vale (1999, p.108) não foram analisadas como um fenômeno linguístico em variação em seu trabalho, uma vez que, para a autora, “não se considera que existam duas ou mais formas alternantes de orações condicionais que ocorram em um mesmo contexto, com mesmo significado”.

O trabalho de Gryner (1995, 2008) mostra-se um dos mais completos encontrados na literatura sociolinguística²⁷ acerca da alternância de formas verbais tanto na apódose quanto na prótase das condicionais. Além disso, articula-se com o que estamos realizando no mestrado. Todavia, a linguista operacionalizou a alternância nas duas partes da construção separadamente, medindo os graus de vinculação das orações condicionais (GRYNER, 1995).

Por conseguinte, entre as diferentes abordagens apresentadas, salientamos que sobretudo os trabalhos de Gryner (1995; 2008) serão utilizados como base para estabelecermos alguns critérios de análises, entre eles os que se referem à paráfrase.

²⁷ Há outros trabalhos representativos que contemplam a oração condicional como um todo no Português (NEVES, 1999, 2000; HIRATA-VALE, 2001; LEÃO, 1961) e em outras línguas (COMRIE, 1986; SWEETSER, 1990; DANCYNGIER, 2004), dando especial atenção para as articulações modo-temporais que nela se encontram, mas tais combinações não foram avaliadas do ponto de vista da teoria da Variação e Mudança Linguística.

4 METODOLOGIA

A partir de uma abordagem variacionista, o estudo empírico do fenômeno toma como instrumento de análise a metodologia da Sociolinguística laboviana (LABOV, 2008 [1972]; MILROY; GORDON, 2003; TAGLIAMONTE; 2006). Os procedimentos incluem: (i) a delimitação da amostra a ser estudada; (ii) a coleta de dados; (iii) a identificação dos contextos variáveis; (iv) a definição de variáveis independentes que possam influenciar a variação; (v) a análise e a codificação dos dados segundo as variáveis definidas; (vi) a quantificação das informações resultantes da análise, com o auxílio do programa R (CORE TEAM, 2017) e (vii) a interpretação dos resultados da quantificação à luz das hipóteses e da base teórica.

4.1 O corpus

Analizamos as formas verbais presentes em condicionais caracteristicamente encabeçadas pela conjunção *se* e que se encontram no Iboruna - banco de dados de registro oral do projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP) (GONÇALVES, s.d), que conta com 152 entrevistas sociolinguísticas e com 785.000 palavras.

O ALIP reúne dados de fala de informantes do interior de São Paulo, mais precisamente da região de São José do Rio Preto, ao contemplar as seguintes cidades: Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto. Ainda, conta com dois tipos de amostras: (i) a amostra de interação dialógica, que comporta falas coletadas secretamente em situações livres de interação social e a (ii) Amostra Comunidade (ou Amostra Censo), que contém dados de fala controlados sociolinguisticamente (LABOV, 1972, VOTRE; OLIVEIRA, 1995)

Nossa coleta foi feita no interior da Amostra Censo, a qual foi construída segundo rigorosos critérios sociolinguísticos, reunindo 152 entrevistas sociolinguísticas que atendem aos seguintes critérios: 5 grupos etários (7-15 anos; 16-25 anos; 26-35 anos; 36-55 anos e mais de 55); 4 níveis de escolaridade (Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Ensino Superior); Sexo/gênero (feminino, masculino) e renda (até 5 salários mínimos (SM), de 6 a 10 SM, de 11 a 24 SM e mais de 25 SM).

Além disso, essa amostra oferece um outro diferencial: foi estruturada a partir da coleta de cinco tipos textuais (narrativa de experiência, narrativa recontada, descrição, relato de procedimento e relato de opinião). Essa organização permite que verifiquemos

se a construção condicional está ou não associada com algum espaço particular de produção verbal, com objetivos comunicativos e temáticas específicos.

Vale, contudo, acerca da noção de tipo textual, uma ressalva: a alcunha “tipo” foi adotada pela equipe do projeto, de modo que decidimos manter essa nomenclatura. Entretanto, como observamos, a locução adjetiva é utilizada para diferenciar cada tipo textual: uma narrativa de experiência se difere da narrativa recontada, bem como um relato de procedimento é distinto de um relato de opinião, por exemplo. Esse fato parece evidenciar que as características de cada “tipo” extrapolam os aspectos estruturais, portanto linguísticos e tipológicos de cada texto, conferindo a esses o caráter de gênero textual.

Os gêneros, como sabemos, possuem um caráter social, histórico e comunicativo e, ao mesmo tempo, internamente, uma heterogeneidade tipológica, fazendo com que dentro de um gênero estejam presentes textos do tipo narrativo, dissertativo, explicativo, etc., simultaneamente ou em momentos distintos: “os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdos.” (MARCUSCHI, 2009, p.159). Tanto isso é verdade que observaremos, ao longo das análises, que, mesmo dentro do que se considerou narrativa recontada, há descrição e argumentação.

Assim, os tipos de texto do ALIP parecem estar mais ligados aos propósitos comunicativos, portanto à noção de gênero. Comparando a estrutura de dois dos tipos estabelecidos pelo ALIP, veremos que um relato de opinião é mais argumentativo, enquanto o de procedimento seria mais descritivo, sendo essas características tipologias textuais. Além disso, os dois podem trazer dentro de si outras tipologias (descrição, narração).

Logo, por mais que estejamos mantendo as nomenclaturas oferecidas pelo ALIP no que se refere ao título de “tipo”, reconhecemos algumas controvérsias por trás delas. Tal observação nos permite tomar algumas decisões metodológicas diante, principalmente, das semelhanças entre alguns desses 5 tipos textuais, decisões essas que serão apresentadas mais tarde.

4.2 Coleta e manipulação dos dados

A coleta dos dados foi realizada com o auxílio do concordanciador *ConcorderPro*²⁸, um programa de computador que listou as ocorrências de *se*. Assim, os concordanciadores são utilizados para listar as ocorrências de uma determinada palavra ou frase em uma quantidade definida de contextos. De forma geral, também executam outras funções, como listar palavras em um texto ou corpus, extrair palavras-chave e colocados.

Como estávamos em busca de condicionais inseridas por *se*, o concordanciador extraiu do *corpus* todos os contextos que continham essa partícula. Entretanto, o mesmo programa não permitiu que extraíssemos apenas os contextos em que *se* era conjunção condicional, visto que os dados do ALIP não estão etiquetados morfológica e sintaticamente. Assim, foi preciso fazer uma checagem completa de todos os dados extraídos, retirando contextos em que o *se* não possuía a função de conjunção condicional, como, por exemplo, quando esse aparecia como pronome (*Maria e José se abraçaram*) ou como conjunção integrante (*Analisamos se José poderia comprar uma ilha*).

Após a coleta e o refinamento dos dados, mapeamos as combinações modotemporais que se encontram em cada condicional, descartando as que não se enquadravam no escopo deste trabalho, como se verá mais adiante.

Para a manipulação dos dados, utilizamos o Excel para organizá-los e o R (CORE TEAM, 2017), uma linguagem de programação que, entre várias funções que possui, nos permite fazer diferentes análises estatísticas e gráficos para a visualização dos resultados.

4.3 Decisões metodológicas

Como vimos desde o começo deste trabalho, nosso objetivo principal é avaliar a alternância verbal no interior das orações condicionais, observando qual ou quais combinações estão variando entre si. Para tal, foi necessário mapear, antes de qualquer passo, as combinações que apareceram. Isto é, as variantes que compõem nosso envelope de variação só foram definidas a partir desse mapeamento.

Somente a partir disso é que observamos quais e quantas dessas condicionais fazem parte daquilo que classificamos como condicionais reais, potenciais e irrealis, ou

²⁸ Esse levantamento foi feito graças a uma parceria com o *Sociolinguistics Laboratory* da University of Ottawa, coordenado pela Profa. Dra. Shana Poplack.

quais se enquadram em mais de um subgrupo (ou porque o contexto sugere sua classificação em mais de um, ou porque há ambiguidade).

Entendemos, a partir da literatura, que os três tipos de condicionais (real, potencial e irreal) constituem universos distintos um dos outros, portanto é preciso encará-los como contextos distintos de variação, para que possamos observar quais combinações se encontram dentro de cada tipo.

Isso posto, após observarmos como o total de condicionais em análise se distribui entre os três tipos de condicionais, partimos para uma análise quantitativa das combinações mais frequentes. Como já mencionamos (cf. seção *Restrição contextual*), há que se considerar um número mínimo de dados que devem ser encontrados e que funcionam como uma linha divisória importante em se tratando das análises estatísticas: embora nosso trabalho abarque todas as combinações modo-temporais, as que possuem 30 dados ou menos ficam de fora da análise estatística (GUY, 1980). Assim, trabalhamos com as combinações mais frequentes no interior das potenciais²⁹.

Não acreditamos que apenas essa subdivisão possa ser suficiente para dizer que determinada combinação modo-temporal esteja em variação com outra, seja dentro do universo real, potencial ou irreal. Contudo, outras nuances semânticas nas combinações avaliadas estatisticamente serão encaradas como correlacionadas ao fenômeno nesse caso, ou seja, avaliadas como variáveis independentes³⁰. Um comportamento categórico de uma combinação dentro de uma variável poderá nos dar pistas de quais contextos são, de fato, obrigatórios e determinantes para o uso de uma ou outra combinação. Paralelamente a isso, foi possível também encontrarmos um comportamento variável de formas verbais, em que observamos quais contextos linguísticos e sociais influenciam mais no uso de uma ou outra forma, mas não de forma categórica (100% e 0% de influência).

4.3.1 Mapeamento – critérios de exclusão de dados

Com o auxílio do programa *Concorder-Pro*, encontramos 982 construções condicionais inseridas pela conjunção *se* nas 152 entrevistas do ALIP. Dessas, 68 não entram na análise por não serem da natureza que estávamos procurando, quais sejam, as

²⁹ As combinações dentro das reais são várias e possuem um número baixo de dados; já as irrealis foram estudadas em momento anterior (em nível de Iniciação científica).

³⁰ Para Paiva e Scherre (1999, p.210), quando se trabalha além da descrição, outros tipos de significados, e mesmo nuances de significado referencial, podem ser tomados como variáveis independentes.

denominadas desgarradas (cf. quadro 4), as que possuíam uma estrutura cristalizada (*se não me engano, se não, quem dirá*) e aquelas com verbo explícito apenas na prótase ou na apódose, como podemos ver no quadro a seguir, que contém a discriminação, um exemplo retirado do *corpus*, e a frequência (número de vezes) em que apareceu.

Quadro 4 - Estruturas que não entram na análise por não serem a estrutura que procuramos

Combinação	Exemplo	Frequência
Desgarradas	Inf.: espontaneamente sem forÇAr porque <i>SE</i> você forçar... a gente tem aluno que a gente fala. (AC-81; L.241)	38
Com a construção <i>se não me engano</i> na prótase	Inf.: <i>se num me engano</i> aquele dia era um sexta-fe/não... era uma <i>QUIN</i> ta-fe(i)ra aquele dia uma quarta ou uma quinta-fe(i)ra... (AC-22; L.294) Inf.: eu vou até o... o posto da/ da/ o posto federal <i>se eu não me engano</i> chama <i>Posto de Combustível Federal</i> (AC-83; L.291)	19
Com a construção <i>se não</i> na prótase	“óh... manda a sua... mulher calá(r) a boca <i>se não eu vô(u) dá(r) um tiro na cabeça dela</i> ” (AC-62; L.203)	6
Sem verbo na apódose	Inf.: <i>se</i> você... <i>desconfiá(r)</i> ... e <i>corrê(r)</i> atrás... tudo bem. (AC-63; L.1185)	4
Com a expressão “quem dirá” na apódose	Inf.: nenhuma vida... <i>se ela não sabe cuiDÁ(r) se ela não sabe sê(r) responsável por esse/ uma vida de um ser com/ indefeso... quem dirá</i> OU::tras vidas... OU::tras coisas indefesas... cê entendeu?... (AC- 85; L.158-160)	1
Total		66 dados

4.3.2 Mapeamento - Envelope de variação em estado bruto

Como se viu no início desta dissertação, o **objetivo geral** é identificar se e quando formas verbais que se alternam em construções condicionais configurariam casos de variação.

Como pudemos observar desde o início do texto, quando é prevista a alternância verbal, seja pelas gramáticas ou mesmo por estudos linguísticos, há especificações de uso, ou seja, nuances semânticas; não estaríamos diante de um fenômeno em variação. Desse modo, não poderíamos identificar quais variáveis atuariam sobre a variação propriamente dita, e, sim, sobre a alternância.

Partir da noção de alternância parece, então, coerente com o que se tem visto, mas não excluimos a possibilidade de haver variação. Aliás, essa é a nossa proposta e hipótese. Acreditamos que há combinações modo-temporais em variação com outras, de tempo e modo verbal distintos. Assim, a maior dificuldade é operacionalizar a análise. Com efeito,

uma forma eficiente de operacionalização parece ser, de fato, partir da subdivisão proposta pela literatura, em que se distinguem as condicionais irreais das reais e essas duas das potenciais. Ou seja, essa seria uma maneira de entender, em certa medida, os valores de uso de cada combinação, articulando a análise à noção de mais, média e menos certeza epistêmica (real, potencial e irreal). Tal subdivisão configura-se como três contextos distintos de variação, mas a variável dependente, nos três contextos, é da mesma natureza – combinações modo-temporais.

Partimos, então, de um “grande” envelope de variação, com 27 combinações modo-temporais nos três contextos. Contudo, ocorre a lapidação desse envelope à medida que a análise prossegue e decisões metodológicas são tomadas. Assim, o quadro a seguir apresenta as 27 combinações modo-temporais, apresentadas de forma decrescente em relação ao número de ocorrências de cada uma:

Quadro 5 - Combinações modo-verbais encontradas nas 914 orações

Combinações	Exemplos	Frequência - proporção
P ³¹ : Futuro do Subjuntivo A: Presente do Indicativo	Inf.: meu amigo tá triste e a/ e a mãe do meu ami::go fala que todos querem que ele fique LÁ pra cuidá(r) <i>se acontecê(r) alguma COisa eles tão lá né?</i> (AC-01; L. 97-99)	382 - 42,7%
P: Futuro do Subjuntivo A: Futuro do Indicativo	Inf.: o cê vai entrá(r) pa í(r) pa quadra... aí lá na/ <i>se você continuá(r) reto cê vai vê(r) o portão de saída</i> (AC-15; L. 525)	130 – 14%
P: Presente do Indicativo A: Presente do Indicativo	Como você tacô(u) maisena... então <i>se tá no frio então ele já dissolve né?</i> (AC-87; L. 332)	123 – 13,4%
P: Imp. do Subjuntivo A: Pret. Imp. Indicativo	a turma tá pagan(d)o uma coisa que ele GOSTa de vê(r)... <i>se ele num gostasse ele num fosse/ ele num num ia no campo num tinha num tinha esses al/ alto salário que ta/ tá ten(d)o... então é::... tem que aproveitá(r) agora</i> (AC-131; L. 256-260) ³²	61 – 6,6%
P: Imp. do subjuntivo A: IA+Infinitivo	Doc.: 2[a] melhor mane(i)ra então seria prevení(r) né? Inf.: com certeza eu acho qué(r) fazê(r)? pode fazê(r) mas com um:: responsabiliDA::de tal... aí na maioria das vezes você acha que esse cara esse MÁximo de dezoito anos VAI FICÁ(R) com a menina?... entendeu? num VAI ficá(r) num VA::I porque...um cara de dezoito anos num qué(r)	47 – 5,1%

³¹ Lê-se P como prótase e A como apódose.

³² Construções que possuíam mais de uma forma verbal foram consideradas mais de um *token* (dado), de acordo com as combinações que se reconheciam. Nesta produção, por exemplo, contabilizamos dois dados, ambos com o verbo gostar na prótase (*gostasse*): (i) *se gostasse, ia* e (ii) *se gostasse, tinha*. Neste caso, em especial, há uma correção do falante em relação ao *fosse*, identificada em nossa análise ao ouvirmos o áudio, portanto não o consideramos.

	assumí(r) nada com menininha... nem com ninguém entendeu? <i>Porque se ele quisesse assumí(r) alguma coisa ele num ia procurá(r) uma criança... ele ia procurá(r) uma muLHER...</i> (AC-22; L.289-294)	
P: Imp. do Subjuntivo A: Fut. Pret. Indicativo	logo após a operação ainda no hospital eu prometi a mim mesma que <i>se eu vivesse mais um dia esse dia seria bem vivido..</i> (AC-134; L. 69-70)	44 – 4,8%
P: Presente do indicativo A: Fut. Perifrástico Ind.	Então que que acontece... <i>se eu faço de sete... ela vai caí(r) pela metade</i> (AC-63; L. 1003)	25 – 2,7%
P: Imp. Indicativo A: Pret. Imp. Indicativo	de meia em meia hora a gente tá c'a vassoura na mão limpan(d)o... então é uma área muito sacrificada... e uma área que/ aliás nem ne/ nem todos gostam dessa área... a gente trabalha nisso porque a gente precisa me(s)mo... porque <i>se a gente num precisava a gente num trabalhava não.</i> (AC - 68; L. 296-298)	21 – 2,2%
P: Pret. Perf. Indicativo A: Presente do indicativo	Inf.: dá uma piscada né? se você tirô(u)... o o ladrão... <i>ai se você matô(u) ela... ai a pessoa fala morri e tal...</i> (AC-35; RP: L.466) (AC-35; L. 465)	12 – 1,2%
P: Imp. do Subjuntivo A: mais-que-perfeito do Indicativo	eu nunca tirei notas baixas né? ...mas <i>se fosse numa escola que exige/ que exigisse mais... eu tinha tirado porque eu tin/ eu tenho::... tinha muita facilidade... com professo::res diretor::...</i> (AC-15; 1.871-873)	11 – 1,1%
P: Mais-que-perfeito do Subjuntivo A: Imp. do Indicativo	E:: eu lembro que eu falei pra ele –“(tá olhan(d)o?)...essa borracha... <i>se você tivesse ro(u)bado o bran/ o banco... perante Deus era a mesma coisa você ro(u)bô(u)... isso é ro(u)bo... você tá ro(u)ban(d)o você tá erran(d)o</i> ” (AC-106; L.794-797)	10 – 1%
P: Imp. do subjuntivo A: IRIA+ Infinitivo	Se fosse você acho que tam(b)ém iria fica(r) né? (AC-15; L.408)	6 – 0,65%
P: Futuro do Subjuntivo A: Pret. Perf. Indicativo	Inf.: <i>de menos três cê só sai se você tirá(r) nove... se cê/ se você tirá(r) menos de nove você já tomô(u) o poder...</i> (AC-15; L.748)	6 – 0,65%
P: Mais-que-perfeito do Subjuntivo A: Mais-que perfeito do Indicativo	você num tá acreditan(d)o... <i>e se eu tivesse falado aquela vez cê:: tinha acreditado?</i> ”– ele falô(u) – “realmente não”– peguei e falei –“então que que adiantava eu te falá(r)” (AC-63; L.100-103)	6 – 0,65%
P: Imp. Indicativo A: IA+Infinitivo	num falô(u) nada ela falô(u) se era aquilo que eu queria mesmo então::... que fosse aqui/ <i>se era aquela minha decisão ela me/... ela num (ia) atrapalhá(r)</i> (AC-29; L. 48-53)	5 – 0,5%
P: Mais-que-perfeito do Subjuntivo A: IA+ Infinitivo	<i>Ia descê(r) tam(b)ém se tivesse ido pelo do Carrefour</i> (AC-54; L. 295)	4 – 0,41%
P: Futuro do Subjuntivo A: Presente do Subjuntivo	Inf.: <i>Se eu dé(r) uma uma dosagem dupla pra ele talvez ele:: sobreviva...</i> (AC-143; L.153)	3 – 0,31%
P: Pret. Perf. Indicativo A: Pret. Perf. Indicativo	Inf.: é::... eu... como educadora eu penso assim... <i>se você:: se formô(u) engenhe(i)ro... há quarenta anos... foi prime(i)ro colocado na USP nas melhores faculdades de engenharia da época... há quarenta anos... e você conseguiu... ser um Oscar Niemayer num é?... você contribuiu muito..</i> (AC-148; L.185-187)	3 – 0,31%

P: Futuro do Subjuntivo A: Fut. Pret. Indicativo	Inf.: umas coisa muito terríveis... não se sabe... PORque deve sê(r) afastamento de... da palavra do Senhor Jesus da palavra de Deus porque... <i>se as pessoas temê(r) a Deus se as pessoas... conhecê(r) a vontade do Senhor... claro que o mundo não estaria como está...</i> (AC-142; L.198-201)	3 – 0,31%
P: Futuro do Subjuntivo A: Pret. Imp. Indicativo	Inf.: <i>Se eu quisê(r) entrava na sala de cirurgia eu falei...</i> (AC-71; L.48)	3 – 0,31%
P: Presente do Indicativo A: IA+Infinitivo	Inf.: fo/ foi importante porque eu eu tinha um lar:... <i>se eu num páro de tomá::(r)... eu ia perdê(r) minha mulher e os meu dois filho</i> (AC-135; L.16)	2 – 0,25%
P: Pret. Perf. Indicativo A: Fut. perifrástico Indicativo	Inf.: é uma cidadezinha gostosa que <i>se você chegô(u) na esquina o povo tudo vai te vê::(r) tudo vai te cumprimentá::(r) é bom dia é boa tarde é boa noite tudo mundo</i> (AC-68; L.153-154)	2 – 0,25%
P: Pret. Perf. Indicativo A: Infinitivo	Inf.: <i>se você num usô(u) bombom colocá(r) o chocolate...</i> (AC-76; L.293)	1 – 0,12%
P: Presente do Indicativo A: Pres. Subjuntivo/ Imperativo	Inf.: de assim sabe?... tem que fazê(r) o que elas tem vontade... <i>se elas num tão a fim de namorá(r) elas que num namore..</i> (AC-16; L.493)	1 – 0,12%
P: Futuro do Subjuntivo A: Pret. Imp. Indicativo	o C. (nome da pessoa) no H.S.B.C. que num era negro né? <i>se for vê(r) assim ele era... moreno né?... a aí né? a</i> (AC-69; L. 321)	1 – 0,12%
P: Mais-que-perfeito do Subjuntivo A: IRIA+ Infinitivo	Inf.: ai... num ponto eu tinha me arrependido hoje em dia não... [Doc.: cê acha q/] porque eu já guardei o choro né?... [Doc: ham] <i>se eu tivesse visto iria sê(r) pior ainda</i> (AC-70; L.58-60)	1 – 0,12%
P: Futuro do Subjuntivo A: IA+infinitivo	Inf.: ah <i>se eu fô(r) eu ia sê(r) igual ela... só que também quem me desrespeitá(r)... daí eu num ia dá(r) nada só deixá(r) escreven(d)o</i> (AC-5; L. 375- 376)	1 – 0,12%
Total	27 combinações modo-temporais	914 dados

Por conseguinte, as combinações mais frequentes no *corpus* foram, em ordem decrescente, *Futuro do Subjuntivo + Presente do Indicativo*; *Futuro do Subjuntivo + Futuro do Indicativo*; *Presente do Indicativo + Presente do Indicativo*; *Imperfeito do subjuntivo + IA-Infinitivo* e *Imperfeito do Subjuntivo + Futuro do pretérito*.

A primeira questão a destacar é que não encontramos nenhuma combinação modo-temporal com futuro do presente sintético (Ex.: *comprarei*) nas apódoses. A única oração com futuro sintético na apódose continha uma expressão já cristalizada no PB

(*quem dirá*), como no exemplo a seguir, reproduzido novamente para melhor visualização.

(4.1) Inf.: nenhuma vida... *se ela não sabe cuiDÁ(r) se ela não sabe sê(r) responsável por esse/ uma vida de um ser com/ indefeso... quem dirá OU::tras vidas... OU::tras coisas indefesas... cê entendeu?...*

A seguir, traremos nossas observações acerca do que consideramos como condicional real, potencial e irreal e falaremos sobre os valores de uso, os contextos ambíguos de classificação (em que não se sabe ao certo de qual categoria faz parte a condicional), bem como a classificação de combinações em mais de uma categoria, dado o arranjo da construção como um todo.

4.3.3 Critérios para identificação das condicionais reais, potenciais e irrealis

Como vimos nas seções intituladas “o que dizem as gramáticas descritivas e “o que dizem os estudos linguísticos”, nem sempre há consenso sobre os critérios para se classificar o grau de certeza epistêmica do enunciado (ou grau de hipoteticidade): ora parece ser assumido como ligado à asserção do falante em relação ao enunciado (GIVÓN, 1985; AKATSUKA, 1986; DANCYNGIER, 2004) e ora como intervalo de tempo entre as duas orações (a subordinada e a principal) (COMRIE, 1986; NEVES, 1999; 2000, GRYNER, 2008). No primeiro caso, quanto mais forte fosse a asserção do falante na realização de um enunciado, menos hipotético e, portanto, mais real seria. Assim, o falante comunicaria uma verdade na prótase e uma consequência dessa verdade da apódose. Uma oração menos assertiva seria mais hipotética, dada a baixa possibilidade de a condição se concretizar. Isso se daria via comunicação de uma falsidade segura comunicada já na prótase. Aquelas com asserção mediana seriam as cuja prótase repousa sobre a eventualidade, de maneira que o enunciado da apódose seria somente aceito como certo desde que, eventualmente, satisfeita a condição da prótase.

O primeiro ponto é distinguirmos, antes de seguirmos com a discussão, a diferença entre facticidade e grau de hipoteticidade. Embora Neves (2000) use esses termos como sinônimos, ela mesma salienta que as condicionais são sempre não-factuais, na medida em que asseveram algo hipotético, ainda que codificadas por tempos considerados reais (como o presente). O que difere de um estudo para outro tem relação direta com o modo como se observa o grau em que essa hipoteticidade se manifesta.

No que se refere à classificação do grau de certeza epistêmica entendida como intervalo de tempo entre as duas condições, percebemos que, quanto menor a distância temporal entre as duas orações (subordinada e principal), mais real ela seria, enquanto a maior distância imprimiria menos vinculação e, portanto, mais hipoteticidade, de modo que menos real essa seria. Nesse ponto, a paráfrase utilizada por Neves (1999) e por Gryner (2008) quando essas substituem a conjunção *se* por outras conjunções (*já que, desde que, sempre que, se por acaso*) seria um dos métodos utilizados para se identificar o intervalo. Entretanto, lembramos que as autoras não deixam de mencionar a questão da (i)realidade do enunciado e da (não) asserção por parte do falante.

Tal noção de intervalo de tempo fica mais clara a partir dos exemplos dados por Gryner (2008) e por Neves (1999) e reproduzidos por nós na seção sobre o que dizem os estudos linguísticos acerca das condicionais. Vamos recuperá-los para facilitar a descrição:

Condicional real

(4.2) *Então, eu acho que é o seguinte: se [já que] você é um ser humano, então você tem o direito de falar o que quiser, tá?* (Vas 1980)³³

Condicional potencial

(4.3) *Ele fala se [= se por acaso] a gente não passar de ano eles não dão um vídeo game pra gente* (Rom 2000).³⁴

Nesses casos, vemos que, na condicional real, parafraseada por *já que*, não há intervalo de tempo, ou, melhor, o intervalo de tempo entre os conteúdos da subordinada e da principal é concomitante: *você é um ser humano = (e como ser humano) você tem o direito de falar o que quiser*. Além disso, a apódose mostra-se como uma conclusão da prótase. Já na potencial, há uma noção de causa e consequência e uma projeção para o futuro, de modo que a verificação da apódose depende da concretude da prótase, ou seja, a apódose é sucessiva à prótase: *Se não passar → (depois de não passar) eles não darão um vídeo game*.

Sobre as irrealis, Neves (1999) nos apresenta o seguinte exemplo:

³³ Exemplo extraído de Gryner, 2008, p.18.

³⁴ Exemplo extraído de Gryner, 2008, p.18.

(4.4) A imagem que eu fazia era a seguinte *se o Japão fosse uma Birmânia, por exemplo que é um dos países atrasados, as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra não teriam ajudado o Japão*, quer dizer de outra maneira, se o Japão fosse a Birmânia né? ³⁵

Segundo Neves (1999, p.524), primeiro enuncia-se como não-existente um estado de coisas: o Japão **não é** uma Birmânia (prótase); “a partir daí, enuncia-se como **consequentemente** não-existente outro estado de coisas que dele dependia: as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra **ajudaram** o Japão” (grifos da autora). Ou seja, vemos a negação da negação: *não teriam ajudado* implica que, de fato, *ajudaram*.

Por conseguinte, nas irrealis, parece se verificar, no intervalo de tempo, a falsidade do consequente. Vemos que tanto na apódose quanto na prótase das orações ditas potenciais (ou eventuais nos termos de Neves, 1999) e irrealis (ou contrafactuais, NEVES, 1999) há uma noção de consequência forte na apódose; já nas reais (ou factuais, NEVES, 1999), a noção mais saliente é a de conclusão e, portanto, de concomitância. Tanto isso é verdade que outra forma de identificar as condicionais reais por Neves (1999) seria observar apódoses com o verbo *ser* no presente, seguido de uma conjunção explicativa (“*Se... é porque*”, p.839).

Em nossa análise, levaremos em conta os tipos de condicionais (real, irreal ou potencial) com base no teste via paráfrase de substituição da conjunção *se* por outras (*já que* para as factuais, *se por acaso* ou *sempre que* para as potenciais e irrealis), visto que tais conjunções restringem algumas combinações do complexo condicional, de modo que o uso de uma por outra pode alterar o significado da condicional ou mesmo ser inviável ou agramatical, como vemos nos exemplos a seguir:

[REAIS]

(4.5) Inf.: e eu pra te falá(r) a verdade... *se você tá aqui você num tá à toa... tá... se eu hoje tô falan(d)o de Jesus pra você... é porque você tá ten(d)o a oportunidade... de conheCÊ(r) o nome do Senhor porque eu já ouvi falá(r) pra mim...*

PARÁFRASE: [JÁ QUE] *você tá aqui você num tá à toa...*

[POTENCIAIS]

(4.6) Inf.: *Se num fizê(r) um negócio muito bem feito... vai ficá(r) pior ainda.* (AC-119, L.46)

PARÁFRASE: *Se [POR ACASO] num fizê(r) um negócio muito bem feito... vai ficá(r) pior ainda.*

³⁵ Exemplo extraído de Neves, 1999, p.524.

[IRREAIS]

(4.7) E:: eu lembro que eu falei pra ele –“(tá olhan(d)o?)...essa borracha... *se você tivesse ro(u)bado o bran/ o banco... perante Deus era a mesma coisa* você ro(u)bô(u)... isso é ro(u)bo... você tá ro(u)ban(d)o você tá erran(d)o”

PARÁFRASE: *se [POR ACASO] você tivesse ro(u)bado o bran/ o banco... perante Deus era a mesma coisa* você ro(u)bô(u)...

(4.8) Inf.: Ex.: Inf.: lógico... *se fosse comigo tam(b)ém eu:: já entrava em pânico...* (AC-054; NR: L.116-117)

PARÁFRASE: *se [POR ACASO] fosse comigo tam(b)ém eu:: já entrava em pânico...*

A primeira coisa para a qual chamamos a atenção é o fato de que tanto para as irreais quanto para as potenciais, os mecanismos utilizados para diferenciar essas duas das reais é o mesmo (*por acaso*). Porém, a diferença reside na referência temporal, algo com que já tínhamos proposto trabalhar no projeto inicialmente. Nas condicionais potenciais, a referência é sempre futura ou genérica e o fato fica em suspensão, ou seja, na eventualidade, tal qual propõe Neves (1999). Já nas condicionais irreais, temos casos com referência passada (primeiro exemplo) (*Se você tivesse roubado o banco, mas não roubou*) ou com referência futura, em que a falsidade na prótase se comprova no intervalo de tempo (*se fosse comigo, mas não foi comigo*).

Outro ponto que devemos ressaltar diz respeito à restrição sobre a qual falamos. Nas reais, com o uso de *já que*, há a restrição de uso de formas de subjuntivo na prótase. Basta fazermos a substituição nos exemplos acima para observarmos tal restrição:

PARÁFRASE: * *JÁ QUE* num **fizê(r)** um negócio muito bem feito... **vai ficá(r)** pior ainda.

PARÁFRASE: * *JÁ QUE* você **tivesse ro(u)bado** o bran/ o banco... *perante Deus era a mesma coisa* você ro(u)bô(u)...

PARÁFRASE: * *JÁ QUE* fosse comigo **tam(b)ém eu:: já entrava** em pânico...

Entretanto, o inverso nem sempre é válido. Isso significa que nem todas as condicionais inseridas pelo presente do indicativo na prótase aceitam o *já que* sem que se altere o sentido. Ou seja, não parece ser agramatical, mas o sentido do enunciado muda se alterarmos o arranjo com *Já que*. O pressuposto muda (STALNAKER, 2002). Em contrapartida, parecem aceitar “*se por acaso*” sem que se altere o sentido primeiro. Portanto, essas são classificadas como do tipo potencial, como o exemplo que se segue:

[POTENCIAL]

(4.9) Agora... *se é uma aula particular... ou com ou com... POUcos alunos... é feito dessa forma.*

PARÁFRASE: Agora... *se [POR ACASO] é uma aula particular... ou com ou com... POUcos alunos... é feito dessa forma*

PARÁFRASE: Agora... *JÁ QUE é uma aula particular... ou com ou com... POUcos alunos... é feito dessa forma.*

Tal fato não estava entre as nossas hipóteses, mas evidencia que uma mesma combinação modo-temporal pode ter distintos significados a depender do arranjo da condicional em que se encontra. Por conseguinte, arranjos com presente do indicativo tanto na prótase quanto na apódose podem fazer parte de distintos submodos epistêmicos, a depender do contexto como um todo. Entretanto, nas reais, apenas as formas de indicativo apareceram.

Outra situação que encontramos entre os casos com presente do indicativo na prótase tem a ver com as condicionais em que tanto *já que* quanto *por acaso* parecem ser possíveis de serem utilizadas na paráfrase, de modo que estes são os casos que classificamos como ambíguos (cf. de 4.10 a 4.17)

(4.10) Inf.: *uhum acho que eu conversei com ele foi numa boa se qué(r) namorá(r) namora mas... sem fazê(r) graça né?.*

PARÁFRASE 1 – *se [POR ACASO] qué(r) namorá(r) namora mas... sem fazê(r) graça né?.*

PARÁFRASE 2 – *[JÁ QUE] qué(r) namorá(r) namora mas... sem fazê(r) graça né?.*

(4.11) Inf.: *você vê(r) que uma criança tem que sê(r) esperta... se ela num é esperta pra aprendê(r) ela tem que ser esperta pa brincá(r)... entendeu?...*

PARÁFRASE 1 – *se [POR ACASO] ela num é esperta pra aprendê(r) ela tem que ser esperta pa brincá(r)... entendeu?...*

PARÁFRASE 2 – *[JÁ QUE] ela num é esperta pra aprendê(r) ela tem que ser esperta pa brincá(r)... entendeu?...*

(4.12) Inf.: *ela já era... dona de casa... [Doc.: complicado] né?... mas num tenho nada contra se se gosta né?...*

PARÁFRASE 1 – *num tenho nada contra se [POR ACASO] gosta né?...*

PARÁFRASE 2 – *num tenho nada contra [JÁ QUE] gosta né?...*

(4.13) Inf.: *é assim e assim”... não é todo caso que é assim né? se não é uma mãe é uma amiga... sei lá uhum (concordo)*

PARÁFRASE 1 – *se [POR ACASO] não é uma mãe é uma amiga*

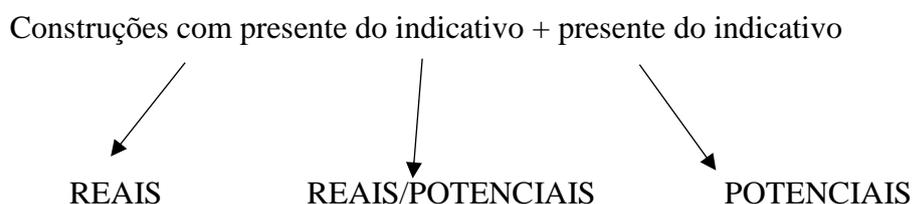
PARÁFRASE 2 – *[JÁ QUE] não é uma mãe é uma amiga*

(4.14) Inf.: “olha eu não bordo só... pra uma firma eu bordo pra várias firma... então *se vocês não mandam trabalho eu tenho que pegá(r) de outra*” – certo... então qué(r) dizê(r) ele é consciente...
PARÁFRASE 1 – *se [POR ACASO] vocês não mandam trabalho eu tenho que pegá(r) de outra*
PARÁFRASE 2 – *[JÁ QUE] não mandam trabalho eu tenho que pegá(r) de outra*

(4.15) Inf.: igual falei pra ele –“*se vocês não me trazem a/ a/ a/ o/ o trabalho como é que eu faço?*... eu num posso ficá(r) parada então eu pego de o(u)tras pessoas”–
PARÁFRASE 1 – *se [POR ACASO] vocês não me trazem a/ a/ a/ o/ o trabalho como é que eu faço?*
PARÁFRASE 2 – *[JÁ QUE] vocês não me trazem a/ a/ a/ o/ o trabalho como é que eu faço?*

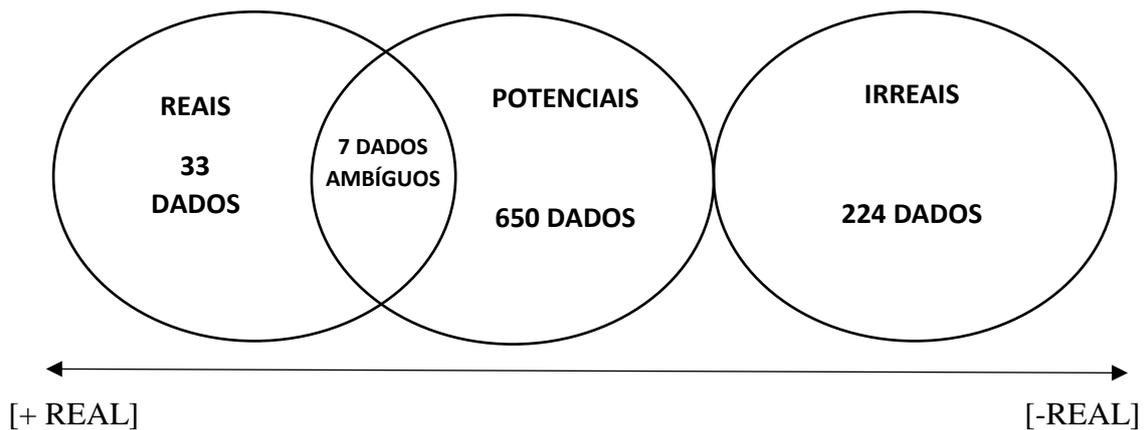
(4.16) Inf.: quando uma pessoa... tá estudan(d)o tudo bem... ela tá estudando... *se ela tá estudan(d)o o dia todo ela NÃO pode trabalhá(r)*... ela tem... ou ela estuda durante o dia...
PARÁFRASE 1 – *se [POR ACASO] ela tá estudan(d)o o dia todo ela NÃO pode trabalhá(r)*
PARÁFRASE 2 – *[JÁ QUE] ela tá estudan(d)o o dia todo ela NÃO pode trabalhá(r)*

Uma hipótese para todas essas peculiaridades que surgem quando na prótase a forma aparece no presente do indicativo parece ter a ver com o caráter multifacetado que o presente possui, funcionando como uma espécie de “curinga” enquanto passa por um processo de gramaticalização (HEINE, 1993). Nesse sentido, uma forma considerada prototípica de contextos ditos assertivos, reais, passa, ao longo do tempo, a funcionar em contextos menos assertivos (como nas condicionais potenciais). Todavia, como os processos nas línguas são lentos e graduais, há contextos ambíguos, como os supracitados. Desse modo, a afirmação, feita no início deste trabalho, acerca da noção de significação (entendida como processo³⁶) parece se confirmar com o uso do presente do indicativo na prótase, quando olhamos para essas combinações de um ponto de vista semasiológico:



Por conseguinte, pensando na distribuição de todas as formas verbais ao longo da escala epistêmica, chegamos ao seguinte esquema:

³⁶ Cf. 3.2.1.1 O problema da equivalência semântica entre as variantes



Feitas as observações, passaremos, agora, para a análise das combinações modo-temporais dentro de cada subgrupo. Os 7 dados considerados ambíguos não entram na análise estatística, principalmente porque se mostram insuficientes numericamente³⁷. Além disso, vale salientar que privilegiaremos a análise das condicionais potenciais, ainda que mostremos todas as combinações que apareceram em cada tipo de condicional.

4.3.3.1 Alternância verbal nas condicionais reais

Como se vê no quadro a 6, a combinação que mais apareceu dentro desse submodo é a composta por presente do indicativo tanto na prótase quanto na apódose da condicional.

Quadro 6 - Combinações modo-temporais nas condicionais reais.

Combinação	Exemplo	Frequência
P: Pres. do Indicativo A: Pres. do Indicativo	<i>Se você desenha você quadricula só um xis</i> (AC-45; L. 342)	21
P: Pret. Perf. do Indicativo A: Presente do Indicativo	Inf.: <i>se eu voltei a estudá(r) é pensando...</i> éh num futuro melhor (AC-26; L. 41)	5
P: Pret. Perf. Indicativo A: Pret. Perf. Indicativo	Inf.: <i>é:... eu... como educadora eu penso assim... se você:: se formô(u) engenhe(i)ro... há quarenta anos... foi prime(i)ro colocado na USP nas melhores faculdades de engenharia da época... há quarenta anos... e você conseguiu... ser um Oscar Niemayer num é?... você contribuiu muito..</i> (AC-148; RO: L.185-187)	3

³⁷ Lembramos que vamos mostrar todas as combinações encontradas em cada tipo de condicional, mas que a análise estatística se dará com as combinações que ocorreram 30 ou mais vezes.

P: Presente do Indicativo A: Fut. perifrástico do Indicativo	que num sei que tem né?... só que ele chamô(u) umas duas três vezes né? e o meu irmã::o... aí meu irmão já falô(u) assim – “ <i>ah se é pa zoá(r) então vamo(s) zoá(r) né?</i> ” – (AC-15; L. 435-437)	3
P: Presente do indicativo A: Subjuntivo/ Imperativo	Inf.: de assim sabe?... tem que fazê(r) o que elas tem vontade... <i>se elas num tão a fim de namorá(r) elas que num namore..</i> (AC-16; RO: L.493)	1
Total	5 COMBINAÇÕES	33 dados

4.3.3.2 Alternância verbal nas condicionais irrealis

Lembramos que as condicionais consideradas irrealis já foram analisadas pela pesquisadora desta dissertação (BRANDÃO, 2015). Em Brandão (2015), tínhamos o objetivo de apenas observar as formas verbais que se alternavam nas apódoses das condicionais que traziam na prótase as formas no imperfeito do subjuntivo. Todavia, acabamos analisando também as condicionais inseridas pelo imperfeito do indicativo e pelo mais-que-perfeito do subjuntivo na prótase.

As combinações encontradas dentro desse submodo são as que se observam no quadro 15, a seguir.

Quadro 7 - Combinações modo-temporais nas condicionais irrealis

Combinação	Exemplo	Frequência
P: Imp. do Subjuntivo A: Pret. Imp. Indicativo	a turma tá pagan(d)o uma coisa que ele GOSTa de vê(r)... <i>se ele num gostasse ele num fosse/ ele num num ia no campo num tinha num tinha esses al/ alto salário que ta/ tá ten(d)o...</i> então é::... tem que aproveitá(r) agora (AC-131; L. 256-260)	61
P: Imp. do Subjuntivo A: IA+Infinitivo	Doc.: 2[a] melhor mane(i)ra então seria prevení(r) né? Inf.: com certeza eu acho qué(r) fazê(r)? pode fazê(r) mas com um:: responsabiliDA::de tal... aí na maioria das vezes você acha que esse cara esse MÁximo de dezoito anos VAI FICÁ(R) com a menina?... entendeu? num VAI ficá(r) num VA::I porque...um cara de dezoito anos num qué(r) assumí(r) nada com menininha... nem com ninguém entendeu? Porque <i>se ele quisesse assumí(r) alguma coisa ele num ia procurá(r) uma criança...</i> (AC-22; L.289-294)	47
P: Imp. do Subjuntivo A: Fut. Pret. Indicativo	logo após a operação ainda no hospital eu prometi a mim mesma que <i>se eu vivesse mais um dia esse dia seria bem vivido..</i> (AC-134; L. 69-70)	44

P: Imp. do Indicativo A: Pret. Imp. Indicativo	de meia em meia hora a gente tá c'a vassoura na mão limpan(d)o... então é uma área muito sacrificada... e uma área que/ aliás nem ne/ nem todos gostam dessa área... a gente trabalha nisso porque a gente precisa me(s)mo... porque <i>se a gente num precisava a gente num trabalhava não</i> (AC - 68; L. 296-298)	21
P: Imp. do Subjuntivo A: mais-que-perfeito do Indicativo	eu nunca tirei notas baixas né? ...mas <i>se fosse numa escola que exigi/ que exigisse mais... eu tinha tirado</i> porque eu tin/ eu tenho:... tinha muita facilidade... com professo::res diretor::... (AC-15; 1.871-873)	11
P: Mais-que-perfeito do Subjuntivo A: Imp. do Indicativo	E:: eu lembro que eu falei pra ele –“(tá olhan(d)o?)...essa borracha... <i>se você tivesse ro(u)bado o bran/ o banco... perante Deus era a mesma coisa você ro(u)bô(u)</i> ... isso é ro(u)bo... você tá ro(u)ban(d)o você tá erran(d)o” (AC-106; L.794-797)	10
P: Mais-que-perfeito do Subjuntivo A: Mais-que perfeito do Indicativo	você num tá acreditan(d)o... e <i>se eu tivesse falado aquela vez cê:: tinha acreditado?</i> ”– ele falô(u) – “realmente não”– peguei e falei –“então que que adiantava eu te falá(r)” (AC-63; L.100-103)	6
P: Imp. do Subjuntivo A: IRIA+ Infinitivo	Se fosse você acho que tam(b)ém iria fica(r) né? (AC-15; L.408)	6
P: Imp. do Indicativo A: IA+Infinitivo	Inf.: num falô(u) nada ela falô(u) se era aquilo que eu queria mesmo então::... que fosse aqui/ <i>se era aquela minha decisão ela me/... ela num (ia) atrapalhá(r)</i> (AC-29; L. 48-53)	5
P: Mais-que-perfeito do Subjuntivo A: IA+ Infinitivo	<i>Ia descê(r) tam(b)ém se tivesse ido pelo do Carrefour</i> (AC-54; L. 295)	4
P: Fut. do Subjuntivo A: Futuro do Pretérito	Inf.: umas coisa muito terríveis... não se sabe... PORque deve sê(r) afastamento de... da palavra do Senhor Jesus da palavra de Deus porque... <i>se as pessoas temê(r) a Deus se as pessoas... conhecê(r) a vontade do Senhor... claro que o mundo não estaria como está...</i> (AC-142; L.198)	3
P: Fut. do Subjuntivo A: Pret. Imp. Indicativo	Inf.: <i>Se eu quisé(r) entrava na sala de cirurgia eu falei...</i> (AC-71; L.48)	3
P: Pres. do Indicativo A: IA+Infinitivo	Inf.: fo/ foi importante porque eu eu tinha um lar::... <i>se eu num páro de tomá::(r)... eu ia perdê(r) minha mulher e os meu dois filho</i> (AC-135; L.16)	2
P: Mais-que-perfeito do Subjuntivo A: IRIA+ Infinitivo	Inf.: aí... num ponto eu tinha me arrependido hoje em dia não... [Doc.: cê acha q/] porque eu já guardei o choro né?... [Doc: ham] <i>se eu tivesse visto iria sê(r) pior ainda</i> (AC-70; L.58-60)	1
Total	14 COMBINAÇÕES	224

Observamos que as formas mais recorrentes, no âmbito das condicionais irrealis, foram as formadas a partir do imperfeito subjuntivo na prótase + futuro do pretérito ou imperfeito do indicativo ou a perífrase IA+ Infinitivo na apódose.

Entretanto, como nos propusemos, desde o início deste trabalho, apresentar uma análise aprofundada apenas das consideradas potenciais, deixaremos a discussão acerca dessas de lado, visto que um estudo anterior sobre elas já foi realizado (BRANDÃO, 2015).

4.3.3.3 Alternância verbal nas condicionais potenciais

Como feito também com as consideradas reais e irrealis, trazemos um quadro contendo todas as combinações modo-temporais dentro desse tipo de condicional.

Quadro 8 - Combinações modo-temporais nas condicionais potenciais

Combinações	Exemplos	Frequência
P: Futuro do Subjuntivo A: Presente do Indicativo	Inf.: meu amigo tá triste e a/ e a mãe do meu ami::go fala que todos querem que ele fique LÁ pra cuidá(r) <i>se acontecê(r) alguma COisa eles tão lá né?</i>	382
P: Futuro do Subjuntivo A: Futuro do Indicativo	Inf.: o cê vai entrá(r) pa í(r) pa quadra... aí lá na/ <i>se você continuá(r) reto cê vai vê(r) o portão de saída</i>	130
P: Presente do Indicativo A: Presente do Indicativo	agora... <i>se a polícia pega um cara matan(d)o uma sucuri ele vai preso ainda... e... porque foi ele que soltô(u)</i>	95
P: Presente do indicativo A: Fut. Perifrástico do Indicativo	n(d)o de quatro tá então que que acontece... se eu <i>faço</i> de sete... ela <i>vai caí(r)</i> pela metade vô(u)	22
P: Pret Perf. do indicativo A: Presente do Indicativo	Inf.: dá uma piscada né? se você tirô(u)... o o ladrão... aí <i>se você matô(u) ela... aí a pessoa fala morri e tal...</i> (AC-35; RP: L.466)	7
P: Futuro do Subjuntivo A: Pret. Perf. do Indicativo	Inf.: <i>de</i> menos três cê só sai se você tirá(r) nove... <i>se cê/ se você tirá(r) menos de nove você já tomô(u) o poder...</i> (AC-15; RP: L.748)	6
P: Futuro do Subjuntivo A: Presente do Subjuntivo	Inf.: <i>Se eu dé(r) uma uma dosagem dupla pra ele talvez ele:: sobreviva...</i> (AC-143; NR: L.153)	3
P: Pret. Perf do indicativo A: Fut. Perifrástico do Indicativo	Inf.: é uma cidadezinha gostosa que <i>se você chegô(u) na esquina o povo tudo vai te vê::(r) tudo vai te cumprimentá::(r)</i> é bom dia é boa tarde é boa noite tudo mundo (AC-68; DE: L.153-154)	2

P: Pret. Perf. do Indicativo A: Infinitivo	Inf.: <i>se você num usô(u) bombom colocá(r) o chocolate...</i> (AC-76; RP: L.293)	1
P: Futuro do Subjuntivo A: Pretérito Imperfeito	o C. (nome da pessoa) no H.S.B.C. que num era negro né? se <i>for vê(r)</i> assim ele <i>era...</i> moreno né?... a aí né?	1
P: Futuro do Subjuntivo A: IA+infinitivo	Inf.: <i>ah se eu fô(r) eu ia sê(r) igual ela...</i> só que também quem me desrespeitá(r)... daí eu num ia dá(r) nada só deixá(r) escreven(d)o	1
11 COMBINAÇÕES		650 dados

4.5 A variável dependente e suas variantes para análise

Como vimos, dentro das condicionais consideradas potenciais, as combinações mais frequentes e que entrarão para a análise são as de *Futuro do Subjuntivo + Presente do Indicativo* (doravante FS+PI), *Futuro do Subjuntivo + Futuro do Indicativo* (doravante FS+FI) e *Presente do Indicativo + Presente do indicativo* (doravante PI+PI), somando, as três combinações, 607 dados analisáveis. Ou seja, tomaremos essas 607 condicionais como valor total sobre o qual faremos a análise, visto que são as mais empregadas (HYMES, 1972).

4.6 Variáveis independentes

Após identificarmos as combinações modo-temporais que ocorrem nas condicionais potenciais, observamos a influência dos seguintes grupos sobre a escolha de uma ou outra combinação (variante): (i) de natureza social: idade, sexo e escolaridade dos informantes; (ii) de natureza textual-discursiva: tipo textual (narrativa, descrição e argumentação); (iii) de natureza pragmático-discursiva: temporalidade e modalidade da construção³⁸ e (iv) de natureza semântica: tipo de sujeito (+/- definido).

A identidade lexical do verbo não foi, por nós, considerada, necessariamente, uma variável testada estatisticamente, mas será observada a fim de identificarmos um

³⁸ Os valores modais e temporais dependem de uma articulação entre o arranjo da sentença e a situação de enunciação (envolvendo contexto, participantes, intenções...). São questões do nível do enunciado, não apenas da sentença.

possível efeito lexical que determinado verbo pode exercer sobre os dados. Será, pois, o primeiro aspecto avaliado, para, em seguida, passarmos para os dados em que não temos verbos com comportamentos categóricos, ou seja, ficaremos apenas com os variáveis.

4.6.1 Critérios adotados para a análise de variáveis sociais/extralinguísticas

Como já mencionado, o ALIP realizou a coleta com base em categorias já estratificadas. Ou seja, os dados dos informantes foram coletados com base na estratificação social da comunidade. Isso implica dizer que apenas a interpretação de cada categoria é nossa, já que a classificação foi feita pela equipe do ALIP com base nas informações fornecidas pelos informantes.

4.6.1.1 Idade dos informantes

Ao observar se determinado fenômeno em variação constitui uma mudança linguística em processo, visto que a segunda pressupõe a primeira, a pesquisa sociolinguística pode estudar o fenômeno em duas perspectivas: (i) perspectiva diacrônica - análise em tempo real; (ii) perspectiva sincrônica – análise em tempo aparente (LABOV, 1972). A análise em tempo aparente compara o comportamento de falantes segundo a faixa etária a que pertencem. Com um estudo sincrônico que leve em conta a idade dos informantes, pode-se perceber uma mudança em curso³⁹ ou um caso de variação em que formas são utilizadas diferentemente de acordo com a idade, porque é característico de tais faixas etárias que isso ocorra, em qualquer geração. Segundo Oliveira e Silva e Paiva (1996, p.350) “o estudo da correlação entre idade e variação linguística aponta para duas direções básicas: a relação de estabilidade entre variantes linguísticas – um fenômeno varia mas não muda – ou a existência de mudanças na língua”. Assim, a comparação de uma produção linguística de pessoas de diferentes idades deve revelar muito acerca do nosso fenômeno linguístico.

Como supracitado, o *corpus* foi coletado com base em 5 grupos etários (7-15 anos; 16-25 anos; 26-35 anos; 36-55 anos e mais de 55). Nossas hipóteses com essa variável

³⁹ Embora um estudo em tempo aparente possa sugerir uma mudança em curso, apenas um estudo em tempo real (de longa ou curta duração) é que pode efetivamente chegar a essa conclusão.

dizem respeito ao fato de os resultados poderem apontar uma mudança em tempo aparente, em que uma das combinações pode ser a considerada [+inovadora] dentro do escopo das condicionais potenciais.

4.6.1.2 Sexo dos informantes

O sexo/gênero dos informantes também é uma categoria que se tem levado em conta desde os primeiros estudos sociolinguísticos. Percebe-se que a Sociolinguística, como ciência, tem se preocupado em articular categorias ligadas ao sexo/gênero do informante com teorias feministas ou com teorias mais recentes acerca do papel do sexo/gênero na sociedade. Tal avanço faz com que abandonemos, aos poucos, a ideia ultrapassada e essencialista de que as mulheres lideram processos de mudança quando se refere à implementação de uma variante de maior prestígio porque a elas caberiam os papéis de mãe e educadora. De acordo com Freitag (2015, p. 18), explicações desse tipo talvez fossem válidas e pertinentes nos anos 1960, mas “hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade”. E, sobre isso, acrescenta:

Se a Sociolinguística tem como premissa, em tendência ampla, o estudo da relação entre língua e sociedade, precisa considerar que a sociedade muda; se a sociedade muda, as explicações do modelo teórico-metodológico deveriam, também, mudar. (FREITAG, 2015, p. 18)

Além disso, vale lembrar que, quando partimos para a análise de fenômenos em níveis mais altos de análise, discussões outras também são suscitadas. Em níveis acima da fonologia, não é claro qual é o prestígio ou desprestígio de cada variante, de modo que, geralmente, as discussões se pautam, em sua maioria, nos valores semânticos de cada uma.

No trabalho de Gryner (2008), por exemplo, a autora chegou a resultados que mostram uma preferência das mulheres pelas formas de presente do indicativo. Tal resultado se justificaria não por um prestígio encoberto envolvendo essas formas (contrário à ideia de que às formas de subjuntivo é que se atribui maior *status*), mas pelo seu caráter assertivo: “as transformações da sociedade e a crescente participação da mulher na esfera pública favoreceriam o incremento de um estilo mais afirmativo” (GRYNER, 2008, p.22).

Corroborar a interpretação de Gryner (2008) seria incoerente de nossa parte, na medida em que acreditamos que há outras motivações por trás do uso acentuado do presente do indicativo, que vão muito além do que sugerem os trabalhos que optam pela diferenciação [+ asserção] e [-asserção]. A noção de atemporalidade seria uma delas, algo que será melhor discutido posteriormente.

Espera-se, com essa variável, observar se há, de fato, um maior uso de uma ou outra combinação a depender do sexo/gênero dos informantes. Nossa hipótese é a de que não, por dois motivos: primeiramente porque, embora ao uso do subjuntivo se relacionem ideologias de “discursos mais elaborados” (GRYNER, 2008), enquanto ao indicativo caberia a alcunha de menos elaboração, a escolha (consciente ou inconsciente) de uma forma por outra é chancelada pela norma, desde que se atente aos valores semânticos que uma ou outra imprimiria. Em segundo plano, não acreditamos que o presente seja sempre o “estilo mais afirmativo” no interior das condicionais. Não aplicamos nenhum teste de percepção para captar como os falantes da língua observam o uso de uma ou outra combinação, porém acreditamos que a noção de menos ou mais afirmação seja motivado por todo o arranjo da condicional e não apenas pelo uso do presente.

4.6.1.3 Escolaridade dos informantes

Vê-se que, desde Labov, o efeito do fator escolaridade é extremamente importante para compreendermos os condicionamentos sociais de um fenômeno linguístico, sendo largamente estudado no Brasil. Considerando que a escola é um espaço em que se ‘ensina’ a norma culta prestigiada, torna-se importante levar em conta o ‘tempo’ que uma pessoa a frequentou, na medida em que pode corresponder a uma maior ou menor influência dessa norma e na presença maior ou menor de variantes prestigiadas na fala do indivíduo.

Por conseguinte, a coleta dos dados do ALIP pautou-se em 4 níveis de escolaridade, sendo esses o Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio e o Ensino Superior. Contudo, amalgamamos Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II em uma única categoria: Ensino Fundamental.

Desse modo, ficamos com 3 níveis de escolaridade (Fundamental, Médio e Superior). A expectativa é de que informantes mais escolarizados (Superior) utilizem mais o subjuntivo na prótase que informantes menos escolarizados (Ensino Fundamental). Contudo, não acreditamos que as formas de presente do indicativo em apódoses ocorram mais na fala de pessoas menos escolarizadas em comparação com as

mais escolarizadas. Isso porque, como viemos mostrando, a alternância entre as formas em questão é cancelada pela norma.

4.6.2 Critérios adotados para a análise do tipo textual

Como já mencionado, embora haja controvérsias na designação “tipo textual”, oferecida pelo ALIP, nós a manteremos. Contudo, alguns amálgamas são feitos, visto que alguns tipos textuais, além de muito semelhantes entre si em sua composição textual, não apresentam diferenças significativas sobre o fenômeno quando comparados um ao outro. É o caso na narrativa de experiência e recontada. Para o nosso fenômeno, não há uma diferença significativa ($p = 0,46$)⁴⁰. Isso implica dizer que há um uso semelhante de uma e outra combinação no interior desses dois tipos, de maneira que podemos amalgamá-los em um único tipo: narrativa. O mesmo se dá com relato de procedimento e descrição ($p = 0,43$), que amalgamamos em um único tipo: descrição. Assim, além do respaldo estatístico, há também explicações plausíveis para esses amálgamas realizados: um relato de procedimento possui essencialmente descrição, por exemplo.

Portanto, trabalharemos com três tipos textuais, quais sejam: narrativa, argumentação (relato de opinião) e descrição. A hipótese é a de que formas de PI aparecerão mais em narrativas que em textos argumentativos, pois nesse primeiro tipo de texto costuma aparecer o que é vernacular (LABOV, 2008). Já o subjuntivo apareceria em maior escala em textos argumentativos.

4.7 Critérios adotados para análise de fatores internos/linguísticos

4.7.1 Temporalidade da condicional

A partir de discussões já feitas, nossa proposta é aliar a análise do tempo e do aspecto em uma única variável, denominada por nós de **Temporalidade**.

⁴⁰ O valor p refere-se à significância da diferença entre índices. Para que uma diferença seja significativa, o valor p deve estar abaixo de 5%, ou seja, abaixo de 0,05. Esse não é o caso em questão. A diferença é superior ao valor alfa.

A forma verbal mais frequente nas apódoses das condicionais analisadas é a de presente e sabemos que, entre os valores do presente, está o aspecto habitual que a ele se relaciona em muitos casos. Além disso, de acordo com Corôa (2005), “o tempo presente pode ser visto teoricamente como um ponto sem duração – limite entre passado e o futuro – cuja extensão varia com as circunstâncias da enunciação” (p.77). Uma variável como essa pode nos ajudar a identificar nuances semânticas entre as condicionais. Para Travaglia (1985, p.147), o aspecto aflora com maior clareza nos tempos do indicativo que exprimem ações objetivas, porque o aspecto é uma categoria objetiva. Tal afirmação atribui valores opostos para o indicativo e o subjuntivo, seguindo de perto a tradição gramatical.

Assim, propomos uma variável que correlaciona o momento do evento do enunciado com noções aspectuais, na medida em que é evidente uma estreita relação entre habitualidade e atemporalidade (BITTENCOURT, 2012), como veremos a seguir, com a definição de nossos critérios de análise.

Podemos pensar no momento de referência (MR), neste contexto de estudo, levando em conta que algo só se realizaria (no passado, no presente ou no futuro) com uma determinada condição. Sendo assim, o MR por nós analisado é estabelecido na correlação temporal das duas orações (uma subordinada – a condicional – e a oração principal ou matriz) e, por vezes, esse MR é indicado por modificadores e operadores temporais, como advérbios de tempo, datas, entre outras referências (ILARI; BASSO, 2008). Quando isso ocorre, teríamos o que Gryner (2008) chamou de eventualidade (parafraseada por *se por acaso*). Entretanto, nem sempre nos ancoramos em um ponto específico no tempo, de modo que essa âncora pode ficar em suspensão ao longo da escala temporal, deslocando-se aspectualmente. Tais contextos seriam, então, os considerados genéricos (parafraseados por *sempre que*).

Por conseguinte, com base em trabalhos já realizados acerca das noções (a)temporalidade/ momento de referência (GRYNER, 1990; BITTENCOURT, 2012), analisamos as condicionais de acordo com a definitude ou não do tempo, distinguindo as condicionais temporais e atemporais. As primeiras veiculam uma ideia de eventualidade e as segundas a de generalização.

TEMPORAIS – Há uma projeção temporal que se lança para o futuro, a marcação do tempo se mostra mais definida, de modo que o falante faz uso de elementos que expressam uma projeção futura seja em relação ao passado [*Esquema: Aquele dia/Ontem*

se S1, S2] (Exemplos 4.17 e 4.18) ou ao presente [*Esquema: um dia/ amanhã se S1, S2*] (Exemplos 4.19 e 4.20).

Quadro 9 - Condicionais temporais

Temporal – âncora no passado	Temporal – âncora no presente/futuro
(4.17) Inf.: aí::... não num chegô(u) a machucá(r) ele virô(u) pra mim aí eu já saí fora do quarto aí ele veio po meu lado aí meu irmão já grudô(u) nele – “não... nele cê num vai batê(r)” – eu sô(u) mais novo <i>se ele batê(r) em mim dá até cadeia... falô(u)</i> – “não... nele cê num vai batê(r) não”	(4.19) Inf.: <i>Se você ajoelhá(r)... e falá(r)</i> assim – “Senhor... eu Te aceito como o Único Senhor e Salvador da minha vida” – até porque transforma tudinho... <i>tudo começa a mudá(r)...</i> você começa a vê(r) as coisas diferente... porque aí o inimigo não pode mais te tocá(r)...
(4.18) ... aí minha mãe pegô(u) e falô(u) assim – “ah cê avisa esse colega dos cês aí que <i>se eu pegá(r) e::le... se eu encontrá(r) com ele num vai ficá(r) desse jeito não viu?</i> ” –...	(4.20) Inf.: que sê(r) uma escolha dele... certo {se amanhã } <i>ele quisé(r) batizá(r) ele batiza.</i>

ATEMPORAIS – Com uma espécie de projeção isocrônica, o que há, nesses casos, é uma não-marcação temporal, marcações que ficam em suspensão ao longo da cadeia temporal, como “verdades eternas”, como condicionais mais aspectuais/ genéricas que temporais [*Esquema: Quando/em qualquer momento/sempre que S1, S2*] (Exemplos 4.21 e 4.22).

Quadro 10 – Condicionais generalizadas

Atemporal – âncora no passado
(4.21) Inf.: Inf.: isso quem ficá(r) com menos pedra... aí... quan(d)o ficá(r) muito/ muita po(u)ca ((ruído)) pedra <i>se [sempre que]⁴¹ tivé(r) só dama aí eles::... eles desmancham a dama e faz as pedrinha de novo...</i>
(4.22) Inf.: Quando ele/ quando tá jogan(d)o assim... <i>se [sempre que]⁴² invadí(r) o campo pôr o pé inte(i)ro dentro do do o(u)tro campo e tivé(r) com a BOLA pra taCÁ(R) éh:: a bola vai pro o(u)tro time porque:: invadiu o campo então tem que dá(r) a bola pro o(u)tro éh::...</i>

4.7.2 Modalidade nas condicionais

Apoiando-nos em estudos acerca da modalidade (GIVÓN, 1995; BYBEE; FLEISHMAN, 1995; BRONCKART, 2012[1997]), nossa premissa é de que a análise da *modalidade* deve ir além das formas verbais, embora os verbos distingam, por si sós, ações como ordenar, informar, supor, etc., e ainda nos ajudem a administrar e identificar o real e o irreal.

⁴¹ Inserido por nós.

⁴² Inserido por nós.

O uso de diferentes modos do verbo é, segundo Ilari & Basso (2001), **uma** das tantas maneiras de alertar nossos interlocutores para o fato de que, em nossas afirmações, estamos levando em consideração, outros mundos, além do real. Assim, tendo em vista que o modo verbal é uma entre as diferentes maneiras de codificar essa atitude subjetiva do falante, criamos uma variável a fim de mapearmos quais modalidades estão presentes nos enunciados. Para tal, levaremos em conta não somente a conjunção *se* e as formas verbais, mas também os advérbios, as construções como “acho que”, “tenho certeza que”, “talvez” etc., construções já consagradas na literatura linguística como modalizadoras.

Assim, a primeira coisa a salientar diz respeito ao fato de já estarmos lidando com uma construção que impõe uma modalidade não factual expressa pelo próprio arranjo condicional, que inclui a conjunção prototípica *se*, em que o conteúdo da oração principal fica por depender da condição anteriormente expressa.

Uma variável como essa pode nos ajudar a desmistificar a existência de uma concordância semântica entre os verbos da prótase e da apódose como marcadores exclusivos de asserção do falante frente aos fatos, ou, ainda, a repensarmos o fato de determinadas correlações modo-temporais serem condição *sine qua non* para expressar realidade ou irrealidade, na medida em que, se alterarmos a codificação verbal, o sentido se alteraria também, algo que a gramática tradicional vem apregoando há anos, como já vimos anteriormente.

Assim, a partir de uma abordagem que combina as visões de GIVÓN (1995); BYBEE; FLEISHMAN (1995); BRONCKART (2012[1997]), propomos a seguinte classificação para a modalidade das condicionais.

- 1- Condicionais deônticas:** Os conteúdos são assumidos como necessários, obrigatórios, quando a prótase é verdadeira. [*Se S1 acontece, é obrigatório que S2 aconteça*]

Quadro 11 - Condicionais deônticas.

Exemplos	Motivações para a classificação como tal
(4.23) Inf.: aí a hora que se chegá(r) nas onze <i>se os dois tivé(r) com onze ponto... aí nenhum pode virá(r)</i> as carta do o(u)tro	Eventualidade da prótase: Se os dois tiverem onze pontos Apódose obrigatória e necessária: nenhum pode virar as cartas do outro
(4.24) Inf.: quem tá c'a bola tem que corrê(r) de frente... <i>porque se a bola vié(r) pra você você tem que agarrá(r) ela.</i>	Eventualidade da prótase: Se a bola vier Apódose obrigatória e necessária: ter que agarrar a bola

2- Condicionais Epistêmicas lógicas – As informações na apódose são assumidas como verdadeiras e existentes e não há dúvidas quanto a isso, de modo que o caráter eventual repousa apenas na prótase, seja pela lógica de uma convenção ou pela obviedade da situação. [*S2 já existe se S1 acontecer*)]

Quadro 12 - Condicionais Epistêmicas Lógicas

Exemplos	Motivações para a classificação como tal
(4.25) Inf.: a mãe do meu ami::go fala que todos querem que ele fique LÁ pra cuidá(r) <i>se acontecê(r) alguma COisa eles... tão lá né?</i> mas ele NÃO ele qué(r) voltá(r) pro ran::cho ele qué(r) fumá::(r)...	Eventualidade: acontecer alguma coisa Verdade: eles tão lá
(4.26) Inf.: <i>tem um quartinho pa podê(r) guardá(r) as ferramenta se precisá(r)...</i> e e tem o éh... éh uma quadra pra jogá(r)	Eventualidade: precisar Verdade: tem um quartinho

3- Condicionais Epistêmicas Objetivas - Há, aqui, a noção semântica de possibilidade. Não há, pela lógica, a segurança de que a informação na apódose é real ou existente, mas o falante a toma como tal, na medida em que a prótase se concretiza. Assim, a informação da apódose seria *consequência* da eventualidade da prótase, seja pela lógica da construção, pela evidencialidade de uma crença compartilhada ou pela certeza atribuída ao enunciado pelo falante. [Se S1 acontece ou acontecer, conseqüentemente vai acontecer/ acontece S2]

Quadro 13 - Condicionais Epistêmicas Objetivas

Exemplos	Motivações para a classificação como tal
(4.27) Inf.: ê(r) por sê(r) genético a médica já até explicô(u) que... <i>se eu tivé(r) uma filha mulher ela vai sê(r) portadora.</i>	Eventualidade da prótase: se tiver uma filha mulher Consequência certa: ela vai ser portadora
(4.28) Inf.: o cê vai entrá(r) pa í(r) po/... Pa quadra... Aí lá na/ <i>se você continuá(r) reto cê vai vê(r) o portão de saída.</i>	Eventualidade da prótase: se continuar reto Consequência certa: ver o portão de saída

4- Condicionais Epistêmicas Subjetivas – Emissão de uma opinião via condicional. Mais do que a consequência certa ou falsa de uma proposição, o que mais se evidencia, aqui, é a subjetividade do falante, observada pelos modalizadores, pelas adjetivações, pelas indagações, pelo querer, pelos desejos, pelo aconselhamento, pela lógica do

contexto etc. As epistêmicas subjetivas se diferem das epistêmicas objetivas por trazerem ao discurso uma avaliação acerca de tal consequência, avaliando-a como necessária, possível etc.

Quadro 14 - Condicionais Epistêmicas Subjetivas

Exemplos	Motivações para a classificação como tal
(4.29) Doc.: e que que cê acha dos pais que castigam assim muito os filhos? Inf.: que castiga? ah... tem que VÊ(r)... tipo:... se fô(r) MUITo:: GRAve a coisa assim... eu acho que pode aTÉ SÊ(r) sabe? mas NAda de muito GRA::ve assim sabe? tirá(r) alguma coisa que go::sta... acho que isso 4 [num	Observação da subjetividade: até e acho que
(4.30) Doc.: cê acha que deve derrubá(r) essas casa velha e fazê(r) prédio? Inf.: NÃO... deveriam reformá(r) e::las... melhorá(r) elas... se não tiver nenhum jeito... demoli e constrói uma nova	Observação da subjetividade: verbo dever antecedente.

As condicionais epistêmicas subjetivas são as que, de acordo com a nossa análise, possuem o mais alto índice de subjetividade, por envolver, necessariamente, a emissão de uma opinião por parte do falante. As epistêmicas objetivas trazem uma percepção acerca de algo e, não necessariamente, uma opinião. O que fica mais saliente no interior das objetivas é a consequência, a eventualidade da apódose. Já nas epistêmicas lógicas, a apódose é pré existente, de modo que a eventualidade repousa sob a prótase. O mesmo se dá com as deônticas, na medida em que há uma obrigatoriedade de o conteúdo da apódose ocorrer, caso a prótase se concretize.

A hipótese com este grupo é de que contextos em que a apódose é obrigatória ou pré-existente (nas deônticas e epistêmicas lógicas), formas de presente do indicativo serão as preferidas tanto na prótase quanto na apódose, ainda que em maior escala na apódose. Já os contextos em que há uma projeção de eventualidade de a apódose se concretizar (epistêmicas objetivas e subjetivas), a forma preferida será a de futuro perifrástico na apódose e de futuro do subjuntivo na prótase.

4.7.3 Definitude do sujeito

A impossibilidade de identificar o referente do sujeito pode se realizar de diferentes formas e em diferentes graus. Perini (2010) salienta que a indeterminação não é exclusividade do sujeito, e quando ocorre tem um caráter gradativo: “quanto menos

individualizada (isto é, quanto mais esquemática) for a referência, mais indeterminado será o sintagma respectivo” (p.83).

Há trabalhos bastante representativos que tratam da determinação, definitude e especificidade do sujeito (MENON, 1995; GODOY, 1999, DUARTE, 2007). Menon (1995), por exemplo, identificou doze formas distintas de se indeterminar o sujeito na variedade culta do dialeto paulistano⁴³. Entretanto, como nosso foco, aqui, é avaliar o sujeito para, possivelmente, entendermos as motivações de uso de uma ou outra forma verbal, nos deteremos em uma análise mais simples, feita com base, especialmente, no trabalho de Duarte (2007), como veremos adiante.

Há um discurso que prevê para as alternâncias verbais uma relação de afastamento e de aproximação da realidade, de comprometimento e não comprometimento do falante com o que se fala, como ilustrado pelas gramáticas e retomado por nós, no final da *seção Critérios para identificação das condicionais reais, potenciais e irrealis*. Sendo assim, selecionamos uma variável que inclui as pessoas mencionadas na prótase e na apódose, visto que, se há uma noção de comprometimento ou não do falante com o que se fala, é importante avaliar o argumento externo da sentença. Tal grupo tem sua base no âmbito da referência do sujeito que pode ser tanto definida, indefinida ou sem referência (DUARTE, 2007), podendo as duas primeiras categorias serem expressas ou não, como nos exemplos a seguir, retirados de Duarte (2007)

Quadro 15 - Classificação do sujeito segundo sua forma e referência

REFERÊNCIA	FORMA	
	Não expresso	Expresso
Definida	_Fui/_Fomos_Foram ao teatro ontem	Eu/Nós/As meninas/Elas foram ao teatro ontem
Indefinida	_Roubaram as rosas do jardim. _Precisamos de ordem e progresso. _Não usa mais máquina de escrever. _vende apartamento.	Eles estão assaltando nesse bairro. Nós precisamos de ordem e progresso. A gente precisa de ordem e progresso. Você vê muito comércio no centro.
Sem Referência	_Choveu muito _Fez frio _Houve confusão	_____ _____ _____

Fonte: DUARTE, 2007, p. 196.

⁴³ Analyse Sociolinguistique de L'indetermination du Sujet dans le Portugais Parlé au Brésil, à partir des Données du NURC/SP).

A partir do trabalho de Duarte (2007), propomos uma classificação que leva em conta se a referência do sujeito, tanto da prótase quanto da apódose, é definida ou indefinida ou sem referência⁴⁴, independentemente se essa é expressa ou não na oração condicional (cf. DUARTE, 2007). Chegamos, então, às seguintes classificações:

Quadro 16 - Proposta de classificação da definitude do sujeito

Referência do sujeito [prótase] + [apódose]	Exemplos
[+definido] + [+definido]	(4.31) Inf.: <i>Se eu peço po meu pai lá ele fala que eu sô(u) folgado</i>
[+definido] + [-definido]	(4.32) Inf.: <i>Uma criança comigo eu já entro... porque eu falo – “se eu Morrê(r)... pelo menos alguém vai vê(r)”</i>
[-definido] + [+definido]	(4.33) Inf.: <i>se o cliente não está cadastrado eu entro... na página de clien/ de clientes na parte de clientes... e vô(u) cadastrá(r) o cliente novo...</i>
[-definido] + [-definido]	(4.34) Inf.: <i>se fô::(r) o(u)tra pessoa assim que/ que num VAI muito no PASTo daí ela assusta...</i>

Nossa hipótese com esse grupo é de que, mais do que a noção de comprometimento ou não do falante, o que está em jogo é a noção de genericidade que algumas orações condicionais possuem, podendo o sujeito vir a contribuir com um uso mais acentuado de uma ou outra forma: sujeitos [-definidos], portanto mais genéricos, por exemplo, poderiam aparecer mais com formas do presente do indicativo, enquanto os [+definidos] apareceriam em maior escala ao lado de formas verbais do subjuntivo e do futuro do indicativo.

4.8 Identidade lexical dos verbos

A identidade lexical refere-se aos lexemas específicos que ocorrem no *corpus* e a sua frequência no interior do universo de estudo. Como estamos lidando com formas verbais, nos interessa a identidade dos lexemas verbais que ocorrem na prótase e na apódose de construções condicionais. Tal identidade será controlada por meio da formulação de nuvens de palavras.

⁴⁴ Dados sem referência na prótase ou na apódose não serão contabilizados dentro dessa variável, ou seja, não entram na análise. Ex.: *Inf.: se num tivê(r) tam(b)ém num tem necessidade...*

O controle desse aspecto pode revelar muito sobre o fenômeno e, inclusive, alterar a configuração global dos resultados da pesquisa. Em estudo sobre a alternância entre formas do subjuntivo e do indicativo em dados de orações completivas provindas da mesma amostra que estamos analisando, Berlinck (2015) identificou uma correlação forte entre alguns verbos na oração principal e uma das duas variantes em jogo. Chamou particularmente a atenção o fato de que 70% do *corpus* inicialmente composto correspondia a completivas ligadas ao verbo *achar*, que, por sua vez, apresentava inexpressivo uso de subjuntivo (menos de 1%). A identificação desse efeito lexical determinou uma revisão do *corpus*, com a exclusão desses dados de modo a focalizar os contextos realmente variáveis.

A partir disso, propusemos controlar a identidade do lexema e a frequência com que apareceu ao longo dos dados nas apódoses das orações.

5 ANÁLISE

Apresentaremos, nesta seção, uma análise detalhada sobre o fenômeno, avaliando como as variáveis agem sobre as três combinações. Primeiramente, traremos uma visão geral do fenômeno, com os percentuais de uso de cada combinação. Posteriormente, elencaremos os verbos que apareceram tanto na prótase quanto na apódose das condicionais, a fim de observarmos se todos os verbos possuem um comportamento variável.

Após uma análise detalhada de cada variável independente em relação ao fenômeno, apresentaremos os resultados de análises multivariadas, com testes de regressão logística, os quais nos permitem estimar a probabilidade associada à ocorrência de determinada variante em relação a todo o conjunto de variáveis independentes.

5.1 Visão geral dos resultados

5.1.1 Análise preliminar

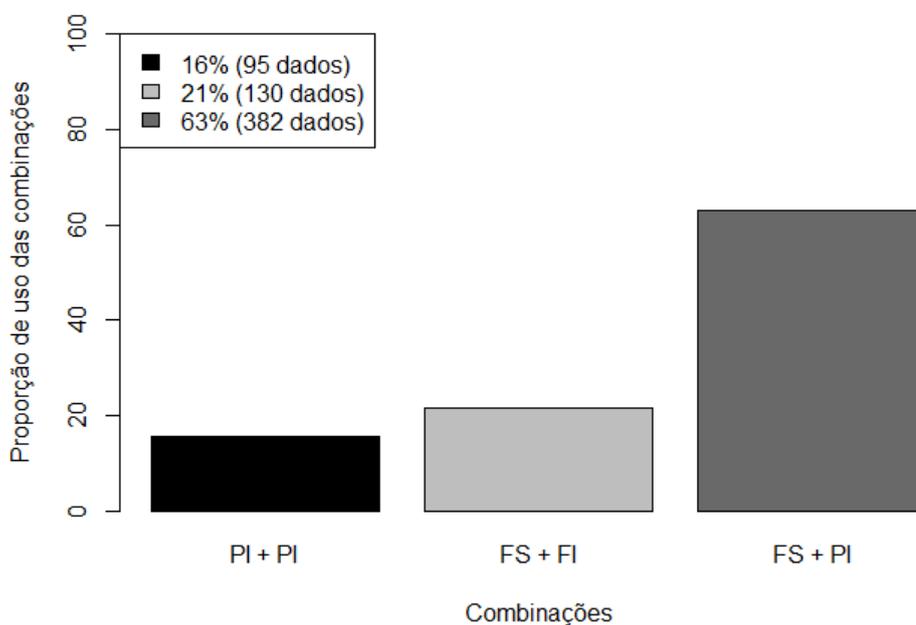
No âmbito das condicionais potenciais, ficamos, então, com a análise de três combinações modo-temporais, as mais empregadas pelos informantes do ALIP, como se vê no quadro 17.

Quadro 17 – Combinações modo-temporais analisadas

Combinações	Exemplos
PRESENTE DO INDICATIVO + PRESENTE DO INDICATIVO (doravante PI + PI)	Inf.: <i>Se eu peço truço e você aceita, você perde</i> (AC-21, L.214)
FUTURO DO SUBJUNTIVO + FUTURO DO INDICATIVO (doravante FS+FI)	Inf.: <i>Se der uma hemorragia a coisa vai ficar pior ainda</i> (AC-130; L.101)
FUTURO DO SUBJUNTIVO + PRESENTE DO INDICATIVO (doravante FS+PI)	Inf.: <i>Se não tiver gente supervisionando o povo não trabalha mesmo</i> (AC-105; L.506)

A seguir, há um gráfico com a frequência e proporção de ocorrência de cada uma dessas combinações entre as condicionais potenciais:

Gráfico 1 - Proporção de distribuição das três combinações nas condicionais potenciais



A combinação futuro do subjuntivo + presente do indicativo é a que mais apareceu dentro das chamadas potenciais (em 63% do casos) - quase três vezes mais que as outras duas. A combinação de futuro do subjuntivo + futuro do indicativo apareceu em 21% dos casos e a de presente do indicativo + presente do indicativo em 16% dos dados. Isso implica dizer que, em todos os contextos, a combinação FS+PI é a que mais tenderá a ocorrer. Contudo, a análise de contextos específicos pode revelar diferenças nas proporções.

O primeiro passo é, então, observar se todos os verbos possuem um comportamento, de fato, variável, no interior das combinações. Para tal, a etapa inicial do trabalho refere-se à identificação de verbos que se encontram tanto na prótase quanto na apódose das condicionais. Desse modo, apresentamos, a seguir, reflexões acerca desses verbos para, assim, chegarmos às combinações modo-temporais que possuem um comportamento variado. Somente a partir disso é que passaremos para as análises univariadas e multivariadas.

5.1.2 Identidade Lexical

Para avaliar se se uma ou outra combinação poderia ser afetada por algum efeito lexical, controlamos a identidade lexical dos verbos tanto na prótase quanto na apódose. A análise nos mostrou que os verbos mais frequentes, de um modo geral, parecem ser os mais frequentes em todas as combinações, salvo alguns deles, como poderemos ver a partir das nuvens de palavras e das tabelas que as sucedem.

Apresentamos, a seguir, duas tabelas com verbos mais frequentes tanto na prótase quanto na apódose, seguidas de exemplos, e de uma breve reflexão para, em seguida, mostrarmos as nuvens de palavras, as quais ilustram os verbos que apareceram nas condicionais. Nas tabelas, há o número exato de vezes que um verbo ocorreu e sua proporção em relação a todos que apareceram no interior de cada combinação. Como parâmetro, apresentamos também o número de vezes em que esses verbos apareceram e sua proporção no total das condicionais.

Tabela 1 – Frequência/Proporção de verbos que mais apareceram na PRÓTASE das condicionais

	TER	SER	QUERER	OUTROS⁴⁵	Nº DADOS
FS+PI	65 – 17,5%	48 – 12,5%	51 – 13%	218 – 57%	382 dados
FS+FI	13 – 10%	15 – 11,5%	9 – 7%	93 – 71,5%	130 dados
PI+PI	15 – 16%	10 – 11%	1 – 1%	69 - 73%	95 dados
TOTAL	93 – 15%	73 – 12%	61 – 10%	380 – 63%	607 dados

Exemplos

- (5.1) Se não **tiver** gente supervisionando o povo não trabalha mesmo... (AC-105, L.506)
- (5.2) Se você **tem** alguma pergunta ele tá ali pra fazer. (AC-128, L. 271)
- (5.3) Se **for** uma partida de futebol logicamente vai ter onze pa cada lado né? (AC-119, L.253)
- (5.4) Se você **é** uma pessoa de cabeça fraca você pega e entra... (AC-22, L. 651)
- (5.5) Se você **quiser** que fica bem largo cê faz até terminar (AC-98, L.248)
- (5.6) Se você **quer** uma metralhadora você chega no bê bê cinco dois... (AC-09, L.65)

Chamamos a atenção para a semântica do verbo *ter*. Embora apresentemos apenas dois exemplos, em que *ter* exprime uma ideia de existência (*existir gente supervisionando*) ou posse (*ter alguma pergunta*), há o uso de *ter* deôntico ao longo do

⁴⁵ Na categoria “outros”, incluem-se alguns outros verbos auxiliares, menos frequentes, bem como uma gama de verbos plenos com diferentes identidades lexicais.

corpus: ter que, que imprime obrigação ou necessidade, em exemplos como o que se seguem:

(5.7) Se **tem que** plantar alguma coisa ela planta... (AC-86, L.219)

(5.8) Se **tiver que** sair eu saio... (AC-114, L.804)

Não refinamos a análise a ponto de separarmos os deônticos dos demais porque esses apareceram em apenas 14 dados. Contudo, desses, ressaltamos que 13 apareceram no subjuntivo e apenas 1 no indicativo, o que está sendo usado como exemplo (cf. 5.6).

Uma reflexão semelhante é possível com o verbo *querer*. Selecionado como um dos mais recorrentes tanto no geral quanto nas duas combinações que contêm subjuntivo na prótase (FS+FI e FS+PI), esse não está entre os mais recorrentes quando, na prótase, a forma aparecia no indicativo. De fato, encontramos uma única ocorrência de *querer* no indicativo (*quer*), de modo que, nas demais, esse verbo apareceu sempre no subjuntivo (*quiser*). O total de vezes em que esse verbo apareceu é 61, ou seja, em 10% do total dos dados. Contudo, realizou-se no indicativo em apenas um deles, ou seja, em menos de 0,2% do total de dados. Poderíamos nos perguntar, então, se o verbo *querer* flexionado no subjuntivo já seria uma forma que se encontra lexicalizada, algo que só um estudo diacrônico poderia confirmar.

A partir de nuvens de palavras criadas com a finalidade de ilustrar as identidades lexicais dos verbos, observadas nas figuras 3, 4, 5 e 6, outra reflexão surge, ligada ao verbo *poder*, o qual foi um dos verbos preferidos na apódose das condicionais, como veremos a seguir, pela tabela 2 e pela figura 3. Na apódose, como sabemos, a alternância não é entre indicativo e subjuntivo, mas entre a forma perifrástica de futuro e a forma de presente, ambas do indicativo. O que se vê, com o verbo *poder*, é seu uso quase categórico no presente não fosse um único dado que apareceu no futuro (cf. 5.13).

Tabela 2 - Verbos que mais apareceram na APÓDOSE das condicionais

	TER	SER	PODER	FICAR	OUTROS	Nº DADOS
FS+PI	43 – 11%	41 – 10%	46 – 12%	13 – 3%	239 – 63%	382 dados
FS+FI	09 – 7%	04 – 3%	01 – 1%	16 – 12%	100- 77%	130 dados
PI+PI	13 – 14%	12 – 13%	04 – 4%	8 – 8%	58 – 61%	95 dados
TOTAL	65 – 11%	57 – 9%	51 – 8%	37 – 6%	397 – 65%	607 dados

Exemplos

(5.9) Se ele amolecer muito num **tem** como endurecê(r)... (AC-115, L.432)

(5.10) Se ele for incompetente ele não **vai ter** chance (AC-148, L.233)

(5.11) Se você der conta o teu salário **vai ser** isso aqui. (AC-63, L. 56)

(5.12) Se virar o ás por exemplo o dois **é** manilha. (AC-84, L.87)

(5.13) Se tiver que tomar anestesia eu num **vou poder** ter comido nada. (AC-116, L.28)

(5.14) Se a senhora quiser abrir um processo contra, a senhora **pode** (AC-39, L.182)

(5.15) se num fizer um negócio muito bem feito **vai ficar** pior ainda (AC-119, L.46)

(5.16) Se você for tirar uma foto **fica** com uma aparência linda (AC-38, L. 173)

Como nosso interesse, aqui, é pela identidade lexical dos verbos, não nos deteremos nos distintos valores que ao verbo *poder* se associam, visto que esse aparece tanto como deôntico (cf. exemplos 5.13 e 5.14) quanto como epistêmico, como em 5.17:

(5.17) Super perigoso... se se acender um fósforo ali perto **pode** explodir (AC-16, L.237)

Há, na literatura, uma longa discussão acerca do estatuto de alguns verbos modais, entre eles o *poder*. Seriam esses verbos auxiliares ou plenos? Lobato (1975), por exemplo, considera os modais como auxiliares enquanto Longo (1990) considera-os como verbos plenos. Já Roberts (1992) distingue os verbos auxiliares lexicais dos funcionais, classificando os modais como auxiliares lexicais.

O verbo *poder* apresenta uma complexidade e exige um aprofundamento acerca de seu estatuto que não nos cabe nesta dissertação. O que fazer, por exemplo, com um arranjo como o que se vê no exemplo 5.13 “vou poder ter comido nada”? Qual desses é mais auxiliar e qual é mais pleno?

Contudo, assumimos que *poder* não se refere a um verbo auxiliar (LONGO, 1992) prototípico, como *ir*, por exemplo e que esse imprime noções cognitivas ligadas à capacidade, à possibilidade, à permissão etc. que se sobressaem no interior das condicionais. Uma possível explicação para o então uso categórico desse verbo no presente, acompanhado de outro verbo, estaria na sua semântica. A ideia de ser possível ou permitido algum fato ou ação parece ser algo que se visualiza na enunciação. Dizer, por exemplo, “posso passar na sua casa amanhã” implica em dizer que essa “faculdade” já existe no momento da enunciação, enquanto uma construção como “vou poder passar

Figura 4 – Verbos encontrados com a combinação FS+PI



Vemos que, no interior da combinação FS+PI, na prótase, o verbo preferido foi *ter* (*tiver*). Já na apódose, a forma preferida foi *poder* (*pode*), seguida de *ter* e *ser*.

Na combinação FS+FI, tivemos os seguintes verbos:

Figura 5 - Verbos encontrados com a combinação FS+FI



Na prótase, o padrão encontrado nessa combinação se assemelha muito ao padrão geral: *ser* = *ter* > *querer* > *outras*. Quanto à apódose, o verbo *ser* não está entre os mais recorrentes (*vai ser*), aparecendo apenas em 4 do total de 130 dados dessa combinação (3%). Destacam-se os verbos *ficar* e, em menor proporção, *ter*.

Na combinação PI + PI, os verbos que apareceram foram os seguintes:

Figura 6 - Verbos encontrados com a combinação PI + PI



Como se vê, nas prótases, o padrão foi *ter* > *ser* > *outros*. Na apódose, por sua vez, o padrão se manteve semelhante aos demais casos reportados anteriormente (*ter* > *ser* > *ficar* > *poder* > *outros*)

Por conseguinte, uma medida é necessária para que cheguemos, de fato, aos dados realmente variáveis: retirar da análise variacionista os dados com comportamento categórico, ou quase categórico como é o nosso caso. Desse modo, dados com verbo *querer* na prótase, bem como com verbo *poder* na apódose não entram na análise variacionista aqui proposta, pois não variaram quanto a sua flexão no interior das condicionais.

5.1.3 Visão geral da análise variável

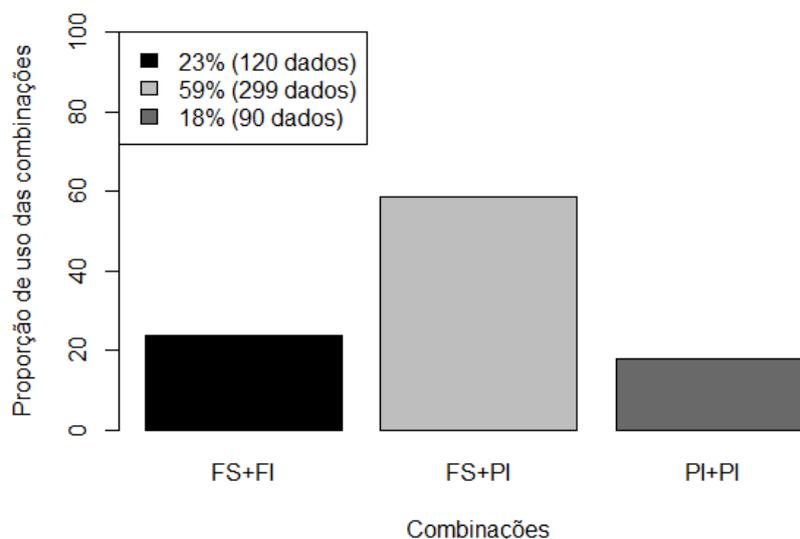
Após excluirmos os dados com comportamento categórico, ou quase categórico, que tinham *querer* na prótase (61) e *poder* na apódose (51), restaram 509 dados, sobre os quais faremos todas as demais análises.

A primeira coisa a salientarmos é que algumas combinações que traziam o verbo *querer* na prótase também apresentavam o *poder* na apódose (Inf.: Se a senhora **quiser** abrir um processo contra, a senhora **pode** (AC-39, L.182)), o que corresponde a 14 dados. Assim, foram excluídos 98 dados, e não os 112 que a soma do número de ocorrências de cada verbo tomado independentemente sugeria terem que ser descartados. Assim,

lembramos que todas as análises que se sucedem serão feitas com base em 509 dados, os quais possuem verbos com comportamentos variáveis, ora no subjuntivo, ora no indicativo, quando na prótase, e ou futuro do indicativo ou presente do indicativo, na apódose.

O gráfico 2 mostra os resultados da distribuição dos dados variáveis

Gráfico 1 – Distribuição das três combinações variáveis



O resultado geral continua mostrando a combinação FS+PI como a mais produtiva, seguida de FS+FI e PI+PI, como vemos no gráfico.

No que se refere às variáveis que acreditamos poder explicar o fenômeno, a tabela a seguir mostra os valores de significância de cada uma sobre o fenômeno. Tais valores foram obtidos por meio de testes de qui-quadrado, ou seja, por meio de uma análise univariada, em que cada variável é avaliada de modo independente uma da outra.

Quadro 18⁴⁷ - Valores obtidos por meio de testes de qui-quadrado

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	QUI-QUADRADO
TEMPORALIDADE	$X^2 = 27.8 (2), p = 9.125e-07^{48}$
MODALIDADE	$X^2 = 26.7 (6), p = 0,0001$
TIPO TEXTUAL	$X^2 = 18.3 (4), p = 0,001$
DEFINITUDE DO SUJEITO	$X^2 = 20,5 (6), p = 0,002$
IDADE	$X^2 = 20.0 (8), p = 0,01$
ESCOLARIDADE	$X^2 = 9.9 (4), p = 0,041$
SEXO/GÊNERO	$X^2 = 0.07 (2), p = 0,96$

Como vemos, com exceção do sexo/gênero do informante, todas as variáveis mostraram que possuem uma diferença significativa em relação aos fatores dos grupos. Contudo, apenas uma análise multivariada poderá nos trazer respostas mais concretas acerca do modo como todos esses grupos atuam sobre o fenômeno. Vejamos, então, a seguir, uma análise detalhada de cada variável. Antes, salientamos que na parte inferior de cada gráfico de frequências/proporções, haverá a recuperação dos valores de cada variável do quadro 18, para que percebamos se a diferença nas proporções de uso de uma ou outra combinação, por exemplo, é, de fato significativa.

5.5 Fatores de natureza linguística

(A) Temporalidade

Nossa hipótese com essa variável era que, de fato, ao presente se associa uma ideia mais genérica, uma não duração, e, portanto, combinações do tipo PI+PI se fariam presentes mais nas atemporais (cf. 5.19), que possuem um valor mais genérico, habitual que nas temporais, as quais carregam uma ideia de eventualidade (cf. 5.20). Já as combinações com subjuntivo na prótase se concentrariam nas eventuais. O gráfico 3 traz nossos resultados.

Exemplos

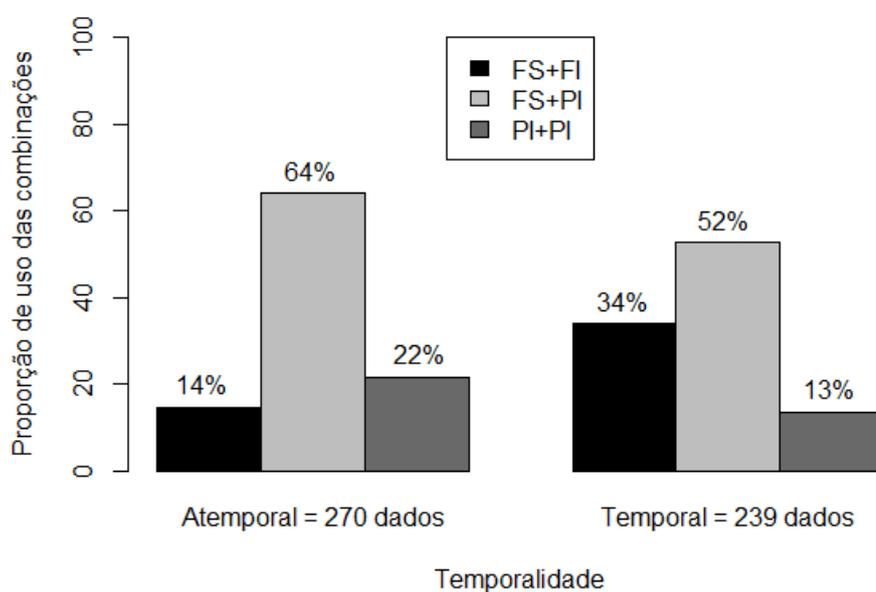
(5.19) Inf.: Só que vicia porque eu já:: já viciEI eu não consigo ficá(r) sem... *se eu fico sem eu já fico estressada o dia inTEIro.* (AC-10, L.352-353)

(5.20) Inf.: *Se eu encontrá(r) com ele num vai ficá(r) desse jeito não viu?"* (AC-28, L.66)

⁴⁷ O quadro está organizado em ordem decrescente, mas cada variável foi avaliada de forma independente uma da outra, ou seja, a hierarquia não necessariamente será essa.

⁴⁸ Um teste de qui-quadrado calcula a diferença entre o valor observado e o valor esperado. X^2 indica que o teste realizado é o de qui-quadrado; o número que o segue é o valor do qui-quadrado (Ex.: 27,8); o número entre parênteses refere-se ao grau de liberdade e o p indica o valor de significância. Para que uma diferença seja significativa, convencionou-se que ela deve estar abaixo de 0,05 (5%).

Gráfico 2 - Distribuição das combinações modo-temporais de acordo com a temporalidade



$$X^2 = 27.8 (2), p < 9.125e-07$$

O primeiro fato a destacarmos é que há variação nos dois tipos de potenciais, tanto nas atemporais (generalizadas) quanto nas temporais (eventuais). Além disso, as diferenças de comportamento das combinações no interior desses dois tipos mostraram-se estatisticamente significantes, com um valor p abaixo de 5%⁴⁹.

Vemos que a noção de atemporalidade, que confere à condicional um caráter genérico quanto a sua “âncora temporal”, associou-se proporcionalmente mais às combinações com presente do indicativo na apódose, enquanto a noção temporal, isto é, eventual e com projeção marcada para o futuro, ligou-se mais às combinações com futuro do indicativo na apódose.

No que se refere às combinações modo-temporais, nossa hipótese parece se confirmar parcialmente: formas de PI+PI são mais recorrentes em condicionais generalizadas e formas de FS+FI nas eventuais. Assim, a combinação com futuro do subjuntivo e presente do indicativo (FS+PI) parece funcionar como uma espécie de “curinga”, de maneira que a saliência entre o que é mais “eventual” e o que é mais “genérico” parece se dar com as outras duas combinações. O padrão de uso, nos dois contextos, ficou da seguinte forma:

⁴⁹ O valor está bem abaixo de 5%, sendo 9.125e-07, ou seja: 0,00000091.

NAS TEMPORAIS:

FS+PI > FS+F > PI +PI

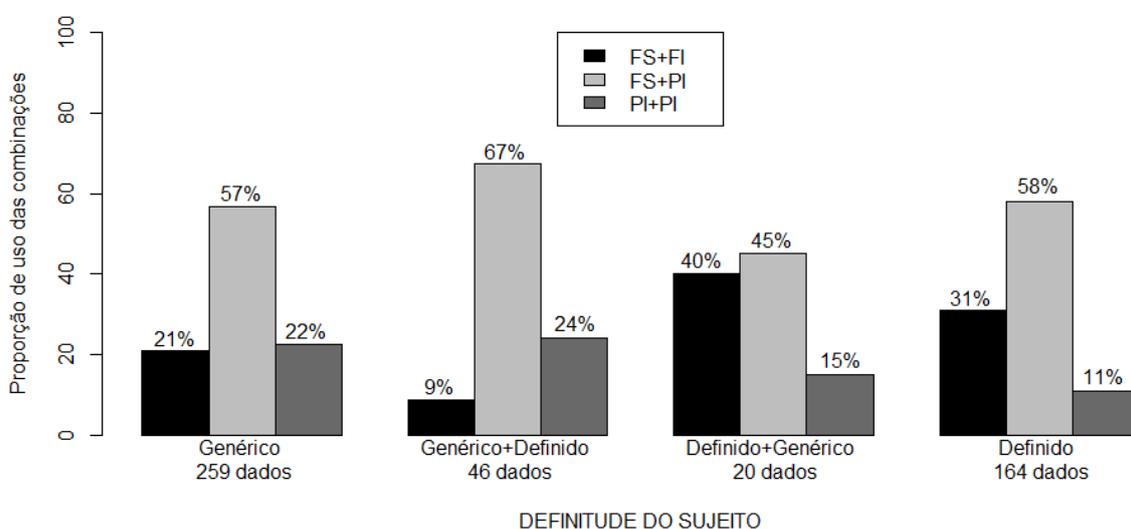
NAS ATEMPORAIS:

FS+PI > PI+PI > FS+FI

(B) Definitude do sujeito

Nossa hipótese com essa variável alia-se com a hipótese da temporalidade, pois acreditamos que contextos de menor definitude, sejam de natureza pragmático-discursiva (temporalidade) ou de natureza semântica (definitude do sujeito), influenciariam mais o uso da combinação PI+PI, enquanto em contextos de maior definitude predominariam as combinações com subjuntivo na prótase, quais sejam FS+FI e FS+PI. Os resultados dessa análise estão no gráfico 4.

Gráfico 3 - Distribuição das combinações modo-temporais de acordo com a definitude do sujeito



$\chi^2 = 20,5 (6), p = 0,002$

Pelos resultados obtidos, vemos que nossa hipótese para esta variável independente se confirma, pois, olhando os dois pólos (o de menor definitude tanto na prótase quanto na apódose, ou seja, o genérico, bem como o de maior definitude na prótase e na apódose – (definido), vemos que os percentuais são os seguintes 57% e 58% para FS+PI, 21% e 31% para FS+FI e 22% e 11% para PI+PI. Ou seja, combinações

FS+PI tem um movimento semelhante nos dois pólos (cf. exemplos 5.21 – DEFINIDO - e 5.22 - GENÉRICO), mas FS+FI aparece em maior escala em contexto de maior definitude do sujeito (cf. 5.23), enquanto PI+PI aparece em maior escala em contexto de menor definitude (cf. 5.24).

(5.21) Inf.: eu tenho que pôr de um em um porque *se eu pusé(r) duas eu não distingo uma da o(u)tra...* é uma parada difícil. (AC-151, L.311-312)

(5.22) Inf.: ai porque as **peessoas** têm que trabalhá(r) pra ganhá(r) dinhe(i)ro *se elas num gaNHAREm elas/... elas num têm dinhe(i)ro pra comê::(r)* (AC-04; L.318-319)

(5.23) Inf.: Aí eu falei assim – “é melhor eu í(r) embora... *porque se eu ficá(r) eu vô(u) acabá(r) contan(d)o*” (AC-45; L.80)

(5.24) Inf.: porque tá num jeito que os carros num se encontra... *se você vai reto pra í(r) pro outro bairro vai por cima* (AC-152; L.313)

Os padrões de uso foram os seguintes:

Nas condicionais com sujeito genéricos:

FS+PI > PI+PI > FS+FI

Nas condicionais com sujeitos definidos:

FS+PI > FS+FI > PI+PI

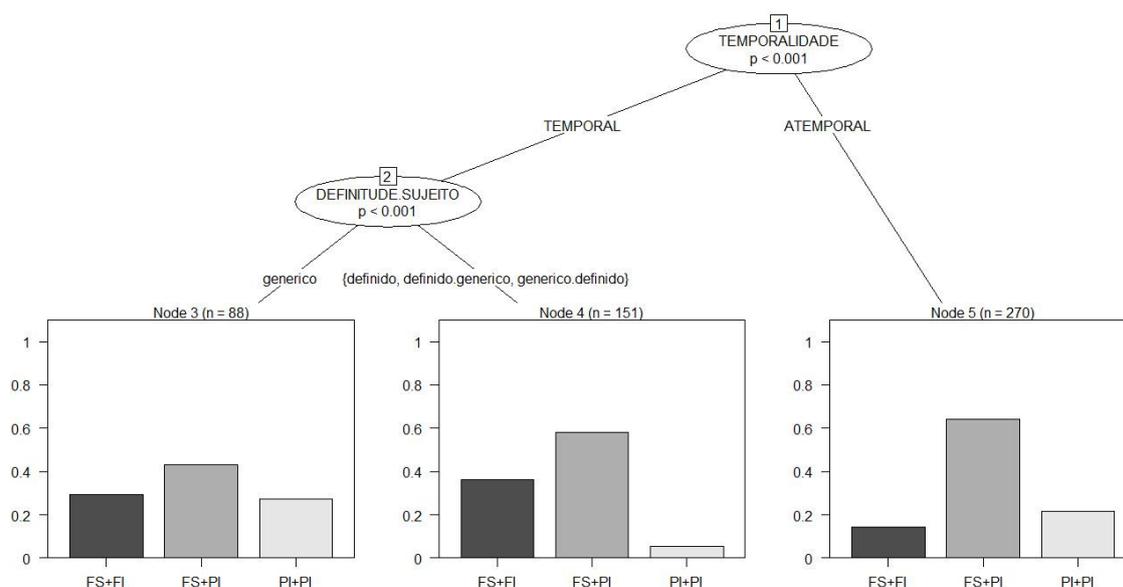
Já os contextos intermediários possuem um pequeno número de dados quando comparados aos contextos de pólo + definido e – definido. Contudo, um cruzamento entre definitude do sujeito e temporalidade pode nos trazer mais respostas para entendermos o fenômeno. Afinal, o padrão dos contextos intermediários poderia nos dizer algo?

(AB) Cruzamento Temporalidade e Definitude do Sujeito

Desde o início deste trabalho, estamos argumentando em favor de a combinação PI+PI poder se associar a um valor de maior imprecisão, diferentemente do que se vê geralmente na literatura: o presente do indicativo com uma ideia de mais “precisão” ou, ao menos, mais certeza que uma combinação com subjuntivo na prótase e futuro do indicativo na apódose.

Vejamos, então, como se comportam as variáveis Temporalidade e Definitude do sujeito em conjunto, as quais acreditamos ter alguma relação entre si (cf. gráfico 5).

Gráfico 4 – Diagrama arbóreo de inferência condicional: temporalidade e definitude do sujeito



Modelo: ctree (VD+VI). VI = Faixa Etária; Escolaridade; Sexo/Gênero; Modalidade; Temporalidade; Tipo Textual e Definitude do sujeito.

O gráfico 5 foi gerado por meio de um teste de regressão não-paramétrico (LEVSHINA, 2015) que permite que visualizemos, através de um diagrama, a relevância e o modo como as variáveis agem, em conjunto, sobre a variável dependente. Ao incluir, nesse modelo, todas as variáveis independentes, o programa retorna com um diagrama com ramificações de padrões de comportamento das variáveis independentes consideradas pelo modelo mais relevantes (com um *valor-p* abaixo de 0,05 – 5%)⁵⁰.

Como vemos, embora tenhamos incluído no modelo todas as variáveis independentes, chegamos a três padrões distintos de uso das combinações. O que o gráfico nos está informando é que temporalidade mostrou-se mais atuante sobre as combinações, produzindo o seguinte padrão de uso nos contextos atemporais: FS+PI > PI+PI > FS+FI.

Quando as condicionais são temporais, essas podem ter dois padrões distintos de combinação modo-temporais, mantendo uma estreita relação com a definitude do sujeito. Isso implica dizer que, quando uma condicional é temporal e possui sujeito genérico tanto na prótase quanto na apódose, há uma menor preferência pela combinação FS+PI que em outros contextos, e um aumento relativo do uso da combinação PI + PI em relação aos contextos em que o sujeito não é genérico tanto na prótase quanto na apódose. Já no

⁵⁰ O *valor-p* mostrado pelo modelo está abaixo de 0.001, como vemos no gráfico ($p < 0.001$). Além disso, o gráfico também nos informa quantos dados há dentro de cada padrão, algo que recuperamos com a indicação numérica de *node*. Nas condicionais atemporais há 270 dados, nas temporais com sujeito genérico há 88 e nas temporais com as demais classificações de definitude de sujeito, 151.

gráfico central, vê-se que, nas temporais que não possuem sujeito genérico na prótase e apódose, a combinação PI+PI muito pouco ocorre.

Temos dois aspectos a salientar para a interpretação desses resultados: o primeiro é assumir que a combinação PI+PI imprime, de fato, uma noção mais genérica que as demais, seja na ancoragem temporal ou na expressão do sujeito. Já a combinação FS+FI possui uma ancoragem mais marcada, eventual e sujeitos mais definidos. Contudo, nem sempre isso ocorre, o que possibilita a variação entre as combinações.

O segundo aspecto caminha ao lado desse e refere-se ao reconhecimento de que uma combinação modo-temporal mais genérica pode ser expressa por outras combinações modo-temporais que, normalmente, são menos genéricas. O inverso também seria válido, de modo que quando constatamos que pode haver a variação, estamos verificando que o valor “genérico” (ou “não genérico”) não é intrínseco da combinação modo-temporal. O que temos é uma combinação de fatores – a combinação modo-temporal, o traço de temporalidade associado à construção condicional (que depende do contexto mais amplo) e a definitude do sujeito.

Podemos pensar que alguns desses aspectos podem ser, talvez em momentos diferentes da história da língua, mais responsáveis pela expressão desse valor ‘genérico’ que os outros. E isso pode mudar. Contudo, apenas um estudo diacrônico poderia vir a confirmar (ou não) essa hipótese.

(C) Modalidade da condicional

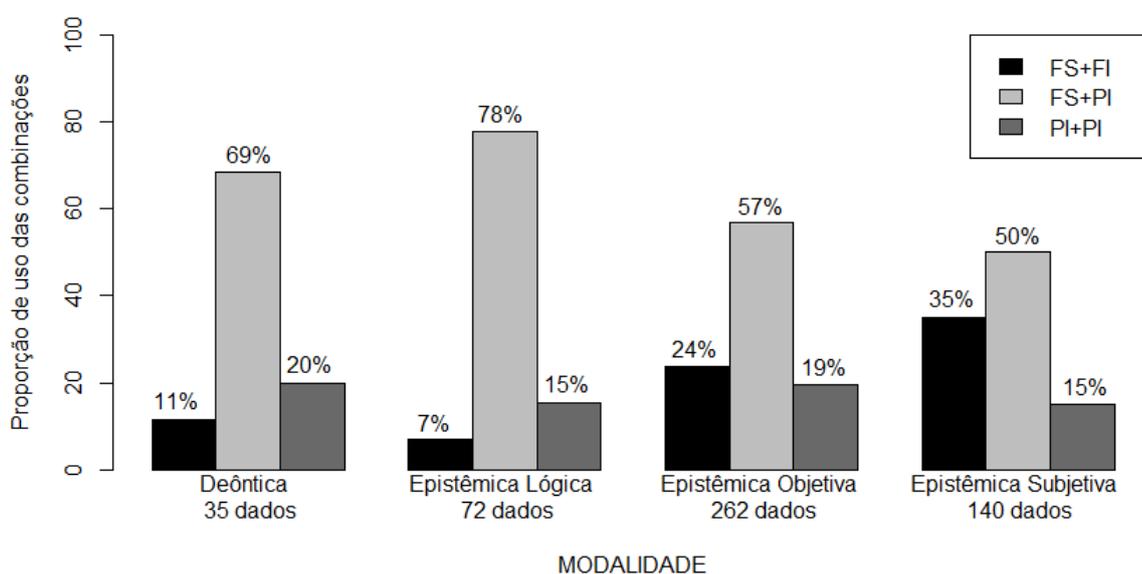
A categorização das modalidades encontradas foi feita com base em critérios pré-estabelecidos, os quais vimos na seção de metodologia. Porém, lembramos que, embora cada condicional tenha recebido uma única classificação (ou era deôntica, ou epistêmica lógica, ou epistêmica objetiva, ou epistêmica subjetiva), essas categorias, muitas vezes, se sobrepõem ou trazem características uma das outras, muitas vezes, deslocando-se ao longo de um *continuum*. Não raro, a condicional objetiva se aproximava de uma subjetiva, ou a subjetiva se aproximava da deôntica, de modo que se mostrou nitidamente o quão fluidos podem ser os limites entre as modalidades de uma ou outra condicional.

Além disso, observamos que os enunciados de cada categoria não são tão homogêneos entre si, dada a variedade de arranjos destes, os quais foram analisados com base na percepção das estruturas das partes do todo e da própria função dessas partes no todo, como já mostramos na metodologia. Assim, levamos em conta as propriedades

interacionais dos enunciados, o que nos permitiu classificá-los quanto à modalidade. Por conseguinte, mais do que saber se determinado enunciado possui o atributo de determinada modalidade, avaliamos o quão perto do enunciado estão as características que postulamos para a modalidade.

O comportamento das combinações modo-temporais pode ser visto no gráfico a seguir:

Gráfico 5 - Distribuição das combinações modo-temporais de acordo com a modalidade



$$X^2 = 26.7 (6), p = 0,0001$$

Primeiramente, vemos que a diferença de uso entre as combinações é significativa ($p = 0.0001$). Além disso, já nos era esperado, como mencionamos, que combinações com subjuntivo aparecessem em maior escala em contextos de menos asserção (epistêmicas objetiva e subjetiva, cf. 5.25, 5.26) e menos em contextos de mais asserção (deontica e lógica), em que as formas preferidas seriam as de indicativo (cf. 5.27 e 5.28).

(5.25) Inf.: ê(r) por sê(r) genético a médica já até explicô(u) que... *se eu tivé(r) uma filha mulher ela vai sê(r) portadora.* (AC-28; L.18)

(5.26) Inf.: então *se ele realmente gostá(r) de você... tivé(r) gostan(d)o de você... ele vai aceitá(r) você com essa barriga e tudo... entendeu?* (AC-72; L. 214)

(5.27) Às vezes *se você num tem a seqüência... aí você tem que comprá(r)* (AC-06; L. 400)

(5.28) Inf.: a mãe do meu ami::go fala que todos querem que ele fique LÁ pra cuidá(r) *se acontecê(r) alguma COisa eles... tão lá né?* mas ele NÃO ele qué(r) voltá(r) pro ran::cho ele qué(r) fumá::(r)... (AC-01; L. 97)

Vemos, pois, que combinações com PI+PI apareceram mais que FS+FI nas epistêmicas lógicas, embora não mais que FS+PI. Além disso, FS+PI apareceu em maior escala sobretudo em construções epistêmicas lógicas e menos com as epistêmicas subjetivas (50%). Já a proporção de uso da combinação FS+FI foi mais alta nas consideradas epistêmicas subjetivas e menos nas epistêmicas lógicas.

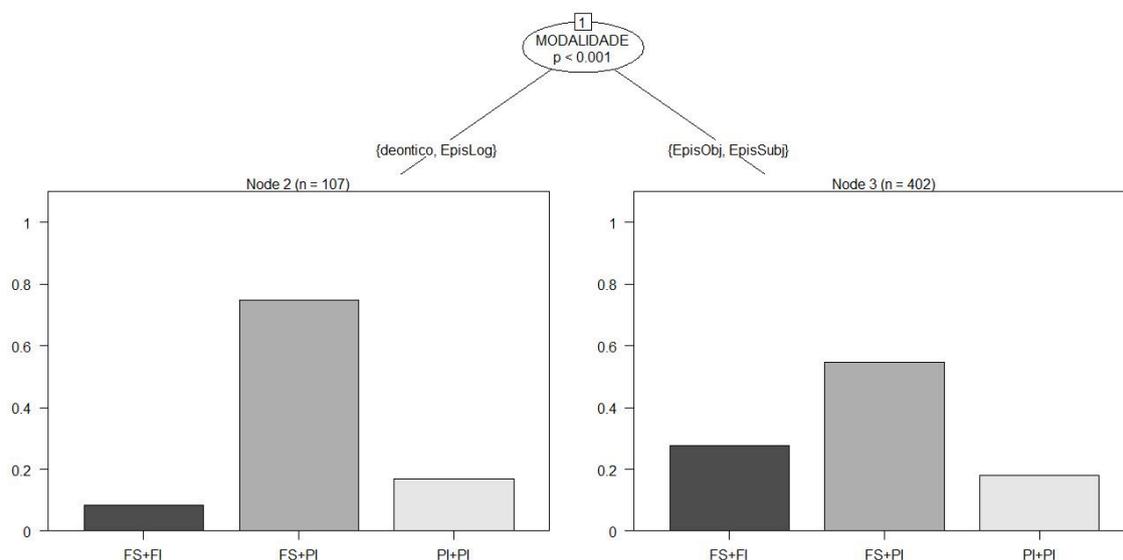
Para Câmara Jr. (1956), como já mencionado, o caráter modal da irrealidade se entrosou com a natureza temporal do futuro, dado o caráter modal de dúvida que ao futuro se associa. Para ele, o que subjaz às formas verbais de futuro é a “irrealidade em perspectiva” que se instala em suas utilizações e a contingência de qualquer futuro depender, mesmo que implicitamente, de uma condição para poder realizar-se:

Esponaneamente, o futuro surgiu menos como um tempo do que como um modo. O impulso linguístico que criou um futuro gramatical não foi o de situar o processo como posterior ao momento em que se fala, mas o de assinalar uma atitude do sujeito falante em relação a um processo assim posterior ao momento da enunciação. [...] A obliteração do futuro só não logra espontaneamente efetuar-se, quando se cria um estado de espírito especial no sujeito falante, inibindo-o de tal visualização e formulação. Já não se pode então transportar ao momento da ocorrência, porque o processo não é visto singelamente como o que vai acontecer. Há um anseio ou uma dúvida, por exemplo. Ou há a convenção implícita de que não se trata do evento real mas sim de evento possível, isto é, noutros termos, de uma hipótese. Ou, ainda, há o sentimento da afirmação Psíquica-linguística e um esforço para aproveitar-lhes ao máximo o valor lógico. Dá-se o que podemos chamar de gramaticalização (designando uma sistematização das noções intelectuais em detrimento da função expressiva) mercê da qual, nas sociedades mentalmente envolvidas, a língua se torna pouco a pouco um instrumento precioso para a expressão – e até a elaboração – do pensamento consciente. (CÂMARA Jr., 1956, p.27- 28)

No que se refere à combinação PI+PI, vemos que essa apareceu em maior escala nas deônticas. Contudo, o número de dados é tão baixo que fica inviável fazer qualquer generalização, pois 20% corresponde a 7 dados. Essa combinação apareceu um pouco mais também nas epistêmicas objetivas e menos nas subjetivas, de modo que a reflexão feita anteriormente sobre o caráter de irrealidade que ao futuro se associa e o de maior realidade do presente pode vir a explicar tal resultado.

O gráfico 7 mostra o comportamento semelhante quanto ao padrão de uso das combinações entre as epistêmicas lógicas e deônticas e as epistêmicas objetiva e subjetivas.

Gráfico 6 – Diagrama Arbóreo de inferência condicional - Modalidade



Modelo: ctree (VD+VI). VI = Modalidade

Vemos que, embora com poucos dados, há uma tendência de uso maior de PI+PI nas deônticas e lógicas que nas objetivas e subjetivas. Contrariamente, a combinação FS+FI apareceu em menor escala nas primeiras e mais nas segundas.

Chegamos, então, aos seguintes padrões:

NAS DEÔNTICAS E EPISTÊMICAS LÓGICAS

FS+PI > PI +PI > FS+PI

NAS EPISTÊMICAS OBJETIVAS E SUBJTIVAS

FS+PI > FS +FI > PI+PI

Assim, ainda que haja contextos preferidos para o uso de uma ou outra combinação, mesmo lidando com uma variável de natureza pragmático-discursiva, encontramos um uso variável de combinações ao longo da escala de “certeza”. Isso implica dizer que é possível haver nuances semânticas entre uma e outra combinação, mas quando elas se articulam dentro de todo um arranjo condicional, há preferências de

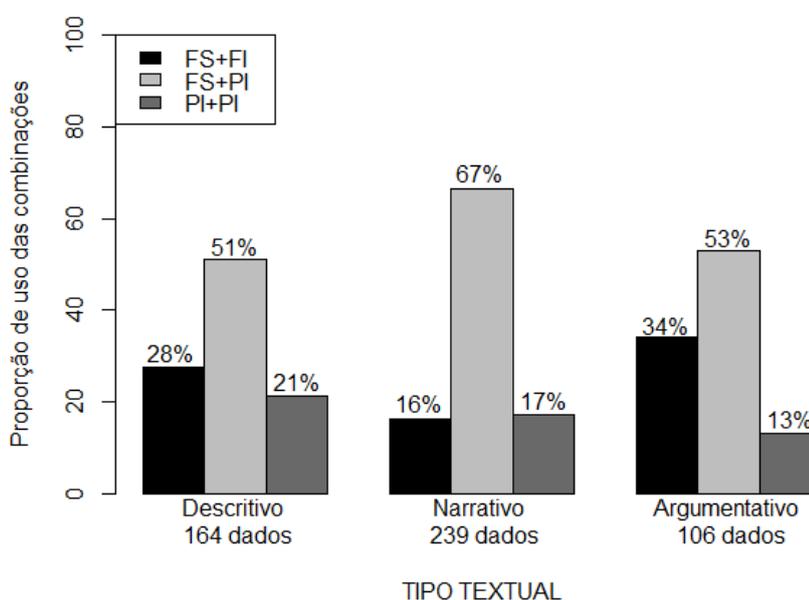
uso de uma pela outra, mas não um uso categórico de alguma dentro dos parâmetros por nós analisados.

(E) Tipo Textual

Antes de interpretarmos as condicionais em relação com a tipologia textual, lembramos que a combinação FS+PI foi aquela que ocorreu mais em todos os textos, em comparação às demais. Nossa hipótese com essa variável era de que as combinações modo-temporais teriam um comportamento diferenciado a depender do tipo de texto.

O gráfico 8 traz os percentuais de uso das combinações em cada tipo de texto.

Gráfico 7 - Distribuição das combinações modo-temporais de acordo com o tipo textual



$$X^2 = 18.3 (4), p = 0,001$$

A combinação FS+FI apareceu em maior escala nos textos argumentativos e PI+PI mais nos descritivos. Poderíamos nos perguntar se textos descritivos seriam mais “genéricos”, ou seja, atemporais e, portanto, privilegiariam mais a combinação PI+PI que os narrativos ou argumentativos. De fato, é o que temos em 5.29: a combinação PI+PI, em contexto atemporal e de origem de um tipo textual descritivo, em que o informante descreve um jogo de cartas:

(5.29) Inf.: *Se **vira** quatro no monte o cinco **fica** mais forte que ás dois e três e qualqué(r) carta que:: está no jogo.*

Já os padrões encontrados foram os seguintes:

Nos textos descritivos:

FS+PI > FS+FI > PI+PI

Nos textos narrativos:

FS+PI > PI+PI = FS+PI

Nos textos argumentativos:

FS+PI > FS+FI > PI+PI

Lembramos que amalgamamos Relato de Procedimento e Descrição. Nesses casos, o uso das condicionais parece ter uma função mais informativa (Cf. 5.30) e prescritiva (cf. 5.31) do que opinativa, como se observa nos exemplos que se seguem, retirados de um relato de procedimento, portanto de cunho descritivo.

(5.30) Inf.: aí cada uma tem treze cartas... e... o três vermelho... *se você tirá(r) o três vermelho ele vale cem pontos...*

(5.31) Inf.: (...) um pouquinho de leite de coco... *se tivé(r) leite condensado também pode pôr...*

Entretanto, dentro dos relatos de procedimento, também encontramos construções que mais pareciam emitir uma opinião, como em (5. 32):

(5.32) Inf.: / dis/ disso... *é que se elas seguirem uma religião né? se elas seguirem Deus... tá muito bom.*

Vemos, neste exemplo, que mesmo dentro de relatos de procedimento, há a possibilidade de observarmos diferentes valores modalizadores. Lembramos, então, do caráter argumentativo que muitas condicionais apresentam:

Qualquer bloco hipotético, por exprimir uma relação entre uma condição que se hipotetiza (como possivelmente/realmente verdadeira/falsa) e um estado de coisas que depende de que a condição seja satisfeita, constitui uma construção que se presta muito eficientemente para apoio de argumentação, não importa seja ela factual, contrafactual ou eventual; essas diferenças, aliás, são postas a serviço do ofício de argumentar. (NEVES, p.539, 1999)

Sintetizando os resultados para o tipo textual, vemos que o contexto em que mais apareceu a combinação FS+FI foi o de texto argumentativo, já FS+PI mais apareceu em

textos narrativos e, quanto à PI+PI, vemos que essa combinação chegou a ocorrer mais em textos descritivos que em outros contextos.

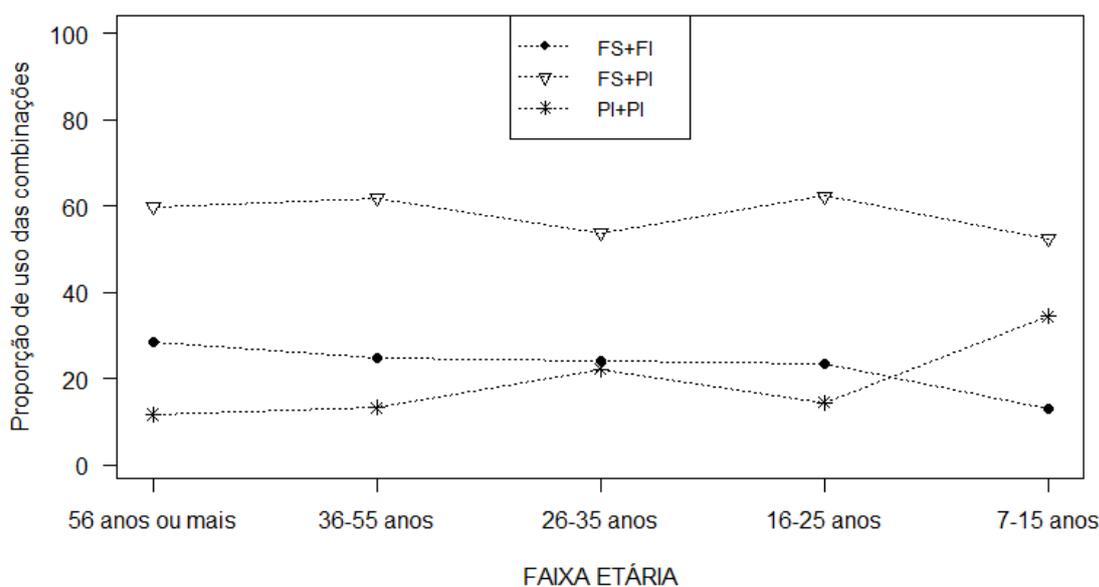
5.3 Análise de fatores de natureza social

Como já mencionamos no início desta seção, vamos avaliar a possível atuação das variáveis idade, sexo e escolaridade dos informantes sobre a escolha das variantes “combinações modo-temporais”.

(A) Idade

Os resultados a que chegamos encontram-se representados no gráfico a seguir:

Gráfico 8 - Distribuição das combinações com base na idade dos informantes



$$\chi^2 = 20.0 (8), p = 0,01$$

Tabela 3 - Distribuição das combinações de acordo com a idade dos informantes

Idade do informante	FS+FI	FS+PI	PI+PI	Total
1ª faixa (7 - 15 anos)	8 – 13%	32 – 52%	21 – 35%	61 dados
2ª faixa (16 - 25 anos)	21 – 23%	56 – 62%	13 – 15%	90 dados
3ª faixa (26 - 35 anos)	26 – 24%	58 – 54%	24 – 22%	108 dados
4ª faixa (36 - 55 anos)	43 – 25%	107 - 62%	23 – 13%	173 dados
5ª faixa (56 anos ou mais)	22 – 28%	46 – 60%	9 – 12%	77 dados

Como se vê, a combinação FS + PI apareceu em maior escala, em comparação com as demais combinações, em todas as faixas etárias. Entretanto, apareceu um pouco menos entre informantes da terceira faixa etária (26 e 35 anos) e foi proporcionalmente mais frequente entre os informantes da segunda faixa etária (16-25 anos). Movimento interessante também encontramos com as outras duas combinações, em se tratando das duas faixas etárias mencionadas, falantes que têm entre 26-35 anos usaram de forma semelhante tanto FS+FI quanto PI+PI, mas os que tinham entre 16 e 25 anos e entre 36-45 anos utilizaram mais FS+FI que PI+PI. Vemos que o FS + FI apareceu pouco entre os falantes de 7 a 15 anos (11%), enquanto as formas de PI+PI apareceram em 31% dos dados produzidos pelos informantes da mesma faixa etária. Quando saltamos para a última faixa, o das pessoas com 56 anos ou mais, vemos o inverso acontecendo: 24% desses informantes utilizaram FS + FI, enquanto apenas 10% optaram pela combinação PI+PI.

TENDÊNCIA VISTA PELO RESULTADO GERAL:

Informantes com idades entre 7 e 15 anos: FS+PI > PI+PI > FS+FI

Informantes com 56 anos ou mais: FS+PI > FS+FI > PI+PI

Por conseguinte, nossa hipótese de que essas combinações estão, de fato, em variação parece se confirmar. Uma interpretação para esses resultados teria a ver com um processo de mudança em curso, em que o presente passa a ser inserido, pouco a pouco na fala de informantes mais jovens, enquanto os mais velhos optam por uma forma com futuro, ainda que perifrástico.

No que se refere à combinação de FS+PI, nossa hipótese é de que essa combinação seria uma forma “menos marcada”, “curinga”, por isso seu uso se dá em alta escala em todas as faixas etárias. Um esquema de nossa hipótese, a qual será testada em nível de doutorado por um estudo diacrônico, pode ser visto a seguir:

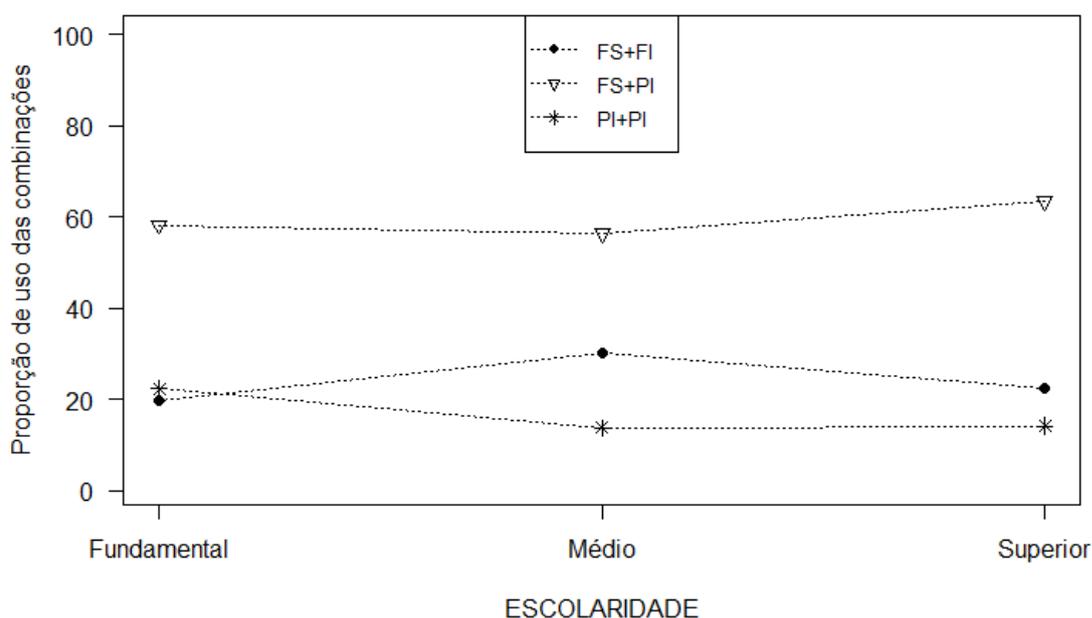
1. [sempre que/ se por acaso] *Se José tiver dinheiro, ele **comprará/irá comprar** uma ilha.*
2. [sempre que/ se por acaso] *Se José tiver dinheiro, ele **vai comprar** uma ilha.*
3. [sempre que/ se por acaso] *Se José **tiver** dinheiro, ele **compra** uma ilha.*
4. [sempre que/ se por acaso] *Se José **tem** dinheiro, ele **compra/vai comprar** uma ilha.*

Não encontramos construções do tipo 1 em nossos dados sincrônicos. Entretanto, como, no doutoramento, pretendemos aplicar a análise da sincronia na diacronia, acreditamos que formas desse tipo podem aparecer. A hipótese é de que, por um período de tempo, ao longo de alguns séculos, a combinação prototípica para imprimir potencialidade à condicional seria formada a partir de subjuntivo na prótase e futuro do indicativo sintético na apódose. Com o passar do tempo, no curso gradual e contínuo de mudança linguística, outras formas surgiram, como as formas de futuro perifrástico e de presente futurizado na apódose (cf. 2 e 3). À medida que a nuance semântica de potencialidade vai se estabilizando com outras formas menos prototípicas nas apódoses, como as de presente (*compra*, cf. 3), a prótase passa a ter variação também. Assim, haveria uma preferência da forma *tem* a *tiver* (cf. 4) nas prótases. Nesse caso, vale lembrar que a preferência por uma forma de indicativo à de subjuntivo tem se mostrado uma tendência entre as línguas românicas (POPLACK *Et al.*, 2013; KRAGH, 2010; LINDSCHOUW, 1995; LOENGAROV, 2006).

(B) Escolaridade

Em se tratando da escolaridade dos informantes, notamos que o padrão de uso se manteve o mesmo em quase todos os níveis de escolaridade $FS+PI > FS+FI > PI+PI$. Tais padrões podem ser conferidos na tabela 4 e visualizados no gráfico 10, a seguir:

Gráfico 9 - Distribuição das combinações de acordo com a escolaridade dos informantes



$$\chi^2 = 9.9 (4), p = 0,041$$

Tabela 4 - Distribuição das combinações de acordo com a Escolaridade dos informantes

Escolaridade dos informantes	FS+FI	FS+PI	PI+PI	Total
Ensino Fundamental	45 – 20%	133 – 58%	51 - 22%	229 dados
Ensino Médio	48 – 30%	90 – 56%	22 -14%	160 dados
Superior	27 – 23%	76 – 63%	17– 14%	120 dados

A combinação FS+PI foi a preferida em todas as escolaridades. FS+FI apareceu mais na fala de falantes com Ensino Médio e Superior e menos nos dados de pessoas do Ensino Fundamental. Em sentido inverso, PI+PI apareceu mais entre informantes com Fundamental e menos entre os falantes com ensino Médio e Superior. Um fato interessante, que fica visível no gráfico, é a diminuição no uso de PI+PI no Ensino Médio e no Ensino Superior e o correspondente aumento de FS+FI também nesses dois contextos, enquanto, no Ensino Fundamental, a diferença entre os usos de FS+FI e PI+PI se dá apenas por dois pontos percentuais.

Poderíamos nos perguntar, então, se a combinação PI+PI é característica de pessoas com menos escolaridade, enquanto FS+FI seria de pessoas com mais escolaridade. Não consideramos que seja esse o caso. Primeiramente, porque o valor de significância da diferença entre o valor esperado e o observado está no limite para ser significativo ($p = 0,04$). Além disso, como vimos por meio da consulta a gramáticas

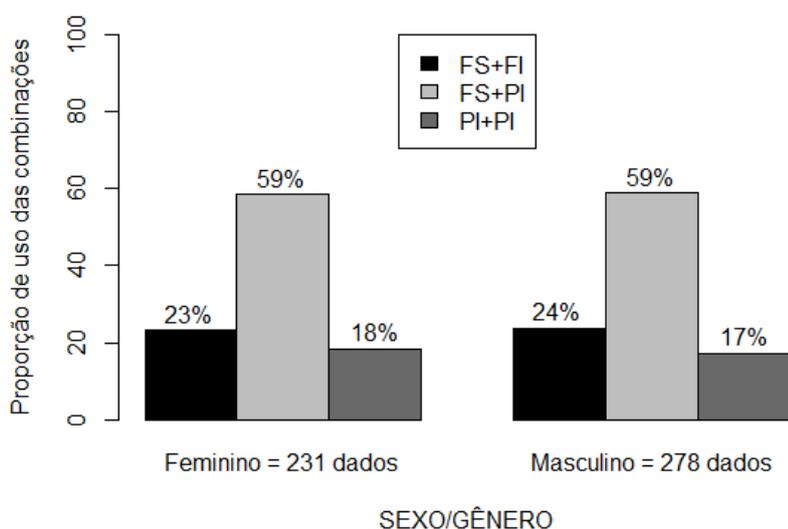
normativas, o intercâmbio de uma combinação por outra é previsto, não sem, claro, alterar o valor semântico da construção. Há ainda o fato de que os mais jovens (entre 7 e 15 anos) terem o Ensino Fundamental apenas, o que pode ter contribuído para o aumento de PI+PI entre os menos escolarizados.

Nossa hipótese é, portanto, de que a escolaridade está entre as variáveis que menos afetaria essa variação. Respaldamo-nos tanto na estatística quanto na interpretação do fenômeno. No primeiro caso, se fôssemos um pouco mais rigorosos em relação ao nível alfa estabelecido para o valor de significância (se, ao invés de 0,05, escolhêssemos 0,04), a diferença não estaria sequer no limite. Vale ressaltar, ainda, que o uso de presente em diferentes contextos, no lugar de outras formas, já é previsto por veículos normatizadores.

(B) Sexo dos informantes

O gráfico 11 traz os resultados obtidos para o efeito da variável *sexo*. Podemos afirmar que não há diferenças significativas nos índices de uso das três combinações por parte de homens e mulheres.

Gráfico 10 - Distribuição das combinações de acordo com o sexo dos informantes



$$X^2 = 0.07 (2), p = 0,96$$

Vemos que nossos resultados não corroboram a conclusão de Gryner (2008), na medida em que não há diferença significativa. O que se percebe, a partir dos resultados, é o efeito nulo da variável sexo/gênero sobre a variação.

5.6 Análises multivariadas

As análises univariadas realizadas já nos dizem muito sobre o comportamento do fenômeno: encontramos um comportamento variável das combinações em todas as categorias linguísticas e sociais. Além disso, encontramos comportamento semelhante de duas variáveis independentes, que se mostraram colineares⁵¹ – temporalidade e definitude do sujeito: contextos mais genéricos privilegiaram a combinação PI+PI, enquanto os “menos genéricos” favoreceram as outras combinações, sobretudo FS+FI.

Comportamento semelhante também encontramos nos padrões de idade e escolaridade. Sendo a combinação FS+PI a preferida em todos os casos, a diferenciação fica entre PI+PI e FS+FI. Vemos que para falantes com ensino superior ou com 56 anos ou mais, a combinação preferida é FS+FI. Já para os alunos do Ensino Fundamental e mais jovens (7-15 anos), prefere-se PI+PI a FS+FI. Contudo, idade e escolaridade não são variáveis ortogonais (GUY; ZILLES, 2007) como definitude do sujeito e temporalidade. Isto é, não são todas as células que têm a possibilidade de se combinarem, de “co-ocorrerem livremente com os níveis de outra variável” (OUSHIRO, 2017, n.p): um informante entre 7 e 15 anos não ocorre na célula Ensino Superior.

Tal fato nos obriga a tomar algumas medidas. Uma delas é a de não incluir Escolaridade e Idade em um mesmo modelo multivariado. Poderíamos apenas deixar de lado os informantes que têm entre 7-15 anos, mas esses produziram 61 dados. Retirá-los poderia enviesar os resultados. Além disso, observamos um comportamento bastante interessante desse grupo etário em relação ao fenômeno investigado.

A apresentação dos resultados e nossas considerações acerca da nossa variável dependente serão feitas com base no cálculo em que não incluímos escolaridade, visto que em 18 modelos criados por nós, a retirada de escolaridade pouco afetou os resultados, como veremos. Antes, porém, é preciso salientarmos que os modelos multivariados fornecem valores para uma das variantes de uma variável binária.

⁵¹ Com comportamento semelhante.

Nossa variável é ternária e não binária, portanto teremos que olhar uma combinação em relação a uma outra. Optamos por não amalgamar duas combinações para observar a diferença dessas em relação a outra, visto que isso também poderia mascarar alguns resultados.

Como a combinação FS+PI apareceu em maior quantidade em todos os contextos, optamos por olhar a probabilidade de PI+PI e FS+FI ocorrer em relação a ela. Como nossa hipótese é a de que PI+PI é uma combinação “inovadora” no interior das potenciais⁵², quando compararmos PI+PI e FS+FI, serão os valores de PI que reportaremos. Ficamos, assim, com três conjuntos de “combinação” para levarmos para as análises multivariadas, quais sejam:

- (i) PI+PI vs FS+FI
- (ii) PI+PI vs FS+PI
- (iii) FS+FI vs FS+PI

Desse modo, nosso valor de referência é a combinação PI+PI em relação a FS+PI, PI+PI em relação a FS+FI e FS+FI em relação a FS+PI.

Como mencionamos, montamos 18 modelos (cf. apêndice), 6 para cada conjunto (i, ii e iii): três deles foram feitos com nossas variáveis independentes fixas (VI fixas), ou seja, todas as variáveis independentes que reportamos até o momento, as quais podem ser replicadas para outros estudos. Os outros três modelos incluem uma variável aleatória, ou seja, aquela que não poderia ser replicada para outros estudos, como é o caso dos informantes e do item lexical, pois um informante é uma categoria que muda de pesquisa para pesquisa, bem como a identidade lexical. Tanto no modelo de efeitos mistos quanto no de efeitos fixos, criamos submodelos: um modelo com todos os grupos, um sem idade e um sem escolaridade.

Como já avaliamos a identidade lexical dos verbos previamente, descartando contextos categóricos, incluiremos apenas a variável informante naquilo que se denomina modelo de efeitos mistos, em que se observa a atuação das variáveis independentes fixas, bem como da aleatória, a fim de que seja possível fazer generalizações e observar se algum informante produziu uma quantidade de determinada combinação que acabou por enviesar os resultados.

⁵² A noção de inovadora ou conservadora para determinadas variantes de nossa variável só poderão ser comprovadas, de fato, diacronicamente. O que se tem, aqui, é uma hipótese que está guiando nosso percurso metodológico.

No apêndice desta dissertação, traremos uma tabela com os grupos e os fatores selecionados como estatisticamente mais significativos em cada conjunto e em cada modelo, para justificarmos a escolha por detalharmos e nos basearmos na análise do modelo de efeitos mistos, sem inclusão de escolaridade.

O que percebemos é que mesmo os modelos de efeitos fixos e mistos nem sempre apresentam diferença a depender da combinação, de modo que as mesmas variáveis selecionadas se mantêm em alguns casos. Contudo, optamos por basear nossas análises no modelo de efeito mistos para prevenir qualquer possibilidade de algum informante estar enviesando os dados.

O teste de regressão logística, como já afirmamos, fornece um panorama de como as variáveis agem sobre o fenômeno. Assim, podemos fazer generalizações acerca do comportamento de alguma combinação. Ficaremos, pois, com a análise a partir do modelo de efeitos mistos sem escolaridade.

(i) PI+PI vs FS+FI

Como se trata de um modelo ainda pouco utilizado na sociolinguística brasileira, faremos algumas observações quanto à leitura das tabelas que se seguem, as quais foram feitas com base em Oushiro (2017).

A tabela 5, a seguir, apresenta, em sua primeira coluna, fatores das nossas VI fixas. Vemos que falta um fator em cada variável. Isso ocorre porque foram tomados como níveis de referência (*Intercept*), algo geralmente feito pelo R por meio do critério alfabético. Assim, no que se refere-se à faixa etária, 7 a 15 anos vem primeiro que 15 a 25 (“7” antes de “15”), Argumentativo vem antes de Narrativo e Descritivo (“a” vem antes de “n” e “d”, deontico vem antes de epistêmico (“d” vem antes de “e”) e assim por diante (cf. rodapé da tabela, que contém todos os níveis de referência).

Tabela 5 – Resultados de análises de regressão logística em modelos de efeitos mistos para a realização das combinações PI+PI vs FS+FI (estimativas em logodds para PI+PI)

	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	P
(Intercept)	-	-	-	-
<i>Faixa Etária</i>				
16 a 25 anos	-1,214	0,997	-1,217	0,223
26 a 35 anos	-1,516	0,915	-1,656	0,097
36 a 55 anos	-2,627	0,963	-2,726	0,006 **
56 anos ou mais	-2,698	1,086	-2,485	0,012 *
<i>Tipo textual</i>				
Narrativo	-0,839	0,603	-1,391	0,164
Descritivo	-0,718	0,643	-1,117	0,264
<i>Modalidade</i>				
Epistêmica Lógica	1,489	1,288	1,155	0,247
Epistêmica Objetiva	-0,695	1,004	-0,692	0,488
Epistêmica Subjetiva	-1,286	1,121	-1,147	0,251
<i>Definitude do sujeito</i>				
[Definido] [Genérico]	0,535	1,071	0,500	0,617
[Genérico] [Genérico]	2,959	0,560	3,006	0,002 **
[Genérico] [Definido]	2,959	0,925	3,197	0,001 **
<i>Temporalidade</i>				
Temporal	-1,156	0,512	-2,257	0,023 *
<i>Sexo/Gênero</i>				
Masculino	-0,302	0,518	-0,584	0,559

Modelo: glmer(VD+VI+(1|INFORMANTE), data = VI exceto Escolaridade)

Intercept: 7-15 anos; argumentativo; deôntica; [Definido][Definido]; atemporal; feminino.

A estimativa, na segunda coluna, refere-se à *diferença* entre o nível de referência e o respectivo fator. Por exemplo, a estimativa de um informante entre 16 e 25 anos usar PI+PI é 1,214 menor (visto pelo valor negativo na tabela – 1,214) da estimativa de um informante entre 7-15 anos utilizá-la. Um falante do sexo masculino possui também uma estimativa menor (-0,302) de utilizar PI+PI que um falante do sexo feminino. Uma condicional epistêmica lógica possui uma estimativa maior de ter PI+PI em 1,489 que uma deôntica. Assim, a estimativa maior em relação ao fator de referência é vista pelo valor positivo e a menor pelo negativo.

A estimativa em relação ao *intercept* (ou seja, ao valor de referência), nos ajuda a ver o quanto os valores estimados diferem de zero, pois quanto mais distante de zero, mais o fator se difere do *intercept*, de modo que, quanto mais próximo de zero, mais idêntico ao *intercept* é e, portanto, não haverá diferença significativa entre as variantes da variável.

A terceira coluna apresenta aquilo se denomina erro padrão, de modo que, quanto maior é o valor do erro padrão, maior será a variabilidade nas medições. Já o valor z, na quarta coluna, é calculado pela razão Estimativa/Erro Padrão. O resultado dessa conta é utilizado para que se calcule o valor de significância daquele fator, indicado por *p*, na

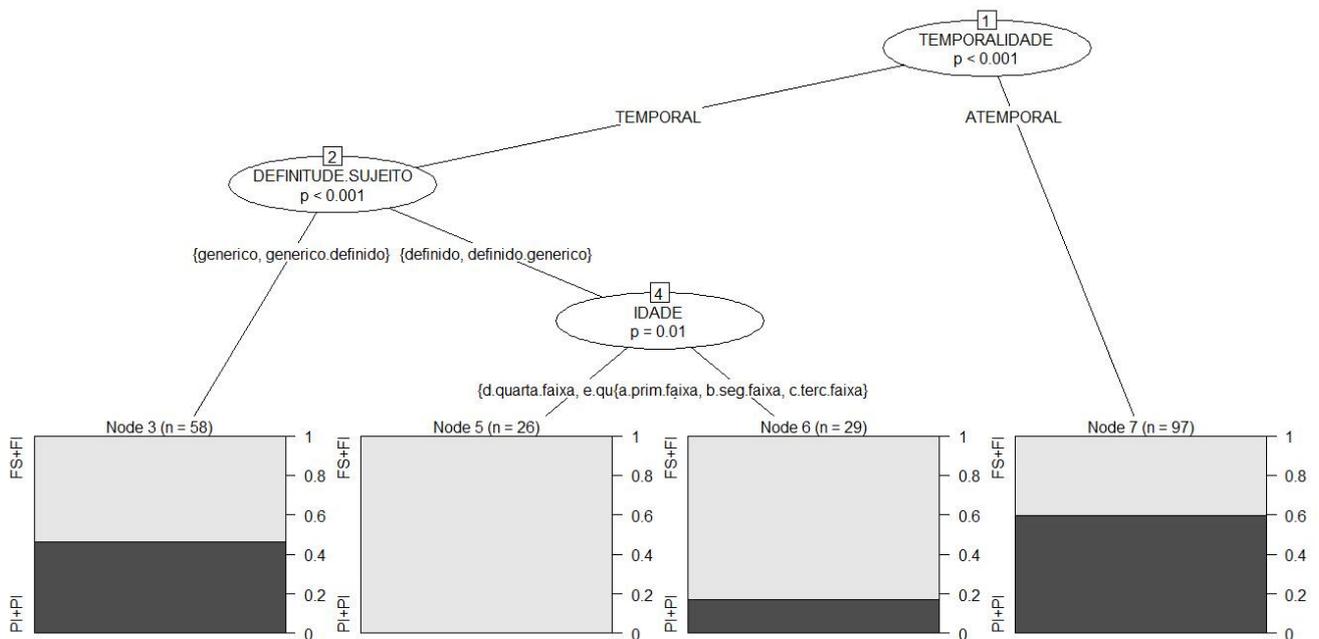
quinta coluna. Por convenção, estabelece-se um limite de até 5% ($p < 0,05$) para que um resultado seja considerado significativo, de modo que os asteriscos nos ajudam a imediatamente visualizar se a diferença entre a estimativa do fator e o fator de referência é, de fato, significativa: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$ e *** $p < 0,001$). Assim, quanto mais asteriscos, mais significativa uma diferença é.

Verificamos correlação significativa entre a combinação PI+PI em relação a FS+FI com idade dos informantes, definitude do sujeito e temporalidade. Informantes da 4ª e 5ª faixa etária (36-55 ou de 56 anos ou mais) tendem a empregar menos a combinação PI+PI que informantes da 1ª faixa (7-15 anos). Quanto à definitude do sujeito, condicionais com sujeitos mais genéricos tendem a favorecer mais a combinação PI+PI que condicionais com sujeito mais definido. Já as condicionais temporais tendem a possuir menos a combinação PI+PI que as atemporais (estimativa = -1,156).

O que se vê, portanto, é que nossos resultados das análises multivariadas confirmam o que já tínhamos visto nas análises univariadas.

A partir de um teste não-paramétrico incluindo as três variáveis que se mostraram estatisticamente mais significativas para o emprego de PI+PI em relação à FS+FI, podemos observar uma colinearidade entre os fatores, como se vê no gráfico a seguir:

Gráfico 12 – Diagrama arbóreo de inferência condicional – temporalidade, definitude do sujeito e faixa etária



Modelo: ctree (VD+VI). VI = Faixa Etária; Temporalidade e Definitude do sujeito.

Hierarquicamente, vemos que a temporalidade é a primeira a ser selecionada. As atemporais parecem ter um comportamento “independente” dos demais grupos, diferente das temporais. Nas atemporais, a forma preferida é a de PI+PI. Já nas temporais, há uma subdivisão: quando o sujeito é genérico ou genérico+definido, há variação entre o uso de PI+PI, e FS+FI, embora essa segunda combinação seja mais frequente. Quando o sujeito da prótase é definido, há outra ramificação: falantes da quarta e quinta faixa usam apenas a combinação FS+FI e os das demais faixas utilizam FS+FI e, também, PI+PI, ainda que essa última combinação ocorra com uma frequência baixa.

(ii) PI + PI vs FS+PI

Tabela 6 – Resultados de análises de regressão logística em modelos de efeitos mistos para a realização das combinações PI+PI vs FS+PI (estimativas em logodds para PI+PI)

	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	p
<i>(Intercept)</i>	-	-	-	-
<i>Faixa Etária</i>				
16 a 25 anos	-1,263	0,556	-2,269	0,023 *
26 a 35 anos	-0,808	0,506	-1,598	0,110
36 a 55 anos	-1,489	0,503	-2,956	0,003**
56 anos ou mais	-1,458	0,599	-2,431	0,015 *
<i>Tipo textual</i>				
Narrativo	-0,829	0,367	-2,256	0,024 *
Descritivo	-0,402	0,432	-0,930	0,352
<i>Modalidade</i>				
Epistêmica Lógica	0,006	0,654	0,010	0,992
Epistêmica Objetiva	0,234	0,552	0,424	0,671
Epistêmica Subjetiva	0,078	0,634	0,124	0,901
<i>Definitude do sujeito</i>				
[Definido] [Genérico]	0,612	0,808	0,758	0,448
[Genérico] [Genérico]	0,781	0,351	2,223	0,026 *
[Genérico] [Definido]	0,824	0,499	1,649	0,096
<i>Temporalidade</i>				
Temporal	-0,474	0,333	-1,425	0,154
<i>Sexo/Gênero</i>				
Masculino	-0,116	0,324	0,324	0,719

Modelo: glmer(VD+VI+(1|INFORMANTE), data = VI exceto Escolaridade)

Intercept: 7-15 anos; argumentativo; deôntica; [Definido][Definido]; atemporal; feminino.

No que se refere à PI+PI em relação à combinação que mais apareceu nos dados – FS+PI, vemos que o fato de o sujeito da condicional ser genérico favoreceu o maior uso da combinação PI+PI (estimativas de uso de 0,781 [genérico+genérico] e 0,824 [genérico+definido], indicados em verde na tabela). Também o tipo textual foi agora

selecionado: textos narrativos desfavorecem a combinação PI+PI, enquanto os argumentativos favorecem.

Além disso, falantes de todas as faixas etárias desfavoreceram o uso de PI+PI com relação aos informantes da primeira, sendo não significativa apenas a diferença entre informantes da faixa de 26 a 35 anos .

(iii) FS+FI vs FS+PI

Tabela 7 – Resultados de análises de regressão logística em modelos de efeitos mistos para a realização das combinações FS+FI vs FS+PI (*estimativas em logodds para FS+FI*)

	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	p
(Intercept)	-	-	-	-
<i>Faixa Etária</i>				
16 a 25 anos	-0,056	0,533	-0,106	0,915
26 a 35 anos	0,459	0,510	0,898	0,368
36 a 55 anos	0,384	0,486	0,790	0,429
56 anos ou mais	0,542	0,532	1,019	0,308
<i>Tipo textual</i>				
Narrativo	-0,097	0,327	-0,296	0,767
Descritivo	0,449	0,333	1,346	0,178
<i>Modalidade</i>				
Epistêmica Lógica	-0,738	0,743	-0,994	0,320
Epistêmica Objetiva	0,756	0,586	1,291	0,196
Epistêmica Subjetiva	1,100	0,614	1,792	0,073
<i>Definitude do sujeito</i>				
[Definido] [Genérico]	0,590	0,604	0,976	0,328
[Genérico] [Genérico]	0,113	0,292	0,388	0,697
[Genérico] [Definido]	-1,221	0,593	-2,059	0,039 *
<i>Temporalidade</i>				
Temporal	0,744	0,294	2,526	0,011 *
<i>Sexo/Gênero</i>				
Masculino	0,192	0,249	0,773	0,439

Modelo: glmer(VD+VI+(1|INFORMANTE), data = VI exceto Escolaridade)

Intercept: 7-15 anos; argumentativo; deôntica; [Definido][Definido]; atemporal; feminino.

Em relação à FS+FI, quando comparado à FS+PI, observamos que os únicos fatores que se mostraram relevantes foram temporalidade e a definitude do sujeito. No primeiro caso, as condicionais temporais favorecem o emprego de FS+FI mais que as atemporais; quanto à definitude do sujeito, a estimativa para utilizar FS+FI é menor em contextos de sujeito [genérico][definido] que quando comparado às combinações com sujeito definido na prótase e na apódose.

5.7 Síntese dos resultados

Vemos, ao longo da interpretação dos resultados, que há, de fato, uma correlação entre atemporalidade, genericidade e PI+PI, bem como entre temporalidade, definitude e FS+FI. No que se refere à combinação FS+PI, observamos que ela ocorre em todos os contextos de modo semelhante, na medida em que ora se assemelha mais ao comportamento de FS+FI, ora ao de PI+PI.

Pelos nossos resultados, vemos que a motivação para o uso das combinações não se deu devido à noção de certeza do presente e incerteza do futuro, como vimos em grande parte da literatura, mas à ligação que traços de “atemporalidade” e “genericidade” tem com formas de presente e de “temporalidade” e “definitude” que se referem ao futuro.

As condicionais atemporais transmitem uma ideia de habitualidade, o que se associa à maior certeza quanto à sua consecução (sempre que x , y). Contudo, as condicionais não deixam de ser uma construção hipotética em potencial, porque a consecução do estado de coisas na apódose depende da realização do estado de coisas da prótase, embora possamos recuperar a ideia de que a chance de a prótase se concretizar no interior das generalizadas é maior e, assim, de todo o arranjo condicional se efetivar. Além disso, vemos que, mesmo com essa diferenciação entre potenciais temporais e atemporais, há variação de uso das combinações.

Quanto à asserção do falante, vimos que essa variável independente não está entre aquelas selecionadas como mais relevantes, mas mostra um comportamento das deônticas e epistêmicas lógicas que as afasta das epistêmicas objetivas e subjetivas. A maior assertividade se dá nessas primeiras e a forma preferida foi a de PI+PI. Já as epistêmicas objetivas e subjetivas parecem ser menos assertivas e trouxeram mais FS+FI. Por outro lado, a própria noção de assertividade do falante é problemática. Como poderemos saber o grau de certeza impresso por cada falante, em cada ocorrência? Possivelmente nem ele saberia dizer a *posteriori*.

O que, de fato, tentamos mostrar, é que há de se levar em conta, se quisermos depreender o sentido da condicional, toda a proposição (prótase-apódose) e não apenas as suas partes. Além disso, a temporalidade e grau de definitude do sujeito são critérios factualmente objetivos e que se correlacionam com as formas que - a essa altura já podemos afirmar - estão em variação, não em alternância.

A pergunta a que chegamos é: (i) O papel da expressão de assertividade em correlação com a escolha das combinações modo-temporais tem se reduzido e o traço de

temporalidade e atemporalidade tem assumido um papel mais importante no processo de escolha agora, ou (ii) se sempre foi assim? Esse questionamento é pertinente porque a literatura traz a noção de “certeza” ou de “maior asserção” associada à PI e mais “incerteza” ou “menos asserção” à FS como atributos desses tempos verbais. No entanto, os resultados a que chegamos referem-se mais à noção de aspectualidade ou mesmo de imprecisão temporal.

No que se refere às variáveis sociais, destacamos o maior efeito que a idade possui sobre o fenômeno. Vimos que falantes mais jovens privilegiaram o uso da combinação com indicativo na prótase e na apódose (PI+PI), enquanto os mais velhos utilizaram em maior escala a combinação com FS+FI, com subjuntivo na prótase e futuro do indicativo na apódose.

Tanto a idade dos informantes quanto as hipóteses criadas a partir das variáveis de natureza linguística parecem mostrar uma tendência de mudança, em que formas de indicativo e de presente passam a ser mais utilizadas que as demais. Contudo, somente um estudo diacrônico poderá comprovar (ou não) nossas hipóteses.

6 CONCLUSÃO

Alternância verbal em construções condicionais: um fenômeno variável.

Nosso objetivo principal, desde o começo deste trabalho, foi buscar subsídios para respondermos à questão que dá título a esta dissertação – *Alternância verbal em construções condicionais: um fenômeno variável?* Para tal, tivemos que driblar alguns problemas que se encontram em análises de níveis linguísticos além do fonológico. O primeiro deles foi a restrição contextual, pois encontramos 27 combinações modo-temporais, mas algumas delas apareceram uma única vez ao longo do *corpus*. Para solucionar este problema, deixamos de lado da análise variacionista combinações com frequência inferior a 30 dados, de modo que trabalhamos com as combinações modo-temporais de fato empregadas pelos falantes (HYMES, 1972) nas condicionais potenciais, quais sejam: **FS+PI**, **FS+FI** e **PI+PI**.

O segundo impasse refere-se ao valor social das variantes. Como vimos, por meio de uma busca em diferentes gramáticas, o intercâmbio de uma forma verbal por outra é chancelado pela norma nos contextos por nós estudados, não sem que se altere o sentido da construção. Assim, podemos dizer que se trata de um fenômeno menos salientes que outros fenômenos variáveis do próprio PB (como a concordância, pronúncias de R etc.). Contudo, apenas um teste de percepção poderia nos trazer respostas concretas acerca dessa (não) marcação, pois há, ainda, muito a descobrir quando nos referimos aos modos como os falantes interpretam e avaliam fenômenos da língua. O problema da avaliação social não é, como vimos, encontrado apenas em análises em níveis mais altos: a ditongação, por exemplo, como vimos, é um fenômeno menos saliente que a concordância verbal/nominal.

O terceiro problema, talvez o mais difícil de contornarmos e o que está na base da dissertação, refere-se à equivalência semântica entre as combinações modo-temporais. Partimos, *a priori*, de um grande envelope de variação e fomos lapidando-o à medida que a análise prosseguia. Trabalhamos com a noção de pressuposto (STALNAKER, 1978; 2002) e, a partir de paráfrases, separamos as condicionais em três grandes grupos (reais, irrealis e potenciais) para, posteriormente, fazermos nossas análises nas consideradas potenciais.

Além disso, todas as variáveis independentes de natureza linguística que utilizamos para explicar o fenômeno envolvem questões ligadas ao significado:

temporalidade, modalidade e definitude do sujeito, de modo que, embora tenhamos encontrado uma preferência pelo uso de determinada combinação em detrimento da outra, motivada pelas três variáveis mencionadas, há um uso variável das três combinações em todos os contextos e não categórico. Sendo assim, pelo percurso traçado ao longo da pesquisa, podemos dizer que as combinações FS+PI, FS+FI e PI+PI **estão em variação** no interior das condicionais.

Um bom exemplo dessa variação pode ser visto nos *super tokens* (super dados, cf. 6.1, 6.2 e 6.3). Como sabemos, eles nos são importantes porque trazem formas alternantes dentro de um mesmo enunciado, produzidos em um mesmo contexto enunciativo e pela mesma pessoa. Ou seja, a alteração dentro de um mesmo enunciado parece ser um bom exemplo de que o uso de uma combinação por outra seja um fenômeno variável. Tais funções dos *super tokens* estão contidas nas diretrizes propostas por Tagliamonte (2012):

Polvilhe largamente seu texto com exemplos que aparentemente ilustram a variável linguística. Os melhores exemplos são super dados (*super tokens*) (...), nomeadamente formas variantes do mesmo falante, em um mesmo trecho do discurso e, se possível, com os mesmos itens léxicos ou em construções paralelas (...); Caso contrário, encontre um contexto semelhante. Mostre pelo menos duas variantes. Mostre um contexto suficiente para estabelecer funções comuns entre as variantes. Isso é especialmente importante pelas características pragmático-discursivas do trecho, em que a variante funcional prevalece (p. 11, tradução nossa).⁵³

Lembramos que, como visto ao longo deste trabalho, o discurso que subjaz ao uso dos modos indicativo e subjuntivo na prótase refere-se, geralmente, ao fato de o primeiro imprimir mais a noção de realidade e o segundo de irrealidade. O *super token* a seguir pode nos trazer algumas respostas para a aparente doutrina de simetria forma-função⁵⁴ (POPLACK, 2017; POPLACK, DION, 2009)

⁵³ Do original: *Liberally sprinkle your paper with examples that cogently illustrate the linguistic variable. The best examples are super tokens (...), namely variant forms from the same speaker in the same stretch of discourse, and if possible with the same lexical items or in parallel constructions (...); If not, find a context that is parallel. Show at least two variants. Show enough context to establish common function across variants. This [is] especially important with discourse-pragmatic features, where variant functional prevail.* (TAGLIMONTE, 2012, p.11)

⁵⁴ Poplack e Dion (2009) referem-se a esse discurso de que cada forma possui uma função em níveis mais altos como uma “doutrina de simetria forma-função” (*doctrine of form-function symmetry*), doutrina essa que necessita ser ultrapassada.

[se pegar/ se pega]

(6.1) Inf.: assim pega a bola normal e taca *se a pessoa **pegá(r)** ((ruído)) **agarrá(r)** e **segurá(r)** sem caí(r) no chão... ela num **tá queimada**... se ela:: **pega** a bola **es-CApa** e a o(u)tra **pega**... e assim **salva** a bola **pega** não **deixa pingá(r)** no chão... **NUM TÁ queimada** do mesmo jeito...*

Segundo a mensagem do enunciado, em nenhuma das situações hipotéticas a pessoa estaria “queimada”. Isso é, a mudança de uma forma verbal por outra parece não afetar o grau de certeza epistêmica do enunciado. Os exemplos a seguir são bons *super tokens* também para demonstrar o uso variável de presente e de futuro perifrástico na apódose. No exemplo de número 6.2, temos uma espécie de correção por parte do falante, enquanto no exemplo 6.3, há o uso variável das duas formas ao longo do enunciado.

(gasta/ vai gastar)

(6.2) que o podê(r) era treze e você conseguiu soltá(r) o seu poder... aí tem a fadiga *se você **soltá(r)** seu poder **cê gasta/ cê vai gastá(r)** a fadiga... cada poder tem um tanto de gasto com a fadiga... e tem o::... cada **peRÍcia**... tem a perícia que é::... que é:: mental... e o(u)tra que é física... perícia mental é aquela.*

(Vai durar/ dura)

(6.3) é porque que nem eu **FAl**o... todo relacionamento tem altos e ba(i)xo... *se você **soubé(r)** **adminisTRÁ(r)**... teu casamento **vai durá(r)** muito **TEMpo**... agora... se você **num soubé(r)**... **infelizmente**...ele não **durA**... né? Não.*

Assim, no mesmo contexto, pelo mesmo falante, falando sobre o mesmo assunto, vemos que há variação.

Embora parte da literatura linguística advogue em favor de uma maior ou menor asserção por parte do falante ao empregar uma forma ou outra, ou menor ou maior certeza também no mesmo caso, consideramos que essas combinações são variáveis. Envolvem questões semânticas, pragmáticas e discursivas e são motivadas por elas, mas variam entre si.

Por conseguinte, a contribuição maior deste trabalho parece ser a nossa tentativa de contornar os problemas encontrados, desvencilhando-nos de ideias apregoadas sobre a aparente incapacidade que a Teoria da Variação em Mudança em análises de níveis linguísticos mais altos parece ter. Em trabalho sobre alternância verbal dentro do complexo condicional, por exemplo, Matos e Santos (2010) encontraram como formas de expressão de futuro, em 267 ocorrências do NURC-RJ , 28 ocorrências de futuro do

presente – ou 11%; 225 de perífrase de futuro – ou 84%; e 14 ocorrências de presente-futuro – ou 5%. Todavia, fazem a seguinte afirmação:

Apesar de a Teoria da Variação ter alcançado grandes feitos para a Linguística e para o estudo do fenômeno da variação, na medida em que o considera como uma característica essencial à própria natureza da linguagem humana, a mesma teoria não consegue dar conta da variação em níveis mais altos. (MATOS; SANTOS, 2010, p.13)

Viu-se, portanto, um ensejo de nossa parte em entender a variação ainda não explicada por trabalhos linguísticos. Acreditamos que a Teoria da Variação e Mudança Linguística, aliada a modelos teóricos de descrição/explicação da estrutura sintática e semântica da sentença (SILVA-CORVALÁN, 2001; POPLACK, 2017) dê conta, sim, da análise nesses níveis.

A operacionalização de nossas análises mostrou que as variáveis que mais atuam sobre a variação de combinações modo-temporais foram *temporalidade* e *definitude do sujeito*: traços de definitude do sujeito e do tempo (temporal/eventual) privilegiaram o uso da combinação FS+FI; traços de indefinitude do sujeito e do tempo (atemporal/generalizada) privilegiaram a combinação PI+PI. Já FS+PI apareceu amiúde em todos os contextos e de forma equilibrada, ou seja, as diferenças percentuais de seu uso nas categorias por nós estabelecidas não foram muito significativas.

Contudo, quando comparamos FS+PI a FS+FI em um modelo multivariado, vemos que o que mais distancia a primeira combinação da segunda são os traços de maior temporalidade e indefinitude do sujeito que à FS+PI mais se associam. Quando comparamos essa mesma combinação à PI+PI, o traço de genérico recai mais sobre essa e menos sobre aquela. Ademais, o tipo textual também acabou se mostrando relevante na comparação entre essas duas combinações, de modo que textos argumentativos favoreceram FS+PI e os descritivos PI+PI.

Além disso, a idade dos informantes se mostrou relevante em relação à escolha das combinações. Destacamos a tendência que pessoas mais jovens mostraram ter, utilizando PI+PI mais do que FS+FI, bem como os mais velhos, que, inversamente, utilizaram mais FS+FI que PI+PI. Enquanto isso, FS+PI aparece em maior proporção em todos os contextos e parece funcionar como uma forma “curinga”, sendo uma forma que se situa em um ponto intermediário entre FS+FI e PI+PI. Tal resultado nos permite criar a hipótese de uma aparente mudança, em curso, em que formas de presente do indicativo

passam a ser mais utilizadas que as demais, seja na prótase ou na apódose de condicionais potenciais. Isso somente poderá se confirmar (ou não) por meio de um estudo diacrônico. E nós o faremos.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Editora Mestre Jou, 1970.
- ABRAHÃO, V.B.B. *O presente e o uso do presente*. Percursos Linguísticos. Vitória nº 1 p. 87 – 96. 2007.
- ABREU, A. S. *Gramática Mínima para o Domínio da Língua Padrão*. Cotia: Ateliê editorial, 2003.
- AKATSUKA, N. Conditionals are Discourse-Bound. In: TRAUGOTT, E. C.; MEULEN, A. ter; REILLY, J. S.; FERGUSON, C. A. (eds.) *On Conditionals*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1986. p. 333-352.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BARBOSA, T.A.M. *A variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por “se” na fala uberlandense*. Dissertação de mestrado. Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. 2005, 113p.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERLINCK, R. de A. *Prescription and Use in the History of the Brazilian Portuguese Subjunctive* - Relatório de Atividades de Estágio Pós-Doutoral (FAPESP/ Proc. nº 2014/02414-0). 2015.
- BEZERRA, W.S.; MEIRELES, F.A.R. Um estudo sobre construções condicionais no português do Brasil. In.: MIRANDA, N.S.M.; SALOMÃO, M.M.M. *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- _____. *As construções temporais-condicionais no português do Brasil: uma análise sociocognitiva*. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística) – ICHL. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2011.
- BITTENCOURT, D.L.R. *A construção condicional hipotética e a modalidade: uma inter-relação lógica*. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 44, junho de 2012. p. 75-96.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt. 1933.
- BORGES, P.R. *Estrutura morfofonológica das formas futuras nas cantigas de Santa Maria*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística em Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/ FCLAr-UNESP. 2008, 324p.
- BRANDÃO, S. M. *Variação em formas verbais: um estudo sociolinguístico da alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo no português paulista*. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Letras) - Universidade Estadual

Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/138994>>.

BRONCKART, J.P. *Atividade de linguagem, textos e discursos – por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: Educ, 2012.

BYBEE, J. *Morphology A Study of the relation between meaning and form*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1985.

BYBEE, J. & FLEISCHMAN, S. *Modality in grammar and discourse*. 1995.

BORTONI-RICARDO, E. M. *Manual de Sociolinguística*. Editora Contexto: 2014.

CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica - Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

CALLOU, D; LEITE, Y. A ditongação no português do Brasil: estudo de dois casos. In: *Vivacité et diversité de la variation linguistique*. Travaux de la section "Dialectologie, géolinguistique, sociolinguistique". Tübingen: Niemeyer. Actes du XXIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes [Bruxelles, 1998], III. 2000.

CALLOU, D; MORAES, J. A; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, I; VILAÇA, G. (org). *Gramática do português falado*. vol. VI: desenvolvimentos. 2. Ed. Campina: Editora da Unicamp, 2002. p. 463-489.

CÂMARA JR., J. M. *Uma forma verbal portuguesa: estudo estilístico gramatical*. Rio de Janeiro, 1956.

CAMACHO, R.G. *Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística*. DELTA vol.26 no.1 São Paulo, 2010.

CAMPBELL-KIBLER, K. *Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ING)*. Tese de doutorado. Stanford University, 2006.

CASTILHO, A. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. São Paulo: Marília, 1968.

CEZARIO M.M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTA, M.E. (org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008 (p.141-157).

COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: Pretério (MAIS-QUE) perfeito*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.1997, 183 p.

COMRIE, B. Conditionals: a typology. In: TRAUGOTT, E.C. *Et al.* (eds) *On Conditionals*. Cambridge. Cambridge University Press, 1986. p.77-99

CORÔA, M.L.S. *O tempo nos verbos no português*. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

- COSCARELI, B. C. *Introdução à Lógica modal*. São Paulo: Biblioteca24horas, 2012.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory*, 2nd ed., Polity (imprint of Blackwell Publishers). Language in Society series, [1995] 2003.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DANCYNGIER, B. *Conditionals and Prediction: Time, Knowledge, and Causation in Conditional Constructions*. Cambridge University Press, 2004.
- DIK, C. S. *The Theory of Funcional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI – USA, Foris Publications, 1989.
- DUARTE, M.G. Termos da oração. In.: VIEIRA, S.R.; BRANDAO, S.M.F(orgs.). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.
- FAUCONNIER, G. *Espaces mentaux: aspects de la construction du sens dans les langues naturelles*. Paris: Les éditions de Minuit. 1984/1985.
- FIORIN, J.L. Tempo e Temporalização. In. CAGLIARI, L.C. (org.) *O tempo e a Linguagem*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2008. p.07-40.
- FREITAG, R.M.K. *A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança*. Tese de doutorado em Língua Portuguesa. Universidade Federal de Santa Catarina. 2007, 238 p.
- _____. *Problemas teórico-metodológicos para o Estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos*. Matruga, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009.
- _____. (Re)discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. p. 17-74 . In: FREITAG, R.M.K.; SEVERO, C. G. (Org). *Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015.
- GADET, F. Variation et hétérogénéité. In.: GADET, F. (org.) *Hétérogénéité et variation. Langages*. Nouvelle édition revue et augmentée. Paris : Ophrys, 1992. 186 p.
- GIBBON, A.O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. 2000, 126 p.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- GODOY, M.A.M. *A indeterminação do sujeito no Interior paranaense: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística. Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. 1999.

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.

GÖRSKI, E.M. *Et al.* Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (org.) *Variação e mudança no português falado da região sul*. PLOTAS: Educat, 2002. (p. 217-268)

GRICE, P. H. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (org). *Fundamentos Metodológicos da Linguística: Pragmática - Problemas, críticas, Perspectivas da Linguística*. Campinas: UNICAMP, 1982.

GRYNER, H. *Graus de vinculação das orações condicionais*. Caderno de estudos Linguísticos. Campinas. 1995.

_____. *Consecutio temporum: tendências em conflito no complexo condicional*, Revista Diacrítica, 2008.

_____. De volta às origens do futuro: condicionais possíveis e a perífrase ir + infinitivo. *Estudos Linguísticos*. São Paulo: Gel, 1997.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa – instrumento de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HAIMAN, J. *Conditionals are Topics*. Language v. 54, 1978. p. 564-589.

HASTY, J. D. We might should be thinking this way: Theory and practice in the study of syntactic variation. In.: ZANUTTINI, R. & HORN, L. *Micro-Syntactic Variation in North American English*. Published to Oxford Scholarship Online: August 2014.

HEINE, B. *Auxiliaries. Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press. 1993.

HIRATA-VALE, F.B.M. *A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Linguística e Língua Portuguesa. FCL/Ar-Unesp, 1999.

_____. *Articulação de orações no português escrito no Brasil: as orações condicionais*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.5, n.9, p. 126-142, 2001.

_____. *A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático*. Tese de Doutorado. Linguística e Língua Portuguesa. FCL/Ar-Unesp, 2005.

HYMES, D. On Communicative competence. In PRIDE, J. B. e HOLMES, J. (ed.) *Sociolinguistics: selected readings*. Harmondsworth: Penguin, p.269-293, 1972.

ILARI, R.. BASSO, R. M. O verbo . In: ILARI, R.; NEVES, M.H.M. (orgs) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. 1: Classes de palavras e processos de construção. Campinas: Unicamp, 2008. p.163-364.

- KRAGH, K.J. *Le remplacement de l'imparfait du subjonctif par le present du subjonctif considéré dans une perspective de grammaticalization*. (Études Romanes, 60). Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2010.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- _____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. Sociolinguistic Working Papers, Austin, Texas, Southwest Educational Development Laboratory, n.44.
- _____. Where do grammars stop? In: SHUY, R.W. *Sociolinguistics, Current Trends and Perspectives*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1973. p.43-48.
- _____. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- _____. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 1994.
- _____. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 2: Social Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers. 2001.
- _____. WEINER, J. *Constraints on the agentless passive*. J. Linguistics. 1983.
- LAVANDERA, B. *Variación y significado*. Buenos Aires: Lachette, 1984.
- _____. *Where does the sociolinguistic variable stop?* Language in Society, n.7, p.171-182, 1978.
- LEÃO, A.V. *O período hipotético iniciado por se*. Belo Horizonte: UFMG, 1961.
- LEVSHINA, N. *How to do Linguistics with R Data exploration and statistical analysis*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.
- LIMA, R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- LINDSCHOW, J. *Étude des modes dans le système concessive en français du 16e au 20e siècle et en espagnol moderne*. (Études Romanes, 61). Copenhagen: Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 2011.
- LOENGAROV, A. *L'alternance indicatif/subjonctif dans les langues romanes. Motivation sémantico-pragmatique et grammaticalisation*. Doctoral dissertation. Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, Belgium. 2006.
- MALVAR, E.S. *Future temporal reference in Brazilian Portuguese Past and Present*. Tese de doutorado. Ottawa, 2003, 223p.
- MARCUSCHI, A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTIN, R.; NEF, F. *Le futur linguistique: temps linéaire ou temps ramifié?* Languages 64. Special issue on grammatical tense. 1981. p. 81-92

- MATEUS, M.H.M. *Et al.* Gramática da língua portuguesa. 6 ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MATOS, P.T; SANTOS, T.T. *Implicações de uma análise linguística variacionista a partir de uma perspectiva discursivopragmática: um estudo inicial sobre o futuro no português brasileiro.* Revista Gatilho. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2010.
- MEIRELES, F.A.R. *Enquadre e Mapeamento: a contrafactualidade sob o enfoque sociocognitivo.* Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística). ICHL. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000.
- MENON, O. P. S. *Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP* [Microforme] Lille : Atelier national de Reproduction des Thèses, 1995. Université Paris Diderot - Paris VII. Disponível em: <http://www.worldcat.org/title/analyse-sociolinguistique-de-lindetermination-du-sujet-dans-le-portugais-parle-au-bresil-a-partir-des-donnees-du-nurcsp/oclc/490024316/editions?editionsView=true&referer=br>
- MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics: method and interpretation.* 4 ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- MOLLICA, M. C. A regência verbal do verbo ir em movimento. In : SILVA, G. M. O. (Org.) & SCHERE, M. M. (Org.). *Padrões sociolinguísticos.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996. p. 85-119.
- NEVES, M.H.M. *As construções condicionais.* In: NEVES, M.H.M. (org) Gramática do Português Falado. Vol. VII: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p.497-544.
- _____. *Gramática de usos do Português.* São Paulo: Unesp, 2000.
- OLIVEIRA, T.P. *As conjunções e orações condicionais no português do Brasil.* Tese de Doutorado, Linguística e Língua Portuguesa. FCL/Ar-Unesp, 2008.
- OLIVEIRA, J. M. de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança.* Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.
- OUSHIRO, L. *Condicionamento discursivo-pragmático no uso variável de Interrogativas-Q.* Estudos Linguísticos, São Paulo, 39 (2): p. 628-639, mai.-ago. 2010.
- _____. *Uma análise variacionista para as Interrogativas-Q.* Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2011.
- _____. *Introdução à Estatística para Linguistas*, v.1.0.1 (dez/2017). Disponível em <<http://rpubs.com/oushiro/iel>> Licença Creative Commons 4.0 Atribuição – Não comercial. Acesso em Dez de 2017.
- PALMER, F. R. *Mood and modality.* Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PIMPÃO, T.S. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação de Mestrado, Linguística. UFSC, 1999.

POPLACK, S. *Form-function (a)symmetry and the pursuit of categoricity. VARIATIONIST PRESENTATIONS*. Disponível em: <http://members.dynamicsoflanguage.edu.au/coedl-fest-2017/program/variationist-presentations/>. Acesso em Agosto de 2017.

_____. DION, N. Prescription vs Praxis: the evolution of future temporal reference in French. *Language* 85, vol. 3. p.557-587.2009.

_____. LEALESS, A.; DION, N. The evolving grammar of the French subjunctive. *Probus* 25, p.139-193. 2013.

ROMAINE, S. *On the problem of syntactic variation and pragmatic meaning in Sociolinguistic Theory*. *Folia Linguística*, 18 (3-4), (409-437), 1984.

RENZI, L. (org.) *Grande grammatica italiana de consultazione*. v.2. Bologna, Il Mulino. 1991.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANKOFF, G. *Above and beyond phonology in variable rules*. In.: SANKOFF, G. *The Social life of language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980.

SANKOFF, D. Sociolinguistics and Syntactic Variation. In.: *Linguistics: the Cambridge survey IV*. NEWMAYER, F. ed., London, 1988, p.140-161.

_____. *Sociolinguistic method and linguistic theory*. Universitb de Montrbal, Montreal, Quebec, Canada. 1982.

_____. TAGLIAMONTE, S. and SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto. 2005.

SILVA, R.C.P. da *A representação do tempo futuro em textos escritos: uma análise diacrônica*. *Revista da ABRALIN*. V. Especial. 2011.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística y pragmática del español*. Washington: Georgetown University Press, 2001.

STALNAKER, R. Assertion. In.: COLE, P. *Pragmatics: Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1978.

_____. *Common ground*. *Linguistics and philosophy*, vol 25, 701-721, 2002.

SWEETSER, E. Conditionals. In: SWEETSER, E. *From Etimology to Pragmatics*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1990. p.113-144.

TAGLIAMONTE, S. *Analysing Sociolinguistic Variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TAPAZDI, J.; SALVI, G. A Oração Condicional no Português Falado em Portugal e no Brasil. *DELTA* [online], v. 14, n. esp, n.p. disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000300017>>. Acesso em: 10 Jun 2015.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual – Discurso do Verbo no Português do Brasil*. Tese apresentada ao departamento de linguística do Instituto de Estudos e Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. CAMPINAS, 1991.

_____. *O Aspecto Verbal no Português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

APÊNDICE

Tabelas

Tabela 8 - Distribuição de combinações modo-temporais de acordo com a *temporalidade*

Temporalidade	FS+FI	FS+PI	PI+PI	Total
Temporais	39 – 14%	173 – 64%	58 – 22%	270
Atemporais	81- 34%	126 – 53%	32 – 13%	239

Tabela 9 - Distribuição de combinações modo-temporais de acordo com a *modalidade*

Modalidade	FS+FI	FS+PI	PI+PI	Total
Deôntica	4 – 11%	24 – 69%	7 – 20%	72 dados
Epistêmica Lógica	5 – 7%	56 – 78%	11 – 15%	72 dados
Epistêmica Objetiva	62 – 24%	149 – 57%	51 – 19%	262 dados
Epistêmica Subjetiva	49 – 35%	70 – 50%	21 – 15%	140 dados

Tabela 10 - Distribuição das combinações de acordo com a *definitude do sujeito*⁵⁵

Referência do sujeito [prótase] + [apódose]	FS+FI	FS+PI	PI+PI	Total
[definido] + [definido]	51 – 31%	95 – 58%	18 – 11%	164 dados
[definido] + [genérico]	8 - 40%	9 – 45%	3 – 15%	20 dados
[genérico] + [genérico]	54 - 21%	147 – 57%	58 – 22%	259 dados
[genérico] + [definido]	4 – 9% %	31 – 67%	11 – 24%	46 dados

Tabela 11 - Distribuição das combinações de acordo com o *tipo textual*

Tipo Textual	FS+FI	FS+PI	PI+PI	Total
Argumentativo	48 – 28%	84 – 51%	35 – 21%	164 dados
Descritivo	39 – 16%	159 – 67%	41 – 17%	106 dados
Narrativo	36 – 34%	56 – 53%	14 – 13%	106 dados

Tabela 12 - Distribuição das combinações de acordo com *sexo/gênero* dos informantes

Sexo/Gênero	FS+FI	FS+PI	PI+PI	Total
Feminino	54 – 23%	135 – 59%	42 – 18%	231 dados
Masculino	66 – 24%	164 – 59%	278 – 17%	278 dados

Tabela 13 – Modelos de regressão logística criados para as combinações PI+PI vs FS+FI

PI+PI vs FS+FI (<i>Intercept PI+PI</i>)			
Modelos	Grupos/Fatores selecionados	Estimativa	Valor de significância (p)
Efeitos Fixos – todos grupos	<i>Modalidade</i> (Epistêmica Lógica)	1,120	0,032*
	<i>Temporalidade</i> (Temporal)	-1,033	0,013*

⁵⁵ 20 dados não tinham referências, portanto nossos cálculos foram feitos com 586 dados.

	<i>Faixa etária</i> (46-55 anos)	-1,773	0,003**
	(56 anos ou mais)	-1,760	0,014*
	<i>Escolaridade</i> (Médio)	-0,975	0,020*
	<i>Definitude do sujeito</i> (genérico)	1,301	0,002**
	(genérico +definido)	2,513	0,0009***
Efeitos fixos – sem escolaridade	<i>Temporalidade</i> (Temporal)	-1,166	0,004**
	<i>Faixa etária</i> (36-45 anos)	-1,173	0,046*
	(46-55 anos)	-1,993	0,000***
	(56 anos ou mais)	-2,045	0,002**
	<i>Definitude do sujeito</i> (genérico)	1,330	0,001**
	(genérico +definido)	2,555	0,000***
Efeitos fixos – sem idade	<i>Temporalidade</i> (Temporal)	-1,155	0,004*
	<i>Escolaridade</i> (Médio)	-1,053	0,006**
	(Superior)	-0,954	0,030*
	<i>Definitude do sujeito</i> (genérico)	0,886	0,022*
	(genérico +definido)	2,021	0,004**
Efeitos mistos – todos os grupos	<i>Temporalidade</i> (Temporal)	-1,097	0,315*
	<i>Faixa etária</i> (46-55 anos)	-2,385	0,014*
	(56 anos ou mais)	-2,412	0,028*
	<i>Definitude do sujeito</i> (genérico)	1,604	0,003**
	(genérico +definido)	2,838	0,001**
Efeitos mistos – sem escolaridade	<i>Temporalidade</i> (Temporal)	-1,156	0,023*
	<i>Faixa etária</i> (46-55 anos)	-2,627	0,006**
	(56 anos ou mais)	-2,698	0,012*
	<i>Definitude do sujeito</i> (genérico)	1,683	0,002**
	(genérico +definido)	2,959	0,001**
Efeitos mistos – sem idade	<i>Temporalidade</i> (Temporal)	-1,208	0,022*
	<i>Escolaridade</i> (Médio)	-1,522	0,029*
	<i>Definitude do sujeito</i> (genérico)	1,342	0,006**
	(genérico +definido)	2,611	0,022*

Modelos: glm (efeitos fixos) e glmer(VD+VI+(1|INFORMANTE). Intercept de todas as rodadas: Faixa Etária (7-15 anos); Tipo textual (argumentativo); Modalidade (deôntica); Definitude ([Definido][Definido]); Temporalidade (atemporal); Sexo/Gênero (feminino).

Tabela 14 - Modelos de regressão logística criados para as combinações PI+PI vs FS+PI

PI+PI vs FS+FP (Intercept PI+PI)			
Modelos	Grupos/Fatores selecionados	Estimativa	Valor de significância (p)
Efeitos Fixos – todos grupos	<i>Faixa etária</i> (16-25 anos)	-1,102	0,020*
	(46-55 anos)	-1,292	0,002**
	(56 anos ou mais)	-1,292	0,010*
	<i>Tipo textual</i> (Descrição)	-0,817	0,015*
	<i>Definitude do sujeito</i> (genérico)	0,801	0,015*
Efeitos fixos – sem escolaridade	<i>Faixa etária</i> (16-25 anos)	-1,168	0,009**
	(46-55 anos)	-1,343	0,000***
	(56 anos ou mais)	-1,330	0,006**
	<i>Tipo textual</i> (Descrição)	-0,833	0,012*
	<i>Definitude do sujeito</i> (genérico)	0,807	0,013*
	(genérico +definido)	0,908	0,049*
Efeitos fixos – sem idade	<i>Tipo textual</i> (Descrição)	-0,672	0,036*
	<i>Definitude do sujeito</i> (genérico)	0,721	0,072*
Efeitos mistos – todos os grupos	<i>Faixa etária</i> (16-25 anos)	-1,186	0,044*
	(46-55 anos)	-1,447	0,007**
	(56 anos ou mais)	-1,428	0,020*
	<i>Tipo textual</i> (Descrição)	-0,819	0,027*
	<i>Definitude do sujeito</i> (genérico)	0,775	0,029*
Efeitos mistos – sem escolaridade	<i>Faixa etária</i> (16-25 anos)	-1,263	0,023*
	(46-55 anos)	-1,489	0,003**

	(56 anos ou mais)	-1,458	0,015*
	<i>Tipo textual</i> (Descrição)	-0,829	0,024*
	<i>Definitude do sujeito</i> (genérico)	0,781	0,026*

Efeitos mistos –
sem idade

Modelos: glm (efeitos fixos) e glmer(VD+VI+(1|INFORMANTE). Intercept de todas as rodadas: Faixa Etária (7-15 anos); Tipo textual (argumentativo); Modalidade (deôntica); Definitude ([Definido][Definido]); Temporalidade (atemporal); Sexo/Gênero (feminino).

Tabela 15- Modelos de regressão logística criados para as combinações FS+FI vs FS+FP

FS+FI vs FS+FP (<i>Intercept FS+FI</i>)			
Modelos	Grupos/Fatores selecionados	Estimativa	Valor de significância (p)
Efeitos Fixos – todos grupos	<i>Temporalidade</i> (Temporal) <i>Definitude do sujeito</i> (genérico+definido)	0,681 -1,250	0,020* 0,034*
Efeitos fixos – sem escolaridade	<i>Temporalidade</i> (Temporal) <i>Definitude do sujeito</i> (genérico+definido)	0,748 -1,211	0,010* 0,039*
Efeitos fixos – sem idade	<i>Temporalidade</i> (Temporal) <i>Definitude do sujeito</i> (genérico+definido)	0,720 -1,247	0,014* 0,03*
Efeitos mistos – todos os grupos	<i>Temporalidade</i> (Temporal) <i>Definitude do sujeito</i> (genérico+definido)	0,681 -1,250	0,020* 0,034*
Efeitos mistos – sem escolaridade	<i>Temporalidade</i> (Temporal) <i>Definitude do sujeito</i> (genérico+definido)	0,744 -1,221	0,011* 0,039*
Efeitos mistos – sem idade	<i>Temporalidade</i> (Temporal) <i>Definitude do sujeito</i> (genérico+definido)	0,719 -1,251	0,014* 0,033*

Modelos: glm (modelos fixos) e glmer (modelos mistos)(VD+VI+(1|INFORMANTE). Intercept de todas as rodadas: Faixa Etária (7-15 anos); Tipo textual (argumentativo); Modalidade (deôntica); Definitude ([Definido][Definido]); Temporalidade (atemporal); Sexo/Gênero (feminino).